



CAICÓ: UMA CIDADE ENTRE A RECUSA E A SEDUÇÃO

JUCIENE BATISTA FÉLIX ANDRADE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA E ESPAÇOS
LINHA DE PESQUISA: NATUREZA, RELAÇÕES ECONÔMICO-SOCIAIS E
PRODUÇÃO DOS ESPAÇOS

CAICÓ: UMA CIDADE ENTRE A RECUSA E A SEDUÇÃO

JUCIENE BATISTA FÉLIX ANDRADE

NATAL, SETEMBRO DE 2007

JUCIENE BATISTA FÉLIX ANDRADE

CAICÓ: UMA CIDADE ENTRE A RECUSA E A SEDUÇÃO

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História, área de Concentração em História e Espaços, Linha de Pesquisa Natureza, Relações Econômico-sociais e Produção dos Espaços, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do Professor Dr. Raimundo Pereira Alencar Arrais.

NATAL, SETEMBRO DE 2007

Catálogo da Publicação na Fonte. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Biblioteca Setorial Especializada do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Andrade, Juciene Batista Felix.

Caicó : uma cidade entre a recusa e a sedução. / Juciene Batista Felix Andrade. – Natal, RN, 2007.

148 f.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Pereira de Alencar Arrais.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em História.

1. Rio Grande do Norte – História – Dissertação. 2. Cidade – Caicó (RN) - História (1926-1936) - Dissertação. I. Arrais, Raimundo Pereira de Alencar. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA

NNBSE-CCHLA

CDU 94(813.2)

JUCIENE BATISTA FÉLIX ANDRADE

CAICÓ: UMA CIDADE ENTRE A RECUSA E A SEDUÇÃO

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-graduação em História na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pela comissão formada pelos professores:

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Raimundo Arrais
Departamento de História - UFRN
(Orientador)

Professor Doutor Iranilson Buriti de Oliveira
Departamento de História e Geografia - UFCG
(Examinador)

Professor Doutor Antônio Paulo Rezende
Departamento de História - UFPE
(Examinador)

Professor Doutor Almir Bueno
Departamento de História - UFRN
(Examinador/Suplente)

Natal, 28 de setembro de 2007.

A Joel, à minha família e à cidade de Caicó.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter conseguido finalizar meu trabalho com tranquilidade.

À minha querida família por ter sempre partilhado de meus sonhos, de minha caminhada. Sem o incentivo de vocês tenho certeza que esse caminho teria sido mais difícil, os meus agradecimentos ao meu pai Félix, minha mãe Marilene, minhas amadas irmãs Lidiene, Fabrícia e Isabelle. Meus cunhados, Jefferson e Francisco. Ao meu sogro João, sogra Albertina e cunhados Romerino, Ana de Fátima e Josivane;

A minhas amigas que sempre estiveram presentes em minha vida, mesmo algumas hoje estando ausentes: Kyara, Maíza, Alesandra, Biana, Raquel, Manu, amigas inesquecíveis;

Ao Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) por ter possibilitado minhas pesquisas no Laboratório de Documentação Histórica do professor Joel Andrade e da bolsista Gracineide. Também à colega Joelma Tito que muito auxiliou na pesquisa de alguns acervos; também no CERES, aos alunos do V Período de História, turma com a qual realizei meu estágio;

Ao Senhor Guga Gurgel, à Câmara Municipal de Caicó e à Prefeitura Municipal de Caicó, esta na pessoa do funcionário Miguel por terem disponibilizado a documentação para nossa pesquisa;

À minha querida amiga Olívia. Como agradecer tanta generosidade a uma pessoa que esteve ao meu lado desde os primeiros passos dessa pesquisa. Meu eterno agradecimento.

De forma carinhosa a cada membro da turma do Programa de Pós-Graduação em História do ano de 2005. Foi muito bom tê-los ao lado nessa caminhada de muitas descobertas;

Aos amigos Helder, Bruna e Mirian. Bruna minha querida e amada amiga, sinto muito sua falta. Helder e Mirian, por suas constantes contribuições durante e pós-pesquisa;

Ao professor Raimundo Arrais, meu orientador, por sua paciência. O seu aguardo sempre foi muito importante para mim me permitindo crescer, trilhar meu próprio caminho. As palavras são poucas para expressar o enorme carinho, admiração e agradecimento que tenho pela pessoa e pelo profissional que você é;

De forma também muito especial à Cétura, secretária do Programa de Pós-graduação em História, sempre presente quando precisávamos de você.

Aos professores Iranilson Buriti de Oliveira, Durval Muniz de Albuquerque Júnior, Almir Bueno, Maria da Conceição Fraga e Flávia Pedreira pela contribuição que cada um nos proporcionou durante essa caminhada;

Aos professores Fábio Gutemberg Barbosa de Sousa (*in memoriam*) e Antônio Clarindo Barbosa de Sousa e Regina Coelli pelas constantes palavras de estímulo durante esta caminhada;

À professora e amiga Jailma Lima pelo apoio e pela hospitalidade durante todo o período em que estive em Natal cursando os seminários do mestrado;

Aos professores Douglas Araújo, Ione Rodrigues Diniz Moraes, Eugênia Maria Dantas, Erivan Ribeiro de Faria, Dirceu Ribeiro de Faria, Muirakytan Kennedy de Macedo e Isabel Cristina, pelo estímulo e pelo acesso a diversas fontes sobre a história de Caicó;

Às professoras Lidiene Batista Félix e Rosângela Melo pelas correções da língua vernácula;

Aos professores Antônio Paulo Rezende, Iranilson Buriti e Almir Bueno por aceitarem participar da nossa banca examinadora;

Ao Conselho de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de uma bolsa que permitiu adequadas condições para realização da pesquisa;

E finalmente, ao meu amado companheiro. Nos momentos de inquietudes e incertezas a sua força e alento foram um bálsamo imprescindível. Joel, o meu amor a você. Obrigado por tudo!

Uma cidade é construída por diferentes tipos de homens;
pessoas iguais não podem fazê-la existir.

Aristóteles, *Política*

RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a cidade de Caicó, situada no interior do Rio Grande do Norte, entre meados da década de 1920 e início de 1930. Nela se busca perceber os diferentes projetos pensados para a cidade, bem como os desafios com os quais ela se defronta em virtude das novas idéias de modernidade em circulação no mundo. Consiste, assim, num importante exercício histórico sobre a relação entre história e espaço, na medida em que faz vir à tona uma cidade lida por diversos ângulos, cujas perspectivas podem ser visualizadas nos “fragmentos de memória”, tais como jornais, processos-crime, relatórios, memórias, livros, etc., que mostram a tensão entre o velho e o novo. Desta forma, pensa-se em transformar o espaço, dando-lhe novos referenciais, inspirados no que ocorre nas grandes cidades do Brasil e do mundo, através do uso das técnicas, da eletricidade, do cinema, da imprensa, do automóvel, etc., ao mesmo tempo em que se precisa lidar com as permanências, a exemplo dos velhos costumes e das secas e dos “flagelados”. Foi nessa fase conflituosa que as elites tentaram legitimar a cidade de Caicó enquanto a “Capital do Seridó”, no limiar entre a recusa e a sedução.

Palavras-chave: Rio Grande do Norte; Cidade; Caicó

ABSTRACT

This research has as object of study the city of Caicó, Rio Grande do Norte State, between the middle part of the decade of 1920 and the beginning of 1930. It intended to perceive the projects thought to the city of Caicó as well as the challenges due to the new ideas of modernity that were circulating around the contemporary world. So it consists in an important historical exercise about the relation between history and space in to the extent that itself comes to surface a city deals by diverse angles whose perspectives can be read in several "fragments of memory", such as newspapers, trials-crime, reports, memories, books, etc., those show the tension between the traditional and the modern way of life one. In this way, it's tried to transform the space, giving it a new reference, inspired in what occurs in the Brazilian big cities and around the world, through the use of the techniques, of the electricity, of the movies, of the press, cars, medicine and so on. At the same time in that is necessary-itself deal with the permanencies such as the old manners and the droughts and theirs "flagellated" people. Therefore, it is in this difficult phase that is tried legitimize the city of Caicó as the "Capital of the Seridó", in the threshold between the refusal and the seduction.

Key-words: Rio Grande do Norte; City; Caicó

LISTA DE ILUTRAÇÕES

Mapa 01: Mapa da região do Seridó com as principais cidades.....	24b
Fotografia 01: Hospital do Seridó.....	31
Fotografia 02: Rua Coronel Martiniano.....	34
Fotografia 03: Árvores sombreiras na Rua	54
Fotografia 04: Anúncio de carro em Caicó	76
Fotografia 05: Quando motoristas estão á solta.....	78
Fotografia 06: <i>A Saude da Mulher</i>	81
Fotografia 07: Xarope São João.....	82
Fotografia 08: Moças na Festa de Sant'Ana.....	91
Fotografia 09: Trabalhadores no Itans.....	101

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: População de Caicó Anos 1920 e 1930.....	40
Tabela 2: Prefeitos de Caicó (1926-1934).....	110
Tabela 3: Óbitos em Caicó 1931.....	124
Tabela 4: Principais doenças em 1932.....	125
Tabela 5: Principais doenças em 1933.....	126

SUMÁRIO

Introdução.....	12
Capítulo I: Caicó: crônicas de uma cidade.....	21
1.1 Caicó: as notícias de sedução e desejos.....	31
1.2 Caicó e as pedagogias do moderno.....	44
Capítulo II: Caicó: novas práticas de consumo.....	63
2.1 Tempo e Consumo.....	69
2.2 O Cinema e a festa de Sant'Ana: vitrines do progresso.....	84
Capítulo III: Caicó: da sedução à tragédia.....	93
3.1 O Anúncio de uma Tragédia.....	95
3.2 A Cidade Invasa.	107
3.3 Caicó: corpos da fome, da doença e da morte.....	117
Considerações Finais.....	131
Acervos e Fontes.....	136
Referências.....	140

Introdução

O caminho – meu caminho – parece se apossar deste texto de caminhante: eu ia, vagava... percorri minha estrada... ia viajante corajoso caminhar e/ou escrever, é o trabalho sem trégua, pela força do desejo sobre as esporas de uma curiosidade ardente que nada poderia deter.

Michel de Certeau¹

Esta dissertação tem como objeto de investigação a cidade de Caicó, localizada na micro-região do Seridó potiguar, entre as décadas de 1920 e 1930. Uma cidade que historicamente foi construída para figurar como a “Capital do Seridó” potiguar e onde os sujeitos estabeleceram traços específicos de uma cultura, uma forma de sentir e de vivenciar a configuração do espaço histórico.

Intitulado ***Caicó: uma cidade entre a recusa e a sedução***, este trabalho surgiu a partir de uma curiosidade pessoal despertada durante as caminhadas que fiz por Caicó no período das festas tradicionais da cidade: o Carnaval e a Festa de Santana, em locais como a feira, na Avenida Coronel Martiniano, no Mercado Central, etc., bem como na observação de fragmentos escritos deixados nos arquivos da Câmara Municipal e da Prefeitura de Caicó, e no Laboratório de Documentação Histórica (LABORDOC), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Este recorte compreenderá uma curta duração, fins de 1920 ao início de 1930, que nos permite observar os projetos e idéias que redefiniam a cidade de Caicó nas páginas dos jornais, principalmente a partir do *Jornal das Moças*, lançado em 1926; nos projetos educacionais e sanitaristas, iniciados no governo Estadual de José Augusto Bezerra de Medeiros e ampliados para o interior do Estado; nos códigos de controle e disciplina tanto para a elite quanto para a população pobre

¹ CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano – artes do fazer*. Petropolis: Vozes, 2001. p.169-192.

com o advento do Governo Provisório em 1930, etc. Na documentação referente à administração da prefeitura de Caicó, nos anos 1931-1934, percebemos um intenso controle por parte do governo Federal nos estados administrados pelos interventores.

As questões acima apontadas permitem-nos também realizar uma história social do espaço urbano. Poderíamos afirmar que no Rio Grande do Norte os estudos sobre o espaço urbano têm privilegiado a cidade de Natal, e não as cidades do interior como Mossoró e Caicó. Todavia, entendemos que tal limitação se justifique pela carência de fontes ou de abordagens no campo historiográfico local. Tal problemática pôde ser repensada na medida em que tivemos acesso a fontes históricas que mostram que mesmo aquelas pequenas cidades do interior vivenciaram com a mesma intensidade as expectativas da modernidade.

Portanto, a nossa preocupação principal nesse estudo, inserido no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, foi problematizar as configurações simbólicas do espaço citadino de Caicó. A reflexão sobre a cidade de Caicó, entre os anos 1920-1930, nos levou a situar esta cidade numa ambivalência, entre a recusa e a sedução: a recusa, por mudanças bruscas dadas por suas políticas e práticas tradicionais, e a sedução, externada por suas elites nas crônicas e nos reclames dos jornais que almejavam as novidades e viam a possibilidade de instauração de novas práticas de consumo como carros, remédios, vestuários, etc. e nas políticas públicas que buscavam angariar apoio para mudanças do espaço e da vivência do homem seridoense.

Os indivíduos constroem historicamente suas relações com o espaço e criam laços de identificação e de pertença. Abordando esse estudo nessa perspectiva, acreditamos que seja possível uma desnaturalização da noção do espaço urbano de Caicó. A cidade é formalizada por um conjunto de imagens e textos, um corpus espacial que passa por releituras constantes. Trabalhar uma leitura sobre o espaço-cidade não deve ser unilateral, nem definitiva, pois se encarada como um “corpo escrito” oferecerá inúmeras possibilidades de leituras e interpretações. Neste trabalho, a cidade será o espaço de escrita nas matérias impressas dos jornais, ou o espaço de regras do *Código de Posturas*, ou o espaço onde o corpo do flagelado vai assumir outra condição: a do indigente, do

sofrimento...

Dessa forma, em minhas *caminhadas pela cidade*, parafraseando Michel de Certeau², aproximei-me de Caicó esboçando um conjunto de perguntas, realizando uma sondagem das fontes históricas que permitissem um contato com o *locus* de pesquisa tanto no tempo quanto no espaço. Primeiramente, no *Jornal das Moças* (1926), em que Caicó aparece como uma cidade que busca se inserir na lógica da modernização, que é marcada pela apropriação de discursos externos (vide o que ocorria nos grandes centros do país) e pela tentativa de adequação dos mesmos ao cenário local.

Entretanto, que cidade se apresenta nessa pesquisa? Quais as singularidades de suas experiências históricas, culturais, sociais? Como foi se construindo uma lógica disciplinada dos usos dos espaços, dos consumos e costumes? São perguntas que vêm delinear a problemática que permeia este trabalho. De acordo com as novas propostas historiográficas, o ofício do historiador se fundamenta necessariamente por uma problematização. Retomando uma velha questão dos fundadores dos Annales, problematizar significa pensar, refletir e questionar o objeto escolhido para o estudo. Talvez esta seja a singularidade do historiador como bem trabalhou Marc Bloch em sua *Apologia da História*, isto é, o historiador é um homem de seu tempo, que constrói seu objeto de pesquisa a partir de uma problemática que permeia a sua época. Todavia, vale ressaltar que como a história possui um caráter lacunar e que se trabalha apenas com vestígios do passado de uma sociedade, é impossível recuperar o todo.³

O passado é pensado pelos olhos do presente e sabendo-se que, na arte de produzir história, a verdade é um conceito relativo, percebe-se que ela é composta por discursos elaborados de forma interessada para enredar uma trama.⁴ Partindo dessa idéia, este estudo propõe elaborar caminhos, atalhos, para que se possa compreender a experiência da cidade de Caicó entre a segunda metade dos

² CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano – Artes do Fazer*. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 169.

³ BLOCH, Marc. *Introdução à História*. 6ª. Portugal: Europa América, 1976.

⁴ VEYNE, Paul. *Como Se Escreve A História – Foucault revoluciona a História*. Brasília: EdUNB, 1998.

anos 1920 e primeira dos 1930.

Os estudos sobre cidades têm sido um dos focos inspiradores da História Social e da História Cultural, consistindo num alargamento do olhar historiográfico, dos campos temáticos, da concepção de fonte e do trabalho com grupos sociais e suas experiências. Neste sentido, vários autores têm se voltado para diversos pontos da realidade brasileira, produzindo trabalhos interessantes, a exemplo de Sebastião Rogério Ponte, Fábio Gutemberg Bezerra de Sousa, Raimundo Arrais, Antônio Paulo Rezende, Sandra Jatahy Pesavento, Gilmar Arruda⁵, entre outros que têm tomado a cidade como objeto de inspiração para suas pesquisas.

Neste sentido, procuramos perceber como Caicó interagiu com as experiências do processo de modernização que estavam em curso nas grandes cidades brasileiras - como Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, sem perder obviamente de vista, os seus impasses e limitações. Por isso, pensar a cidade de Caicó durante os anos 1920 e 1930 abre uma possibilidade de compreender como uma cidade do interior potiguar consumiu os ares da modernidade que se difundiram por todo o Brasil. Embora boa parte dos trabalhos de historiadores enfoque cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Recife, é importante ressaltar que cada espaço, independente de suas dimensões, como é o exemplo de Caicó, vivenciou experiências não menos intensas.

Uma cidade é fruto de estratégias, planos, cálculos, desejos e sonhos, traços que aos poucos vão sendo delineados por atitudes múltiplas dos grupos sociais que compõem o seu núcleo humano, não sendo, assim, uma emergência aleatória no espaço. Compreendemos a cidade como um espaço histórico sempre em transformação, em movimento, enquanto uma dimensão representativa de inúmeros projetos de mudanças, mas também de permanências. A cidade consiste em um lugar de práticas e, por isto, de investimentos tanto no plano do privado como do público.

A cidade na modernidade, mais que um lócus, será um personagem que

⁵ PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: Reforma urbana e controle social, 1860-1930*; SOUSA, Fábio Gutemberg Bezerra de. *Cartografias e Imagens da Cidade: Campina Grande – 1920-1945*; ARRAIS, Raimundo. *Recife: culturas e confrontos*; REZENDE, Antônio Paulo. *(Des)encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*; PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Imaginário da Cidade*; ARRUDA, Gilmar. *Cidades e Sertões*.

desencadeia lutas entre o progresso e a tradição. Enquanto o progresso “destrói” e arrasa em nome da novidade, realizando cirurgias urbanas e rearranjando o traçado da cidade em nome da beleza, da higiene e da civilidade, a tradição resiste a transformações, luta pela permanência do *status quo* de suas elites. Tomamos a cidade como um personagem que transita em meio à ambigüidade. Nessa perspectiva, a cidade representa a possibilidade de se trabalhar um campo amplo de pesquisas e discussões interdisciplinares com a antropologia, o urbanismo, a sociologia, a geografia, a historiografia, a literatura, etc.

Os estudos das representações construídas sobre a cidade e o imaginário urbano fazem usos de discursos e imagens que incidem sobre os espaços, sujeitos e práticas do social. O imaginário urbano diz respeito a formas de percepção, identificação e atribuição de significados ao mundo. Portanto, ao trabalhar com essa perspectiva, o que nos interessou para tecer o quadro desse trabalho, além da dimensão espacial, foi a experiência singular de Caicó cuja leitura pode ser feita através das múltiplas fontes históricas.

Conforme inspiração da leitura de Jacques Le Goff: a fonte enquanto um documento é um monumento, uma roupagem, uma moldagem, que é preciso saber decompor, desmontar, desmitificá-lo.⁶ É neste sentido que analisamos e buscamos compor um novo texto sobre a cidade de Caicó.

A cidade de Caicó tem sido objeto de vários estudos, entre eles, *Sertões do Seridó* de Oswaldo Lamartine (1980); *Caicó*, projeto da Fundação José Augusto e Centro de Pesquisas Juvenal Lamartine (1982); *Homens e Fatos do Seridó Antigo*, de Dom José Adelino Dantas (1958); *História do Açude Itans, município de Caicó: RN* (1994) de Francisco de Medeiros Vale; *Desvendando a Cidade: Caicó em sua dinâmica espacial* (1999) de Ione Rodrigues Diniz Moraes; *Caicó, Cem Anos Atrás*, de Olavo de Medeiros Filho; *Caicó: subsídios para a história completa do Município*, de Pe. Eymard L'E. Monteiro (1999, 2ª edição); *A Invenção de Caicó*, de Moacir Cirne (2002); *A Penúltima Versão do Seridó: uma história do regionalismo seridoense* (2005) de Muirakytan Kennedy de Macedo; *A Morte do Sertão Antigo no Seridó: o desmoronamento das fazendas agropecuarísticas em Caicó e Florânia* -

⁶ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 3 ed. Campinas: EdUnicamp, 1994.

(1970-90)(2005) de Douglas Araújo.

Além das fontes bibliográficas acima, lançamos um olhar sobre a cidade de Caicó a partir de outros fragmentos de memória, que entrecruzados permitiram a construção de um novo texto. As matérias do *Jornal das Moças*, e fragmentos de jornais que circularam no âmbito local, como *O Binóculo*, *Jornal de Caicó*, *Jornal de Seridó* e *O Seridoense*, *Código de Postura* (1928), o *Álbum Fotográfico Caicó: ontem e hoje*, organizado pela Associação dos Ex-alunos do Colégio Diocesano Caicoense, baseado no rico trabalho do fotógrafo José Ezelino, cartas, ofícios e telegramas da prefeitura, processos-crime, atestados de óbitos, e o jornal *A República*, órgão oficial do Governo Provisório instalado em 1930, relatório do Ministério de Viação e Obras na gestão de José Américo de Almeida constituem o nosso material.

No manuseio e incorporação de trechos destas fontes na construção do nosso texto, optamos por manter a sua escrita original por entendermos que determinadas expressões numa língua têm o seu lugar-tempo e correspondem a uma dada concepção de mundo.

A partir desse rico material percebemos a cidade de Caicó como uma cidade-espço investida de historicidade, sendo desenhada e redesenhada por meio de múltiplas experiências. Pensar a cidade é, portanto, antes de qualquer coisa, entender que este objeto corresponde a um espaço investido de vidas, tensões, conflitos e trocas de experiências, uma miscelânea de ações que vão traçando seu mapa de existência. Como afirma o historiador Antônio Paulo Rezende, “as cidades são como os sonhos, são construídas por desejos e medos...”⁷

Acompanhada das leituras bibliográficas, das fontes pesquisadas e das questões que permearam nosso eixo problemático, é chegada a hora então de indicar as veredas que nos levam à cidade de Caicó:

No I Capítulo - **Caicó: crônicas de uma cidade**, fizemos uma análise da produção de uma elite letrada que em seus escritos projetava uma cidade desejada e sintonizada com a modernidade. São analisados em sua maioria artigos de jornais, crônicas, que nos possibilitaram visualizar os anseios de uma sociedade que estava influenciada pela lógica do “progresso” e da “civilidade” e que buscava se

⁷ REZENDE, Antônio Paulo. *(Des)encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: FUNDARPE, 1997. p. 22.

legitimar como a “Capital do Seridó”. O capítulo inicialmente apresenta uma pequena discussão sobre o *Jornal das Moças*, produzido em 1926, que em grande medida norteará essa primeira discussão. No tópico **Caicó: as notícias de sedução e desejos**, o diálogo com o *Jornal das Moças* foi importante para que problematizássemos os projetos de intervenções urbanas representados nas matérias veiculadas no periódico por essa elite letrada; em seguida, no tópico **Caicó e as pedagogias do moderno**, debatemos como nas páginas do *Jornal das Moças* a idealização dessa cidade também foi reforçada pelo processo de normatização institucional através de crônicas escritas por essas elites que forneciam as diretrizes de comportamento dos cidadãos bem como a definição das regras de usos e ocupações do espaço.

No II Capítulo – **Caicó: novas práticas de consumo**, deslocamo-nos para as práticas de consumo a serem inseridas no cotidiano da cidade de Caicó. A primeira idéia com a qual trabalhamos é que a moderna industrialização trouxe para o cotidiano das cidades uma vastidão de mercadorias e novidades que, juntamente com seu consumo, reforçavam a idéia de uma cidade sintonizada com o progresso. No tópico **Tempo e consumo**, consideraremos como algumas categorias, a exemplo do tempo, foram afetadas e repensadas a partir das inovações tecnológicas como a hora mecanizada em substituição ao horário da igreja - o sino da Igreja Nossa Senhora de Santana, em Caicó, deveria continuar a ser utilizado apenas para a chamada às missas, segundo defendem os cronistas; em **O Cinema e a Festa de Sant’Ana: vitrines do progresso**, o cinema como um signo da modernidade tinha, além da dimensão lúdica, a dimensão educativa que visava suplantiar velhas práticas. Pelo cinema se tinha contato com o mundo exterior, a exemplo das propagandas exibidas nos intervalos dos filmes no cinema e teatro Avenida do senhor Eunico Monteiro. Contudo, em virtude dos preços, nem todos os caicoenses tinham acesso. Além do cinema, a festa de Sant’Ana consistiu num espaço privilegiado para a elite caicoense exibir uma cidade com ar de progresso para os ilustres visitantes. Algumas crônicas pediam que a municipalidade não descuidasse da energia elétrica, fundamental para mostrar o progresso: a festa poderia se prolongar pela noite sem o temor da escuridão.

No III Capítulo - **Caicó: da sedução à tragédia**, uma nova cartografia da

cidade e a preocupação com o espaço vivido e narrado foram acentuadas durante a seca de 1930-1932 como mostram as matérias do jornal *A Republica*, as correspondências entre a Prefeitura e Interventoria Estadual do Rio Grande do Norte, crônicas, relatórios, atestados de óbitos e memórias.

No tópico **O anúncio de uma tragédia**, o espaço caicoense passa a ser objeto de sedução com a migração de milhares de flagelados da região e de outros Estados que, em busca de empregos, eram alocados em obras emergenciais como: reformas das estradas de rodagem e construções de açudes, em especial a do Açude Itans, financiada pelo Governo Federal; em **A cidade invadida**, Caicó se torna um espaço perigoso e conflitante com a efervescência de pessoas, tanto no que se refere à criminalidade quanto à proliferação de epidemias, fazendo de Caicó um espaço ambivalente entre a sedução – pela esperança projetada naquele espaço, e a recusa - pelo temor que causava uma multidão desesperada; em **Caicó: corpos da fome, da doença e da morte**, contamos a história de uma cidade moribunda onde homens, mulheres e crianças padeceram pela falta de alimentos e água potável, pela proliferação de doenças (tifo, gastroenterite, dispepsia, sífilis, disenteria) e de condições adequadas de higiene. Naquele momento, a criança foi a mais atingida conforme atestam os óbitos registrados pelo Departamento Nacional de Saúde Pública e inúmeros outros problemas cujas políticas públicas tentavam de forma desesperada minimizar.

CAPÍTULO I

Caicó: crônicas de uma cidade

Chico César disse em uma música: *Ah! Caicó arcaico/ Em meu peito catolaico/ Tudo é descrença e fé/ Ah! Caicó arcaico/ Meu cashcouer mallarmaico/ Tudo rejeita e quer [...]*.⁸ Este desejo que oscila entre o querer e o poder, permeou a história caicoense do início do século XX, marcando definitivamente as configurações que a cidade tem em nossa contemporaneidade. Neste sentido, a escrita tem um poder de materialização dos sonhos e desejos dos homens e da sociedade em que vivem...

As crônicas veiculadas em periódicos locais, como o *Jornal das Moças* (1926), o *Jornal do Seridó* (1927 e 1929), o *Jornal de Caicó* (1931), *O Seridoense* (1925), bem como o *Código de Posturas* (1928), em vigência na época, permitiram a composição de um cenário de representações históricas de Caicó, cidade localizada na Microrregião do Seridó Ocidental, no Estado do Rio Grande do Norte, entre os anos 1920-1930, quando uma pequena parcela da sociedade caicoense projetava nas folhas dos jornais seus desejos e sonhos, buscando uma cidade atualizada com o “progresso” e a civilização dos grandes centros do Brasil, como São Paulo, Rio de Janeiro, Santos e Recife.⁹

O fato de as pessoas que escreviam nos jornais estarem atualizadas com as últimas novidades e de empreenderem viagens a lugares de “adiantamento”, os centros de onde irradiavam os valores de conduta nas cidades modernas possibilita-nos fazer uma afirmação: foi na produção literária que se inscreveram as normas, os valores e as linguagens, e nela esse grupo social elaborou uma representação de si e da sociedade.¹⁰ É no âmbito das crônicas veiculadas nos periódicos que a pequena parcela da elite caicoense expunha e produzia suas imagens e discursos, consoantes às novas idéias de que a cidade era “progressista”.

⁸ A Prosa Impúrpura do Caicó. Música de Chico César. A letra da música encontra-se disponível em: <http://vagalume.uol.com.br/chico-cesar/a-prosa-impurpura-do-caico.html>. Acesso em: 15/08/2007. De acordo com Moacy Cirne, há uma informação interessante a respeito do músico paraibano Chico César que se inspirou no célebre filme *A Rosa Púrpura do Cairo*, de Wood Allen, para compor *A Prosa Impúrpura do Caicó*, o filme claro se chama: *A rosa púrpura do Cairo*. In: CIRNE, Moacy. *A Invenção de Caicó*. Natal: Sebo Vermelho, 2004. p. 89.

⁹ Ver introdução do trabalho de Fábio Gutemberg Ramos Beserra de Souza que trata da ampliação dos estudos sobre cidades, extrapolando, no Brasil, o olhar resumido à São Paulo e ao Rio de Janeiro. *Cartografias e Imagens da Cidade: Campina Grande – 1920-1945*. Tese [Doutorado] Campinas, 2001.

¹⁰ ARRAIS, Raimundo. *Recife: Culturas e Confrontos*. Natal: EDUFRN, 1998. p. 03.

Para Antonio Candido, a crônica não nasceu propriamente com o jornal. Só quando este se tornou cotidiano, de tiragem relativamente grande e teor acessível, é que a crônica se estabeleceu como um destacado gênero de leitura. Isso aconteceu porque a crônica não tinha pretensões de durar, uma vez que era filha do jornal e da máquina, onde tudo acabava tão depressa. Ela foi feita para essa publicação tão efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha.¹¹

Portanto, no que diz respeito ao conteúdo das crônicas jornalísticas, cabe destacar alguns aspectos relevantes: a despeito das mudanças na imprensa, a crônica conservou seu caráter de narrativa e de registro; contudo, redefiniu a sua reivindicação da “verdade” em favor da subjetividade do cronista: ora são diálogos, ora pode marchar rumo ao conto, como também podem comunicar coisas mais sérias e mais empenhadas por meio do ziguezagueante de uma aparente conversa fiada.¹²

Dessa forma, além de registrar o cotidiano numa linguagem mais solta ou mais poética, a crônica prendia-se à realidade do efêmero fixado pelo cronista, ou seja, por seu caráter superficial e por seu suporte na imprensa (jornal ou revista), que a tornava avelhantada no outro dia, é que a crônica ganha sua modernidade¹³, atrelada ao cotidiano urbano. O cronista passa a ser um observador, e podemos compará-lo ao *flâneur* de Baudelaire explorado por Benjamin, uma testemunha, um transeunte muito especial de sua contemporaneidade, que tem consciência da fluidez dos fatos e acontecimentos que configuram o cotidiano. Em grande medida, as crônicas podem ser consideradas respostas a certas perplexidades pessoais e sociais.

Portanto, os jornais da pequena Caicó traziam nas crônicas as experiências de uma cidade interiorana, nos anos de 1920 e 1930, para o debate em torno da modernidade, pois grande parte desses jornais era concebida pelas suas

¹¹ CANDIDO, Antonio (*et al*). *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. Unicamp e Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 14-15.

¹² CANDIDO, Antonio (*et al*). *op. cit.* p. 20-21.

¹³ GOMES, Renato Cordeiro. *A Crônica Moderna e o registro de representações sociais do RJ*. Disponível em: http://www.pacc.ufrj.br/literatura/polemica/_renato_cordeiro_gomes.php. Acesso em: 31/05/2007.

elites como “agentes civilizatórios”, e era visível a orientação pedagógica impressa neles. Eles se pautavam pelo discurso do progresso e pela ação da elite intelectual que, agindo de cima, pretendiam moldar a sociedade.¹⁴

A crença no progresso foi um debate que embalou a sociedade Ocidental. Segundo Marshall Berman, a modernidade apresenta três fases: do início do século XVI até o século XVIII, quando as pessoas começaram a experimentar a vida moderna, porém ainda sem saber o que estava acontecendo. A segunda fase teria começado com a onda revolucionária de 1790; a Revolução Francesa e suas reverberações trouxeram à tona um grande e moderno público que compartilha do sentimento revolucionário e de suas convulsões em todos os níveis da vida pessoal, social e política. Apesar disso, ainda viviam num mundo que não era moderno por inteiro. Ainda como afirma Marshall Berman, é dessa profunda dicotomia que se desdobram as idéias de modernismo e de modernização. No século XX, na terceira fase, o processo de modernização se expande virtualmente a ponto de abarcar o mundo todo, e a cultura mundial do Modernismo em desenvolvimento atinge e triunfa na arte e no pensamento.

A imprensa neste período teve um papel primordial. O *Jornal das Moças*, “orgão noticioso, crítico e literário” de Caicó, que apareceu pela primeira vez em 07 de fevereiro de 1926, trouxe em sua primeira página uma crônica de congratulação à sociedade caicoense pela criação daquele periódico dominical, que teria vindo “dar voz” às mulheres, estando em consonância com o que se chamava de “adiantado progresso do país”. Ele pretendia ser um espaço de reflexão sobre a inserção da mulher nos destinos da nação. Contudo, ao refletir sobre a condição feminina na sociedade contemporânea brasileira, as redatoras do *Jornal das Moças* apresentaram em suas crônicas, também, o anseio de mudanças de hábitos e do cotidiano da cidade de Caicó.

Dessa forma, o periódico que era editado por moças da sociedade caicoense, leitoras privilegiadas da cidade, contava com diversas colaborações, a exemplo das professoras Julia Medeiros, Dolores Diniz, Georgina Pires e Santinha

¹⁴ ARRAIS, Raimundo. *Recife: Culturas e Confrontos*. Natal: EDUFRN, 1998. p. 32.

Araújo¹⁵, trazendo em suas linhas o cotidiano e o desejo de uma pequena parcela da população que pensou sobre o espaço, sobre os hábitos e os costumes, sobre as festas na cidade. Aquele periódico representava um momento de efervescência que se caracterizava pelo desejo de mudanças nas sensibilidades e pela emergência de novos valores e sociabilidades. Neste sentido, ficou explícito o esforço do grupo editorial para conquistar adeptos do sentimento de repúdio a comportamentos que não condiziam com os novos tempos.

No domínio do espaço jornalístico¹⁶, Caicó teve uma grande produção de folhetins, periódicos e jornais, podendo-se até falar em uma tradição da imprensa caicoense. De acordo com Eymard Monteiro, o primeiro jornal “nascido” em Caicó foi denominado de *O Povo* fundado em 1889 e pertencente a José Renault¹⁷, dirigido por Diógenes Santiago da Nóbrega e Olegário Vale. Outros surgiram nesse caminho, como *O Seridó*, em 1900; *O Eco Sertanejo*, em 1907; *O Correio do Seridó*, de 1909 e outros de tradição manuscrita, *A Sentinela*, *O Rebate* e *A Distração*, todos de 1909. Nos anos de 1920 e 1930, outros jornais que contribuíram com a produção da imprensa caicoense foram *O Jornal do Seridó*, de 1927; *O Ideal de Juventude*, de 1931 e *O Jornal de Caicó*, de 1930.

Dessa forma, o *Jornal das Moças* estava inserido numa lógica de produção jornalística auxiliado por figuras como José Gurgel de Araújo e Renato Dantas, jornalistas experientes, sendo que o primeiro dirigiu muito dos jornais produzidos em Caicó e o segundo escreveu várias crônicas.

É importante perceber que o projeto do jornal estava em consonância com os discursos femininos das articulistas do periódico: a mulher intelectualizada era a responsável pela educação e construção da (nova) Pátria brasileira. De acordo com Maria Bernadete Ramos, o movimento feminista também possui um caráter conservador que privilegiou, no Brasil nos anos de 1920, o papel da educação na

¹⁵ Além da equipe feminina, algumas figuras masculinas tinham papel de destaque na colaboração ao periódico, a exemplo, entre outros, de Renato Dantas, que na época era estudante da Faculdade de Direito do Recife, e de José Gurgel, destacado farmacêutico na cidade de Caicó.

¹⁶ Para melhor discussão ver: MONTEIRO, Pe. Eymard. L'E. *Caicó: Subsídios para a história completa do Município*. 2ª edição (1ª edição 1944), Natal: Sebo Vermelho, 1999. p. 80-84.

¹⁷ José Renault, farmacêutico radicado em Flores (hoje Florânia), recebeu a proposta de mudar-se para Caicó e junto trazer sua tipografia para auxiliar na fundação do jornal *O Povo*. Os articuladores dessa proposta foram: Olegário Vale, Diógenes da Nóbrega e Janúncio da Nóbrega Filho.

formação da mulher para o exercício da maternidade e para as atividades profissionais aceitáveis pela sociedade, especialmente o magistério, a enfermagem e a datilografia.¹⁸ Em Natal, esse projeto estava concentrado na Escola Doméstica¹⁹, inaugurada em 1914 e idealizado por Henrique Castriciano. A Escola contava com um currículo que contemplava matérias teóricas e práticas, a ser trabalhado pela educação e instrução, tornando as alunas aptas para as lides domésticas e para os desafios da vida.

Portanto, no jornalzinho, as crônicas que refletiam acerca da figura feminina e da conquista de seu lugar destacado na sociedade não apontavam para nenhum radicalismo excêntrico, do tipo que proporia marcha de mulheres na rua em luta pelos seus direitos. Ao contrário disso, havia um cuidado das autoras que produziam as crônicas em não serem confundidas com as sufragistas ou com o tipo de feminismo que assustava parte da sociedade por tentar desarticular os lugares já pré-estabelecidos para os homens e mulheres. Maria Bernadete Ramos ainda nos propõe que “se pode pensar em um caráter conservador do movimento feminista, no Brasil, na década de 1920, por privilegiar o papel da educação na formação da maternidade e para atividades aceitáveis para a condição feminina...”²⁰ Em matéria do jornal intitulada *A Nota*²¹, de 07 de fevereiro de 1926, observamos que a reflexão apontava para a necessidade de um jornalzinho que traduzisse o pensamento da mulher sertaneja, ou, como analisa outra matéria, *Chroniqueta*²², também publicada no mesmo dia, que analisasse o feminino moralizado e educado como dinâmica das novas gerações.

O espaço do jornal também foi usado para a representação do lugar feminino na sociedade, com reflexões que pontuavam como a mulher deveria saber amar, se comportar, ser boa esposa e mãe, a exemplo de matéria que foi transcrita da revista *Vida Doméstica* publicada no Rio de Janeiro: *Os Dez Mandamentos da*

¹⁸ RAMOS, Maria Bernadete. *Ao Brasil Dos Meus Sonhos: feminismo e modernismo na utopia de Adalzira Bittencourt*.v.01,nº.01, p.24 , 2003,disponívelem: <http://www.scielo.br/pdf/ufv1n1/1167.pdf>. Acesso em: 06/02/2007.

¹⁹ LIMA, Cunha Pessoa Daladier. *Noilde Ramalho: uma história de amor à educação*. Natal: Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, 2004. Cf. Capítulo X, p. 212-228.

²⁰ RAMOS, Maria Bernadete. *op. cit.* p.17-18.

²¹ Flor de Liz. *Jornal das Moças*, Caicó, 07 de fevereiro de 1926, p. 01.

²² Birimbau. *Jornal das Moças*, Caicó, 07 de fevereiro de 1926, p. 02-03.

*Mulher Elegante e Os Dez Mandamentos da Dona de Casa*²³, ou *O Lar e a Felicidade*.²⁴

Nessa perspectiva, crônicas que abordaram temas polêmicos, a exemplo do divórcio, bastante debatido no periódico, apontavam para a resistência da sociedade em admiti-lo. Isso indica que, apesar do propalado “adiantamento intelectual” de Caicó, a dinâmica de instalação dos novos signos do progresso foi algo que aconteceu paulatinamente na sociedade, como demonstramos com a matéria acerca do divórcio. Dessa forma, as matérias sobre o divórcio representam o posicionamento da sociedade a respeito do assunto:

[...] ao contrário, o divórcio não é uma necessidade, é sim uma desgraça na vida de quem acontece” e mais “devido as suas consequencias tristes, o divórcio, desgraça, infelicidade, monstruosidade apoiada por nações cultas que são orgulho do mundo, não pode encontrar no coração brasileiro nenhum apoio [...].²⁵

A crônica acima mostra o debate travado por alguns autores que colaboravam com o *Jornal das Moças* e que se prolongou por cinco números. Notamos assim que havia uma exacerbada preocupação em torno da absolvição do divórcio pela sociedade brasileira. O tema do divórcio mostra que a secularização dos costumes havia atingido a instituição familiar em vários aspectos: o divórcio, o controle da natalidade e a inserção da mulher no mercado de trabalho eram alguns dos pontos inseridos no processo de modernização.²⁶

O divórcio foi instituído pela primeira vez no Ocidente, na França, com o desenrolar do processo revolucionário de 1789. Em grande medida, o divórcio passava a ser a consequência lógica das idéias liberais expressas pela Constituição de 1791, que no “artigo 7” havia secularizado o casamento, considerando-o como

²³ (Sem autoria). *Jornal das Moças*, Caicó, 05 de Julho de 1926, p.05.

²⁴ (Sem autoria). *Jornal das Moças*, Caicó, 05 de Setembro de 1926, p. 04.

²⁵ Flor de Liz. A Nota. *Jornal das Moças*, Caicó, 29 de junho de 1926, p. 01.

²⁶ As matérias sobre o divórcio, “Os Dez Mandamentos do Amor” e o “Decálogo da Mãe e da Boa Esposa”, estavam consonantes com o projeto que se tinha na época.

um contrato civil.²⁷ A sociedade brasileira do primeiro quartel do século XX via com maus olhos o divórcio, e nas crônicas veiculadas no *Jornal das Moças* os autores enfatizavam qual era a opinião da população em relação ao debate em torno daquela temática, sendo visto como um ato condenável pela sociedade por ferir a moral e os bons costumes. Dessa forma, percebemos essa sociedade pautada por desejos, mas também por recusas: um posicionamento que caracterizou esse grupo de forma inicialmente ambígua, num embate travado entre o moderno e o tradicional.

Segundo Zigmunt Bauman, a modernidade é um conceito carregado de ambivalência, exprimindo a possibilidade de conferir a um objeto ou evento mais de uma categoria, isto é, na medida em que os signos do mundo moderno são incorporados ao cotidiano da cidade, percebemos que “com significado insuficiente ou excessivo, não enviam sinais legíveis para a ação ou enviam sinais que confundem os receptores por serem mutuamente contraditórios”.²⁸ Assim, no mundo moderno, a adequação das pessoas a esses novos tempos, aos signos do progresso, foi algo que aconteceu muitas vezes de forma caótica, produzindo em muitos momentos sentimentos de recusas em relação ao estabelecimento de novos padrões de sensibilidades.

Portanto, o *Jornal das Moças* esboçava em suas páginas um projeto de mundo que se pautava pela inserção da cidade de Caicó no caminho das inovações modernas que reorganizavam o cenário brasileiro sem, contudo, abrir mão dos elementos tradicionais da sociedade.²⁹

Ora, sendo a cultura uma forma de representar e entender o lugar de cada um no mundo, sua legitimidade dá-se através da crença e não da autenticidade ou da comprovação verdadeira de um fato qualquer, ou seja, as representações podem se sobrepôr ao real de forma que nas folhas dos jornais acompanhamos a

²⁷ ARRIÉS, Philippe, DUBY, Georges (Orgs.). *História da Vida Privada*. Lisboa: Afrontamento, 1990. p. 37. (Volume 4).

²⁸ BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p. 11.

²⁹ Alguns trabalhos tomaram o *Jornal das Moças* como fonte e produziram interessantes trabalhos na perspectivas de gênero, educação e mulheres na imprensa. Sobre essas referidas abordagens, verificar: MEDEIROS, Patrícia. *Lendo o Masculino pelo Feminino*. 2003. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó; ROCHA NETO, Manoel Pereira. *Jornal das Moças (1926-1932): educadoras em manchete*. 2002. 153p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

enunciação de desejos, sonhos e não propriamente a realidade. Constituem, a nosso ver, efeitos de realidade. São representações de uma parcela da elite intelectual que imprimiu nas páginas do jornal suas tramas, dúvidas e inquietações, que, entretanto, faziam parte de um projeto de mundo.

No *Jornal das Moças* o leitor ficava informado sobre as novidades e os desafios de uma cidade que desejava (pelo menos em se tratando de suas elites) se inserir nos desígnios da modernidade, incorporando as novidades que estavam em pauta nas importantes cidades do país, como Rio de Janeiro, a Capital Federal, e Recife. Segundo Gervásio Aranha, a experiência do moderno no Norte não se expressa em termos de vida metropolitana, mas associada ao impacto provocado por certas conquistas materiais que passam ao imaginário urbano como símbolos do moderno.³⁰ Nessa medida, o jornal foi, portanto, um veículo difusor de idéias apresentando, em suas páginas, projetos de reformas urbanas, sociais e culturais no espaço público, e sugestões de mudanças de hábitos e comportamentos no espaço privado.

De acordo com Gervásio Aranha, o telégrafo, o trem de ferro, o telefone e a eletricidade foram recepcionados como representantes da modernidade. Em Caicó, a linha telegráfica foi inaugurada em 1917, conforme matéria publicada no jornal *O Seridoense*,

Telegrapho em Caicó

Amaro Cavalcanti, quando Ministro, pleiteou e obteve uma verba de quarenta contos de reis para a construção do telegrapho.

O primeiro telegrama foi recebido pelo Major Gedeão Delfino administrador da meza de rendas dessa cidade.

A inauguração do telegrapho ocorreu na segunda-feira dia 19 de março de 1917.³¹

A chegada do telégrafo em Caicó inaugurou uma fase em que as informações chegavam e saíam de forma mais rápida, permitindo uma melhor

³⁰ ARANHA, Gervásio Batista. *Seduções do Moderno na Parahyba do Norte: Trem de Ferro, Luz Elétrica e Outras Conquistas Materiais e Simbólicas (1880-1925)*. In: Ó, Alarcon Agra do et al. *A Paraíba no Império e na República: Estudos de História Social e Cultural*. João Pessoa: Idéia, 2003. p. 79-132.

³¹ (Sem autoria). *Telegrapho em Caico*. *O Seridoense*, Caicó, 23 de março de 1917. [s.p].

integração entre o interior, a capital e o restante do país.

A introdução de símbolos dos tempos modernos, como o telégrafo, a luz elétrica e o cinema, forneceram às elites locais a perspectiva de reelaboração de velhos hábitos e comportamentos. Dessa forma, a construção de um hospital, a chegada de energia elétrica, a preocupação com a educação, atravessada por políticas higienistas e sanitárias veiculadas principalmente pela escola e pelo seio familiar, possuíam uma implicação que estava consoante com o projeto do jornalzinho, entre outros: afetar a população da cidade de maneira a fazê-la vivenciar a situação como pertinente ao acesso à modernidade; portanto, esse grupo de pessoas, que produziu e pensou sobre a vida moderna, representava então nos jornais essa nova lógica, ampliando seus significados e instaurando debates sobre a mesma, a exemplo de matéria publicada em 07 de agosto de 1926, que apontava os benefícios realizados tanto no Rio Grande do Norte como em Caicó na época, pelo então governador do Estado José Augusto Bezerra de Medeiros.³²

Na sua administração, José Augusto privilegiou a construção de estradas, pontes, grupos escolares, colégios e a obra mais exultada pela população: a construção do Hospital do Seridó como a foto abaixo ilustra:

³² (Sem autoria). Realizações. *Jornal das Moças*, Caicó, 07 de agosto de 1926. p. 03.



Hospital do Seridó -[07.02.1934].

Fotografia nº. 01

Fonte: Fotografia de Zé Ezelino no *Álbum Fotográfico: Caicó. Ontem e Hoje*, 1994.

O prédio construído segundo parâmetros modernos começou a ser edificado no ano de 1926. Mas somente em 1934 é que foi definitivamente inaugurado. Esse hospital foi muito importante no atendimento as vítimas da seca em 1932-1933 pelo fato de ser já aparelhado.

1.1. Caicó: as notícias de sedução e desejos

As mudanças sofridas pela *urb* caicoense na década de 1920 mereceram destaque de Renato Dantas, bacharel em Direito e colaborador do *Jornal das Moças*. Em crônica de 1926, o bacharel evidencia os sinais do progresso em curso na cidade:

Não há como negar que tem sido bem sensível o progresso da nossa modesta URBS nestes últimos tempos. A prova disso se encontra nesta ancia crescente de melhoramentos sempre novos que se nota dominando o espirito caicóense. Luz elétrica, hospital, collegio, jornaes, sociedades operarias e de letras, sports, tudo isto que, indiscutivelmente, significa vultuosa aquisição para uma cidade distante do litoral. O Caicó realisou e esta realizando sem alarde nem manifestações espetaculosas, nem reclame, dentro deste lustro que esta para se findar.

Aliás justiça seja feita, essa ancia de progresso se ha evidenciado não so aqui mas em todas cidades do Serido, dentre as quais se destaca, pelo grande e justificado zelo, em que é tido o serviço de limpeza publica e pela excellencia da sua illumination eletrica, a vizinha cidade de Jardim do Serido.

Quem quer que passe por aquella cidade nota logo ao primeiro golpe de vista o cuidado em que é tido ali o asseio publico. Rara é a casa que não tem bem limpa sua fachada, não se encontrando difficilmente, calçadas dasatijolladas ou assymetricas. Isso deve servir-nos de exemplo.³³

Na crônica acima aparece a idéia de uma sociedade inserida no projeto de modernização que foi a tônica dos anos de 1920 e 1930 no Brasil e que se encontrava fixado sobre três eixos: a atuação técnico-científica da medicina com a normatização dos corpos, a educação transformando as “mentalidades” e, por fim, a engenharia organizando o espaço. Renato Dantas, assíduo colaborador do jornal, também foi uma das pessoas que se preocupou com a adequação da cidade de Caicó aos novos tempos. Enumerar os benefícios existentes na cidade significava mostrar aos leitores que a cidade estava sintonizada com os discursos de modernidade que ecoavam pelo país.

Essas conquistas materiais se instituíram por toda parte como símbolos do moderno, constantemente reverberadas independentemente do porte da cidade. Desse espaço, o que nos interessa se configura menos por cenários urbanos marcados pela agitação frenética no cotidiano das ruas com seu *rush* característico, e mais por uma ou mais novidades, a exemplo das que remetem à idéia de conforto e/ou rapidez e que passam ao imaginário como signos modernos por excelência.³⁴

³³ DANTAS, Renato. (Sem título). *Jornal das Moças*, Caicó, 11 de abril de 1926, p. 01.

³⁴ ARANHA, Gervásio Batista. *Seduções do Moderno na Parahyba do Norte: Trem de Ferro, Luz Elétrica e Outras Conquistas Materiais e Simbólicas (1880-1925)*. In: Ó, Alarcon Agra do *et al. Op. cit.* p. 87.

Isso afirma o lugar de cidade sintonizada com o mundo moderno e civilizado. A construção de edifícios e a existência de grêmios recreativos estavam condizentes com uma sociedade educada, cujos comportamentos, hábitos, diversões e linguagens buscavam refletir os padrões civilizatórios das grandes cidades do Brasil.

Numa cidade localizada longe do litoral, os benefícios de um hospital, da luz elétrica, colégios, jornais, ligas operárias e esportes davam à Caicó uma posição de cidade adiantada e consubstanciada com o progresso material e intelectual.

Entretanto, um ponto merece ênfase nesta discussão: a vizinha cidade de Jardim do Seridó fazia jus na crônica pelo zelo que possuía na sua limpeza pública e na excelente iluminação elétrica. Esse mote serviria para alertar a municipalidade de Caicó a se esforçar para manter, num mesmo nível de progresso material, o asseamento das ruas da cidade e o cuidado com o traçado urbano, pois seriam pontos que denunciariam o nível de civilidade de Caicó.

Esta fase da história de Caicó foi registrada pelas lentes do fotógrafo José Ezelino que foi trabalhador na construção civil, músico, mas se destacou, sobretudo, como fotógrafo. O conjunto de fotos tiradas por Ezelino conta com mais de 10.000 exemplares entre os anos de 1915 e 1954. Vale destacar, também, que além de ser de origem humilde, José Ezelino era negro e conseguiu, através de sua arte, adentrar o mundo dos brancos.

José Ezelino captou vários espaços da cidade de Caicó. Entre eles, a destacada Avenida Coronel Martiniano, a principal do centro da cidade. Podemos observar os transeuntes bem vestidos e as árvores frondosas projetando sombra para alguns veículos estacionados na rua. A principal artéria da cidade concentrava grande parte do comércio e o mercado central (na foto abaixo, situado à esquerda). Atentemos para o traçado da rua alinhada com a pista principal; segundo o *Código de Posturas*, “cada construção deveria seguir uma regularidade simétrica nas portas, janelas, calçadas, que as calçadas tenham dose palmos de largura, observando-se quanto a altura os arrampamentos ou nivelamentos actuais, quando compatíveis com o aformoseamento das ruas e a natureza do terreno”.³⁵

³⁵ Cap. V. Da Edificação, Artigo 20, *Código de Posturas de Caicó*, 1928.



Vista da Rua Coronel Martiniano - [s.d].

Fotografia nº. 02

Fonte: Fotografia de Zé Ezelino no *Album Fotográfico Caicó: Ontem e Hoje*, 1994.

O “progresso material” de uma sociedade deveria ser acompanhado, também, pelo seu “progresso cultural”. Por este motivo, novamente Jardim do Seridó, cidade vizinha a Caicó, foi retomada como referência, pois já possuía o seu “*club*”, um espaço adequado aos anseios da elite intelectual.

Renato Dantas, em suas idas e vindas entre Recife, Rio de Janeiro, e pelas cidades de Parahyba do Norte e Campina Grande, estava sintonizado com as novas idéias e suas adequações ao espaço sócio-cultural caicoense. Além de requisitar por meio de suas crônicas um “*club* dançante”, que reuniria os membros da alta sociedade, observamos que outros divertimentos foram tomados pelo cronista como “divertimentos da plebe”: o passeio no carrossel e o Carnaval (entrudo) eram tidos como incompatíveis às novas formas de comportamentos. De acordo com a crônica: “não podemos fechar os olhos a certos hábitos que ainda

possuímos em completo desacordo com os modernos costumes sociais”.³⁶

O modelo cultural da *Bella Époque* é intolerante, impondo rígidos padrões de sensibilidade, fruto de seu gosto e cultura”. Sacudidas pelo afã modernizador, nossas elites durante a República, especialmente, se mostram pouco tolerantes com quaisquer tradições populares.³⁷

A construção de novos hábitos dessas elites implicava em combater o outro: o universo da cultura popular que se expressava no espaço urbano. Viveu-se o apogeu da ideologia cientificista que transformou a modernidade em um verdadeiro mito, cultuado pelas elites. Mais do que nunca a cultura popular foi identificada com negativismo, na medida em que não compactuava com os valores da modernidade. A elite intelectual deveria afastar-se dos menos esclarecidos, dos que não estivessem à altura dos novos comportamentos. Portanto, o espaço urbano foi um campo de conflitos dos vários grupos sociais e nele estavam inscritas diversas imagens elaboradas por esses grupos: “Para os modernizadores – literatos, bacharéis, médicos – a cidade materializava vícios que precisavam ser combatidos”.³⁸

Possuir um “club dansante” onde fosse possível reunir a elite intelectual da cidade era também incorporar ao seu cotidiano a emergência de novos hábitos e sociabilidades. Já tinha passado o tempo dos *soirrés*, que ocorriam em sua maioria na Intendência Municipal, e que se caracterizavam por ser “uma festa monótona e enfadonha”, sem o espaço adequado para o compartilhamento de idéias.

Dessa forma, pensamos em um espaço tramado, organizado por uma elite letrada, que fomentou a construção imagético-discursiva no campo dos investimentos simbólicos. Essa elite se apropriou de um determinado discurso, acabando por se legitimar pelo uso que fez dele nos jornais da cidade de Caicó, tendo eminente destaque o *Jornal das Moças*. Na verdade, como analisou Raimundo Arrais no caso do Recife, esses indivíduos, autores de revistas e intelectuais, se

³⁶ ARRAIS, Raimundo. *Recife, Culturas e Confrontos*. Natal: EDUFRN, 1998. p. 32.

³⁷ VELLOSO, Mônica Pimenta. *As Tradições Populares da Bella Époque*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1988. p. 14.

³⁸ ARRAIS, Raimundo. *op. cit.* p. 54.

constituíam como os agentes mais ativos e bem equipados para defender e disseminar idéias entre as camadas médias que passavam a integrar³⁹, no contexto de modernização, a “metrópole regional do Nordeste”.

Este acto de direito que consiste em afirmar com autoridade uma verdade que tem força de lei é um acto de conhecimento, o qual, por estar firmado, como todo o poder simbólico, no reconhecimento, produz a existência daquilo que enuncia [...].⁴⁰

Nesse sentido, essa discussão se insere no debate contemporâneo que procura pensar o espaço não apenas como cenário de intervenções e lutas ou como um espaço fixo e sem mobilidade. No caso em análise, buscamos pensar o espaço a partir de referências relacionais e posicionais, ou seja, as relações de aproximação, distanciamento, conflitos e afrontamentos são delimitadoras da historicidade do espaço, pois:

Cada atividade humana carrega em si uma dimensão espacial que a ela pertence e por ela é definida. As fronteiras, as identidades espaciais, os territórios, os lugares passam a ser pensados como tendo sido definidos a partir de contendas, de conflitos, sendo frutos de relações que se estabeleceram entre diferentes agentes e agências em um dado momento histórico, sendo portanto, passíveis de dissolução, desconstrução, sempre que as relações sociais que os engendraram sejam modificadas, que os saberes que os puseram de pé sejam desmontados e que as relações de poder que os sustentaram sofram deslocamentos.⁴¹

Dáí, portanto, não ser surpresa encontrar nas páginas do *Jornal das Moças* uma série de crônicas que refletiam acerca dos progressos da cidade ou da necessidade de mudança de alguns costumes e valores de seus habitantes, que não condiziam com o grau de civilidade ansiado por uma sociedade que se pretendia moderna e atenta ao progresso material e moral. Neste sentido, o cronista, como

³⁹ ARRAIS, Raimundo. *op. cit.* p. 32.

⁴⁰ BOURDIEU, Pierre. *Poder Simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989. p. 114.

⁴¹ ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *Zonas de Encrenca: algumas reflexões sobre poder e espaços*. Natal, 2005. p. 04. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/durval>. Acesso em: 20/04/2007.

porta voz de seu tempo, quase sempre representava em suas crônicas as perplexidades individuais e coletivas, pertinentes ao grupo ao qual o mesmo pertencia.

O importante é atentar para o fato de que esses projetos faziam parte do esforço que a elite intelectual despendia para dotar a cidade de atributos que ela acreditava necessários para sua inserção no âmbito dos povos civilizados. Numa outra crônica, de autoria de Renato Dantas, foi possível perceber alguns desses embates e desejos do novo quando o autor reclama um “club dansante” para a cidade de Caicó. Mesmo já tendo se apropriado de vários signos do moderno, não se compreendia como uma cidade com cerca de dois mil habitantes ainda não dispunha de um espaço de lazer e sociabilidade que permitisse a interação da sua elite,

Uma das necessidades mais palpitantes do Caicó é a criação de um club dansante.

Não se comprehende uma cidade de mais de dois mil habitantes, como a nossa, com luz electrica, cinema e commercio adiantado, sem diversões elegantes, sem reuniões chics, em fim, sem coveniencia social.

A tristeza as mais das vezes, é uma doença. Doença, aliás, muito comum aos logares de clima quente, como este.

Não é, porem incurável. O especifico da cura esta justamente nas diversões, sejam quaes forem.

Os nossos antepassados tinham as corridas de cavallos, os fandangos, o celebre boi calemba, o brinquedo de prendas, a quadrilha, o entrudo uma vez a cada anno. Nós temos o futebol, o maxixe, o fox trote, o carnaval.⁴²

Utilizando-se da memória histórica, o escritor elencou as diversas práticas de lazer dos seus antepassados. Cada geração, ao seu tempo, elabora meios de interação no grupo. Por isso, nos novos tempos, anunciava-se a premente necessidade de criação e recepção do “club dansante” por parte dos grupos sociais, como forma de delimitar um espaço privilegiado junto aos demais grupos. Precisam superar a tristeza, lida em seu discurso, como uma doença que afeta os lugares e as pessoas onde há o “clima quente”. Contudo, o cronista não deixa de ver como

⁴² DANTAS, Renato. A Cura da Tristeza. *Jornal das Moças, Caicó, 18 de julho de 1926, p. 01.*

problemáticas algumas linhas de continuidades entre o seu passado e o seu presente:

Ha uma diversão comum ao passado e ao presente: o jogo. Este, deleterio, de consecuencias funestas, campeia desde a casa modesta do camponio aos ricos palacetes dos senadores e ministros da Republica. Cidades ha onde só existe este ultimo genero de diversão. Tristes cidades cujas esperanças moças fatalmente vão buscar no vicio lenitivo para a canceira da vida utilitaria, banal... Em Caicó precisamos combater a nossa tristeza de modo melhor. O meio esta na criação de um club da elite.⁴³

Para Renato Dantas, a população caicoense deveria deixar de lado o jogo, um vício de consequências funestas, pois a ruína poderia se abater sobre a vida de qualquer um que se entregasse a tal prática. Assim, o cronista apela à população para fossem estabelecidos novos parâmetros de sociabilidades em substituição ao jogo. Na crônica o autor não especificou a modalidade, contudo, suspeitamos que estivesse se referindo ao jogo do bicho⁴⁴, que era muito popular naquela época⁴⁵, mas reiterava o alerta aos jogadores sobre os danos financeiros causados por aquela prática censurável.

Por isso, a criação de um “*club* dansante” permitiria os encontros, intercâmbio de idéias, flertes e conversas entre conhecidos e também espantaria a tristeza que assolava os habitantes do *clima quente* como o do Seridó, segundo uma associação entre clima quente e tristeza, comum aos pensadores da época. O solo pobre, o clima inóspito, a natureza traiçoeira, o ambiente tornava-se inóspito, o homem padecia mergulhado na indolência e na tristeza.⁴⁶

Um “*club*” estimularia a sociabilidade e ofereceria ocasiões de aparição

⁴³ Idem. Ibidem.

⁴⁴ Segundo Hahner, a despeito de queixas, advertências, prisões ocasionais e da presença de policiais nos edifícios onde os jogos ocorriam, o jogo do bicho nunca foi erradicado. Ver: HARHNER, June E. *Pobreza e Política. Os pobres urbanos no Brasil – 1870-1920*. Brasília: EdUnB, 1993. p. 234.

⁴⁵ Como exemplos poderiam ser citados dois processos-crime de 1932 em que há a acusação de que os proprietários da banca, Manoel Brandão e Roque Brandão, comerciantes da cidade de Caicó, deixaram de efetuar o pagamento ao queixoso Manoel Caetano.

⁴⁶ MOTA, André. *Quem é bom já nasce feito: sanitarismo e eugenia no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 19.

pública e de exibição social, proporcionando uma diversão digna das camadas altas da cidade. Aos sócios e convidados poderiam ser oferecidos bailes e divertimentos mais salutareos que a jogatina.⁴⁷ Dessa forma, Dantas indagava: por que então Caicó, como uma sociedade que se considerava adiantada, não tomava providências para a criação de um ambiente de descontração se os seus antepassados tinham suas diversões?

Contudo, mesmo sem o tal “*club* dançante”, podemos notar que Caicó possuía alguns divertimentos: o futebol era uma das formas de sociabilidades que mais congregava as famílias caicoenses. Muitos rapazes da cidade praticavam o esporte, tendo sido inaugurado, em 1914, por Clóvis Santiago da Nóbrega, o *Sport Club* Caicó. Dessa forma, sua prática era considerada, além de um meio “diversional”, “uma prática educativa, de cuja realização termos aperfeiçoamento físico e moral, correção das formas, virilidade de carácter, aumento de capacidade intelectual.”⁴⁸

Esta ênfase nas atividades desportivas e de lazer demonstra uma preocupação com a dimensão pedagógica e de formação de uma nova sociedade, ou seja, adotando novas formas de convívio e de sociabilidade, os indivíduos contribuiriam para dar à cidade de Caicó uma feição moderna e congruente com o que se desejava nas matérias do jornal.

A proposta de criação de um “*club* dansante” revela que existe muito mais do que a vontade de convívio social para todos: um espaço de diversão com exclusividade para a alta sociedade caicoense. Um clube na cidade poderia reunir uma parcela privilegiada da sociedade em um lugar reservado e longe do acesso dos populares. O projeto de criação de um “*club* dansante” visava mais que apenas ao convívio social: era um projeto de cisão, de separação, que pretendia o estabelecimento de um ambiente reservado a impedir a afluência de gente das baixas camadas sociais. Como afirma Roger Chartier, as percepções do social não são discursos neutros, produzem estratégias e práticas sociais, escolares,

⁴⁷ ARRAIS, Raimundo. *Recife, Culturas e Confrontos*. Natal: EDUFRRN, 1998. p. 23. Veja-se, especificamente nesse livro, o exemplo da elite recifense tentando criar um espaço de diversão mais apropriado aos seus novos interesses – “os pastoris familiares”.

⁴⁸ MARTINIANO NETO, Joaquim. *Fatos da História do Caicó*. Natal: COOJORNAT, 1987. p. 25.

políticas.⁴⁹

Refletindo sobre o espaço que a cidade de Caicó ocupava no Seridó potiguar, e esboçando uma leitura crítica da sociedade caicoense e de suas respectivas limitações, algumas crônicas do *Jornal das Moças* questionavam de forma emblemática o título de “Capital do Seridó”. Nesta direção, a crônica intitulada *Capital do Seridó?* questionava se era legítimo o título ostentado pelos cidadãos, aguçando, assim, os brios dos seletos leitores do semanário. Retomando o que havia escrito em crônicas anteriores, mormente no tocante à criação de um “club dansante”, enfoca inquietamente o cronista,

Todos aplaudiram-na entusiasmamente. Adhesões valiosas trouxeram-nos, senão a ilusão do vermos o club creado, ao menos, a confortadora certeza de sermos lidos e compreendidos por uma meia dúzia.

Entretanto mezes se foram e nenhum passo foi dado para a realisao da nossa idéia. Ficou tudo em palavras, como em palavras somos o centro mais civilizado do Seridó.

Quando se diz civilização diz-se progresso material e cultural. Uma aldeia de bárbaros pode erigir pyramides e, desmentindo as leis da Historia, alcançar grande desenvolvimento material, mas não passara de barbaria se não conseguir ao mesmo passo o progresso social e cultural.

Arrastando contra os moralistas – perigosas porque as mais das vezes preferem a theoria a pratica – precisamos crear de verdade um club chic que possa reunir mensalmente numa festa de intelligencia e de arte os bons elementos da sociedade caicoense. Só então o Caicó poderá se dizer a Capital do Seridó.⁵⁰

Para ostentar tal alcunha, Caicó teria que mostrar aos seus habitantes e aos ilustres visitantes, que não era detentora do título apenas em palavras, mas que seu espaço material e cultural correspondia ao de um centro aglutinador da cultura seridoense. O autor da crônica, provavelmente Renato Dantas, critica uma sociedade que materialmente enumerava os signos de uma relativa idéia de progresso, mas que culturalmente continuava pobre. A discussão travada na crônica

⁴⁹ CHARTIER, Roger. *A História Cultural Entre Práticas de Representações*. Lisboa: DIFEL, 2002. p. 17.

⁵⁰ (Sem autoria). *Capital do Seridó? Jornal das Moças*, Caicó, 5 de setembro de 1926, p. 01.

é reveladora do conflito entre, por um lado, acompanhar os ritmos das novidades advindas com a emergência do progresso tecnológico, que possibilitou inúmeras mudanças no cotidiano das cidades, mas com hábitos excessivamente caseiros.

O município de Caicó apresentava entre as décadas de 1920 a 1930, uma população cuja grande maioria habitava a zona rural, conforme aponta Diniz Moraes,

ANO	TOTAL	URBANA	RURAL
1920	25.366	3.950	21.416
1930	25.350	4.110	21.240

Gráfico 01; FONTE: 1920/1930: REVISTA Caicó, nº 2, 1978, p. 15 *apud* MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Desvendando a Cidade: Caicó em sua dinâmica espacial*. p. 69.

Apesar da grande densidade populacional concentrada na zona rural, como era comum em quase todo o Brasil, a elite caicoense cujas riquezas, em sua maioria, eram provenientes da agricultura e da pecuária (cottonicultura e bovinos, respectivamente), buscava dar visibilidade aos seus desejos e seduções pelo novo no ambiente urbano.⁵¹

Atentemos primeiramente para as confluências econômicas e políticas da cidade no cenário regional, com pessoas representativas que tiveram destaque a nível estadual, a exemplo de José Augusto Bezerra de Medeiros, com suas políticas educacionais e sanitárias, e de Juvenal Lamartine de Faria, com sua atenção especial e investimentos para a cottonicultura. Essas duas lideranças formariam a chamada “Oligarquia pecuarista-algodoeira” e deram visibilidade à idéia de “Capital do Seridó” a partir de suas ações como homens públicos.

Segundo Muirakytan Kennedy de Macedo, nos fins da década de 1910 houve um deslocamento do eixo político potiguar do litoral para o sertão do Seridó.⁵² Este deslocamento permitiu a emergência de um novo plano cartográfico, que foi moldando toda uma carga discursiva para legitimar o Seridó como um espaço

⁵¹ MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Desvendando a Cidade: Caicó em sua dinâmica espacial*. Natal: G/S, 1999. p. 69.

⁵² MACEDO, Muirakytan Kennedy de. *A Penúltima Versão do Seridó: uma história do regionalismo seridoense*. Natal: Sebo Vermelho, 2005. p. 193-195.

diferenciado e Caicó como epicentro da micro-região.

Ainda de acordo com Kennedy de Macedo, o Seridó pode ser analisado como o espaço de provação e promessa, baseando-se nos discursos escritos por Manuel Antônio Dantas Correia que pensou o espaço seridoense a partir das experiências que teve com as sucessivas secas que atingiram a região. Manoel Dantas construiu uma narrativa que comparava a existência do povo seridoense com a do povo hebreu no deserto egípcio, ao povo eleito de Deus que também sobreviveu às freqüentes estiagens; o seridoense era também feito do mesmo material, o que lhe conferia características de dureza e resistência.

Posteriormente, essa assertiva foi um dos motes a ser combatidos por uma nova geração, que via nessa comparação um entrave ao desenvolvimento da região.⁵³ Tal geração de seridoenses se formou na Escola de Direito do Recife, espaço tradicional dos debates sobre as idéias “naturalistas” e “cientificistas” vindas da Europa, e divulgadas no Brasil nos discursos de Sílvio Romero e Tobias Barreto, e que influenciaram a geração de jovens bacharéis oriundos de Caicó e adjacências, a saber: Janúncio da Nóbrega, Diógenes da Nóbrega e Manuel Dantas.

Manoel Dantas, em seus discursos, apontou para carências existentes no Seridó: a mudança dos hábitos tradicionais do sertanejo e a necessidade de investimentos na instrução pública, para que o sertanejo aproveitasse melhor as novas idéias que possibilitariam o desenvolvimento da região. Para ele, a introdução de novas técnicas na cotonicultura seria uma revolução que faria crescer a produção e alavancaria o Estado do Rio Grande do Norte para o patamar de maior produtor e fornecedor de algodão para a indústria nacional.⁵⁴

As elites intelectuais que residiam nesse espaço foram responsáveis pelos investimentos simbólicos e imagético-discursivos feitos na direção da construção da idéia de Caicó como um espaço privilegiado: a “Capital do Seridó”. Recusar a associação desse espaço com a pecuária, e alardear a produção da cotonicultura como seu novo nicho, significava deixar para trás o tempo de tradição e mergulhar num novo tempo que se abria: o bradar das vozes republicanas e o advento da modernidade em todo Brasil, propagadas por figuras como Janúncio e Diógenes da

⁵³ MACEDO, Muirakytan Kennedy de. *op. cit.* p. 153-158.

⁵⁴ Idem. *ibidem*, p. 166-180.

Nóbrega (este último, o mentor do *Manifesto Republicano ao Povo Seridoense*, de 1889), e Olegário Vale, assim como o já referido Manuel Dantas – oriundos de famílias da elite seridoense e radicados na cidade de Caicó.⁵⁵

Portanto, é possível afirmar que o investimento feito em torno do espaço seridoense foi realizado a partir de Caicó: a idéia de existência em torno da região seridoense toma vida da mesma forma que Caicó emerge dispersa nos discursos com a marca de “Capital do Seridó”. As vozes que se apropriaram desse discurso partiram desse mesmo espaço que, mesmo não aparecendo diretamente com essa alcunha, já trazia consigo essa marca, não pela comprovação ou autenticidade de existência concreta, mas pelo investimento do crer. Portanto, a representação torna real, traduzindo-se em formas de sentir e de desejar.

Em Caicó, esse discurso foi emitido tanto no sentido de uma “dizibilidade” quanto de uma “visibilidade” na construção de um espaço regional diferenciado como o Seridó. Portanto, tais discursos, em alguns momentos, se cruzam, se misturam, produzindo uma zona indiferenciada e representando a mesma coisa. Essa elite letrada fez uma representação de uma região diferenciada num espaço micro como o Seridó a partir do espaço caicoense,

[...] a representação que fizeram de si - elite e eleitores - selecionando elementos que se encontravam dispersos no imaginário social, conclamando os sertanejos a reunirem-se em torno de uma imagem identitária, onde se valorizam determinadas características do seu caráter para fazer frente a um adversário que afligia o poder das elites locais.⁵⁶

A questão importante foi perceber que os discursos partem das mesmas vozes, do mesmo espaço físico, referindo-se ao mesmo objeto: Seridó e Caicó fazem parte de uma só identidade. Assim, a conclusão a que se chega é que o título de “Capital do Seridó”, questionado pelo bacharel em direito e cronista do *Jornal das Moças*, Renato Dantas, faz parte de uma carga discursiva que tem seus antecedentes e cujas intelectualidades posteriores tentaram atualizar: mas o desafio

⁵⁵ MACEDO, Muirakytan Kennedy de. *op. cit.* p. 139.

⁵⁶ Idem, *ibidem.* p. 131.

era superar as palavras e partir para prática.⁵⁷

1.2. Caicó e as Pedagogias do Moderno

As transformações tecnológicas deram origem aos grandes complexos industriais, cujo ritmo se acelerou depois das últimas décadas do século XIX, com a concentração e acumulação de capitais e bens de consumos, assim com uma ampliação de mercados e com a expansão e disseminação da missão civilizatória europeia em direção aos povos considerados inferiores, em valores e civilização. Na escala evolutiva, a missão civilizatória teria então um ideal: levar até esses povos o progresso e a civilidade.

Na sociedade brasileira do início do século XX, a grande preocupação se centrou na transformação do espaço brasileiro influenciado pelas novas idéias liberais e modernistas advindas da Europa. O espaço citadino foi o meio privilegiado de percepção das mudanças ocorridas em seu plano físico. Contudo, o espaço não pode ser visto apenas como um dado, pois é necessário apreender a dimensão histórica e artificial construída pelo homem. Como afirma Durval Muniz de Albuquerque, “As cidades em crescimento acelerado, a rapidez dos transportes e das comunicações, o trabalho realizado em meios artificiais aceleravam essa ‘desnaturalização’ do espaço”.⁵⁸

Os projetos de modernização da sociedade brasileira tiveram como meta colocar-se em sintonia com os projetos econômico-político-sociais que emergiram na Europa. Posteriormente transplantados para o Brasil, esses projetos foram pautados principalmente na reorganização do espaço - nomeadamente o urbano-, e da sociedade brasileira, adquirindo então novos hábitos.

As mudanças nas cidades, influenciadas pelos paradigmas da modernidade em pleno andamento no século XIX, ocorreram tanto no espaço físico

⁵⁷ (Sem autoria). Capital do Seridó? *Jornal das Moças*, Caicó, 5 de setembro de 1926, p. 01.

⁵⁸ ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *As Figuras do Sensível: história, cultura e espaço no Brasil do início do século XX*. p. 03-04. Disponível em <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/durval>. Acesso em: 2004/2007.

como na emergência de novas sensibilidades. Os ventos do progresso traziam consigo uma era que acreditava na racionalidade, que depositava sua fé no planejamento, na prevenção e no progresso, pondo nas mãos de seus grandes agentes – o engenheiro, o urbanista, o médico higienista – a missão de corrigir os problemas sociais que se manifestam na cidade, o grande cenário da condição instável que caracteriza a vida moderna.⁵⁹ O progresso técnico daquele momento parecia responder a todas as dúvidas; a crença em um futuro melhor e pleno foi a bandeira que movimentou muito dos embates entre governantes e intelectuais.

Tanto no cenário mundial como no nacional, dentro do espaço da urbe, os projetos arquitetados interferiram diretamente no espaço público e no privado, com a palavra de ordem “civilizar” acabando por transformar o panorama citadino. Essas modificações produziram outra esfera onde foi possível perceber que o espaço, sobretudo o da cidade, é um espaço praticado. Como lugares praticados, os espaços são também frutos dos relatos destas práticas e das representações que aí ocorrem.⁶⁰

A instauração da República no Brasil propiciou a ação de um movimento que investiu no corpo social público e privado os desejos de transformação da sociedade brasileira, tendo à frente representantes de vários segmentos da sociedade. Neste sentido, os intelectuais são imprescindíveis para compreender o rumo que essas reformas tomaram na medida em que foram postas em prática, e valorizaram a ciência como um dos principais meios de apreensão e alteração da realidade.⁶¹

Nesta perspectiva, as transformações ocorridas no Rio de Janeiro, então capital do Brasil, no início do século XX, foram um dos exemplos mais interessantes do desejo dos governantes de construir um modelo que pudesse ser inspirador para as demais cidades do país. Pautados pela tônica modernizadora, os intelectuais, administradores e médicos tinham uma só meta: mudar a identidade brasileira

⁵⁹ ARRAIS, Raimundo. *A Capital da Saudade. Destruição do Recife em Freyre, Bandeira, Cardozo e Austragésilo*. Recife: Bagaço, 2006. p. 08.

⁶⁰ ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. *O Teatro da História: os espaços entre cenas e cenários*. p. 01. Disponível em <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/durval>. Acesso em: 20/04/2007.

⁶¹ Para acompanhar melhor essa discussão ver HERSCHMANN, M. Micael; PEREIRA, Carlos A. M. (orgs.). *A Invenção do Brasil Moderno - medicina, educação e engenharia nos anos 20 e 30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 61-62.

trazendo a “civilização” para os trópicos. Este tipo de pensamento e de prática implicou numa reorganização do traçado da cidade com vistas a extirpar os cortiços do centro; inspiradas no modelo parisiense da *Champ Ellysés* dos trópicos, nossas cidades deveriam abrir largas avenidas.

Por outro lado, havia também a preocupação com a saúde. O projeto sanitarista do doutor Oswaldo Cruz, associado ao de reforma urbana na administração de Pereira Passos, nos moldes franceses de transformação da Paris de Haussmann, consistia na medicalização da sociedade brasileira. Sendo assim, foi preciso efetivar no espaço público uma série de reformas que visavam ao aformoseamento das cidades brasileiras.

Todavia, esses projetos foram permeados por conflitos e tensões, de um lado, os cientistas e administradores, e por outro, os populares. No Rio de Janeiro, por exemplo, a experiência das reformas urbanas empreendidas pelo corpo governamental da cidade promoveu um “bota abaixo” e uma reorganização da sua região central com “extermínio” dos cortiços e de seus habitantes. Essa intervenção foi realizada de forma autoritária.

Com base na pesquisa de Sidney Chalhoub⁶² sobre as reformas urbanas empreendidas no centro do Rio de Janeiro, que eram focadas na eliminação dos cortiços cariocas e nas atitudes intransigentes das autoridades responsáveis por estas ações, “a chamada medicalização da sociedade brasileira”, identificada por estudiosos do período, sugere pensar uma intervenção social intensa, autoritária e sem fronteiras.

Segundo Iranilson Buriti de Oliveira, no início dos anos 1920, práticas modernizadoras e modernistas, desenvolvidas pelas autoridades governistas, enunciaram discursos centrados na preocupação com a higiene e a limpeza de prédios, com o aumento da rede de iluminação elétrica, com a drenagem de pântanos, aterros sanitários e arborização de parques, visando um aumento e uma melhoria do ar respirável nas cidades.⁶³

⁶² CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril. Cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Cf. principalmente o Capítulo I, p. 15-56.

⁶³ OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. *Fora da Higiene Não Há Salvação: a disciplinarização do corpo pelo discurso médico no Brasil Republicano*. MNEME – Revista de Humanidades, UFRN, Caicó. v. 4, n. 7, 2003. Disponível em <http://www.seol.com.br/mneme/acesso>. Acesso em: 16/11/2005.

A partir dos anos 1920, passou a existir uma maior complexidade da vida aliada a uma maior dependência de intervenções técnicas no cotidiano das pessoas: os automóveis, os bondes, a eletricidade, o telégrafo e novas atitudes foram esboçando novos comportamentos, a exemplo da preocupação com a arborização em parques até a abertura de novas “artérias e veias”, parafraseando o pesquisador Richard Sennet.⁶⁴

Esta postura, segundo a leitura de Nicolau Sevcenko, era pautada pela necessidade de acompanhar o progresso e significava somente uma coisa: alinhar-se com os padrões e ritmo de desdobramento da economia européia, onde “nas indústrias e no comércio o progresso do século foi assombroso, e a rapidez desse progresso miraculosa”.⁶⁵ Todavia, as intervenções do progresso na vida das pessoas causaram, inicialmente, desconforto pela precariedade da adaptação às novas técnicas, o que exigiu, por parte do Estado, um processo de adestramento do indivíduo.⁶⁶

Em nome dessa ação se preconizaram os ideais da higiene com uma missão: purificar a cidade, livrando-a do que se chamava de “mundo de imundície”. Em fins do século XIX, o imaginário político brasileiro pensou a camada pobre do país utilizando-se da metáfora da doença contagiosa, que deveria ser limpa, curada e até exterminada em casos mais graves. Um dos aspectos deste projeto modernizador foi o tom de exclusão em relação às camadas populares, que foi no Rio de Janeiro um dos fatores para a eclosão da “Revolta da Vacina”⁶⁷ em 1904, e,

⁶⁴ SENNET, Richard. *Carne e Pedra*. 2ª edição, Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 220.

⁶⁵ SEVCENKO, Nicolau. *A Literatura Como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 29.

⁶⁶ Para uma melhor discussão acerca dessa questão, consultar MACEDO e SILVA, Antônio Luiz. *Paisagens de Consumo, Fortaleza no tempo da Segunda Guerra*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002. Ver também: PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: reforma urbana e controle Social 1860-1930*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

⁶⁷ A Revolta da Vacina pode ser tomada como o exemplo de como o progresso não chegou para todos, principalmente para os pobres, que nesse momento tiveram que desocupar seus casebres que ocupavam o centro do Rio de Janeiro. As picaretas ganhavam um ar de “ferramentas regeneradoras” e tiveram o poder de destruir e sepultar os vestígios de um passado ignóbil da cidade colonial, com a qual a elite daquele momento não desejava ser identificada, e ao mesmo tempo, criar um novo traçado urbano baseado numa nova estética, na higiene e na técnica. Ver essa discussão em SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: *A História da Vida Privada. República: da Belle Époque à era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 7-49. v. 3; PESAVENTO, Sandra Jatthy. *O Imaginário da Cidade*. Porto Alegre: UFRGS, 1999. p. 156-231.

em 1910, da “Revolta da Chibata”. Portanto, a modernização, que era tão alardeada pela elite brasileira, possuía um caráter de exclusão, sendo os pobres afastados de suas moradias no centro do Rio de Janeiro, e sem terem para onde ir começaram a ocupar os morros da cidade.

Essas ações também possuíram outro caráter fundamental, como a preocupação com a educação, especialmente com a educação infantil. A proposta era que desde muito cedo os cidadãos fossem pedagogizados, já que para muitos intelectuais as chaves que abririam as portas da civilização estariam na educação, que permitiria encontrar uma solução para os “problemas nacionais”. A partir dos anos vinte do século XX, houve uma intensificação nos investimentos na área de educação, tema que era visto pelos intelectuais como essencial para a problemática da identidade nacional. A educação das crianças desde cedo poderia contribuir para a formação de um cidadão exemplar, ou seja, os vícios, a vadiagem e o contágio das doenças que se disseminavam num ambiente de insalubridade poderiam ser evitados desde que se investisse no jovem cidadão brasileiro.

A reconfiguração do espaço urbano foi umas das primeiras estratégias adotadas pelo Estado republicano e intensificadas a partir dos anos 1920 nas administrações federais e municipais, que vão construir discursos mostrando preocupação com a higiene da família, como o ambiente em que elas viviam, como a forma como educam seus filhos. Um arsenal de instituições foi convocado para deliberar junto ao governo essa nova ordem: higienizar para civilizar. Para tanto, igrejas, escolas, hospitais e exército foram arregimentados para esta nova missão, que sofreu resistência das classes menos privilegiadas que estiveram no cerne de toda essa experiência.

Embora a historiografia brasileira sobre cidades tenha privilegiado os grandes centros em suas abordagens, podemos pensar que tais experiências também foram vivenciadas em algumas pequenas cidades do interior, a exemplo de Caicó, no Rio Grande do Norte. Naquela cidade, com projetos de modernização voltados para o espaço urbano, a elite intelectualizada preocupou-se em passar para as páginas dos jornais os seus desejos, em consonância com o mundo moderno, e as preocupações com uma Caicó alinhada ao “bonde do progresso”. Os tempos modernos seriam testemunhas da incorporação de bens e símbolos acessíveis a

diversos grupos sociais (cinemas, trem, energia elétrica, largas avenidas etc.).⁶⁸

Nessa medida, observou-se que o *Código de Posturas* da cidade de Caicó, de 1928, foi elaborado com o intuito de programar os espaços e suas ocupações seguindo regras metódicas que se estendiam para a organização do território, patrimônio, edificação, higiene e salubridade pública e privada, asseio das ruas e arborização, entre muitos outros itens. Essa preocupação em controlar a região central e os arrabaldes da cidade evidencia notadamente uma preocupação com a organização do plano físico da cidade.

De acordo com Michel de Certeau, o espaço é, de acordo com os usos e consumos, um lugar de criação de redes sócio-culturais pautado por uma rica historicidade.⁶⁹ Neste sentido, o *Código de Postura* permitiu-nos não apenas a compreensão da lógica disciplinadora do espaço, mas, sobretudo, perceber as intenções da administração pública em moldar e adequar a cidade aos ditames da modernidade. Por isso, cabe-nos ressaltar que, na perspectiva de Certeau, a cidade é um espaço-texto que possui uma rede de significados reelaborada a partir das inquietações cotidianas.

Sendo a cidade um espaço-texto, diversos são os fragmentos de memória, parafraseando o próprio Certeau, como o *Código de Posturas* e os jornais, destacando-se o *Jornal das Moças*, que possibilitaram perceber como os espaços da cidade de Caicó foram “pensados” e articulados estrategicamente numa rede de narrativas e leis que buscavam minar as artes do fazer, ou seja, a relação que a elite intelectual estabelecia com o espaço e com o povo nos permitiu pensar que havia um posicionamento no intuito de alcançar um objetivo, de “provocar um efeito, mirar um alvo”: reelaborar o cotidiano e internalizar nos habitantes uma forma nova de comportamento que minasse as artes de fazer e improvisar do povo.

Segundo David Harvey, as mudanças tecnológicas no campo dos transportes, dos meios de comunicação e das tecnologias da informação produziram a sociedade da velocidade e da compressão espaço-temporal. O advento das novas

⁶⁸ SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. *Cartografias e Imagens da Cidade: Campina Grande - 1920-1945*. 2001. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Campinas, Campinas. p. 27.

⁶⁹ CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano - artes do fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 93-103; 169-183.

tecnologias alterou o olhar sobre o espaço citadino.⁷⁰ Em Caicó, a partir das crônicas do *Jornal das Moças*, percebemos essa dinamicidade do espaço nos textos dos cronistas que explicitavam seus desejos nas linhas de cada narrativa. Os projetos almejados implicaram num conjunto de relações e posturas de determinado grupo, os intelectuais que escreviam no jornal, em relação ao espaço em que atuavam.

Para Durval Muniz de Albuquerque Júnior, podemos afirmar que “os espaços nascem da adoção de posturas, desde corporais até políticas e estéticas, os espaços são posturas, que se imobilizam por dado tempo...”⁷¹ O espaço está em constante transformação, metamorfoseando-se. Uma urbe estriada, métrica, espaço de controle do Estado, definida tanto por padrões de esquadramento como por projetos de territorialização, um espaço marcado pela ação humana, mas que também se desterritorializa à medida que a cidade é um espaço liso e que se deixa estriar.⁷² Isso quer dizer que o espaço citadino esteve em constante mudança, principalmente nos projetos que reescreveram suas linhas pelas reformas urbanas e pela desagregação do espaço por flagelados que invadiram a cidade de Caicó e alteraram a ordem sedentarizada.

Os jornais permitiram aos interlocutores do presente perceber que uma cidade comporta múltiplas cidades. Assim, a análise das “croniquetas” revelou um entrecruzamento de elementos que foram significativos para a construção da cidade de Caicó. Começaríamos pelo ano de 1925, com a chegada da luz elétrica e com a instalação do Colégio de Freiras para atender a necessidade das elites que desejavam uma educação “europeizada” para suas filhas, o Educandário Santa Terezinha do Menino Jesus, modernização que indicava os novos símbolos de um espaço em mudança. Esta questão encontra-se bem retratada na crônica assinada

⁷⁰ HARVEY, David. *A Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 11ª edição, São Paulo: Edições Loyola, 2002.

⁷¹ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. *Zonas de Encrência: algumas percepções sobre poder e espaços*. p. 05-06. Disponível em <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/durval>. Acesso em: 20/04/2007. Para compreender melhor essa discussão ver também: ORTIZ, Renato. Tempo e Espaço. In: *Cultura e Modernidade - a França do século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

⁷² A respeito do conceito de “liso” e “estriado” ver “1440 – o liso e o estriado”. In: DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrênia*. São Paulo: Edições 34, 1997. p. 179-214. Podemos dizer que “espaço liso” seria aquele que ainda não sofreu intervenção humana e o estriado corresponde aquele espaço investido de historicidade, com investimento do homem, todavia esses dois espaços são complementares, por que só existem de fato graças às misturas entre si.

por C. J. quando enumerou as benfeitorias trazidas pelo progresso à cidade:

Vejamos: aqui, uma usina electrica muito bem instalada com já um anno de funcionamento; alli, um collegio de irmãs, que, dada a relatividade do tempo de quando funciona, offerece ao visitante a mais consoladora impressão. Acolá, ergue-se majestoso o Grupo “Senador Guerra”, que nesses últimos annos há obtido classificações superiores aos demais no Estado, tanto na matricula e na freqüência, como no aproveitamento dos alumnos e um pouquinho mais além, divisa-se o moderno prédio – Hospital do Seridó – [...]

E tudo isto, caros leitores, nós bem sabemos, é continuação daquelles que nos antecederam [...].⁷³

O cronista C. J. descreveu uma cartografia do espaço indicado por advérbios como “alli”, “acolé”, “mais além” que anunciavam a chegada de elementos do moderno: a electricidade, a instrução, a assistência à saúde (Hospital do Seridó), etc. Ausente por alguns anos da cidade, o autor se mostrou surpreso diante do que chamou de “adiantado” progresso. Aqueles benefícios enumerados indicavam uma preocupação, nesse espaço, com os projetos técnicos, de educação e de saúde que compunham a plataforma política do governador José Augusto Bezerra de Medeiros.

Observamos no texto acima, por um lado, o estranhamento do autor com as inovações encontradas na cidade de Caicó e por outro, como se recobrasse na memória que esse projeto fazia parte da “índole” desse espaço, percebeu-o como um longo projeto que colocava em prática suas continuidades. Os benefícios enunciados na crônica faziam parte de uma cidade que tomava conhecimento dos benefícios advindos com o progresso não só do presente, mas daquilo que veio dos antepassados. Em sua análise, Caicó seguia uma direção que parecia natural e já há muito esperada, pois “é continuação daquelles que nos antecederam e que com as suas virtudes civicas nos legaram um exemplo de entranhado amor á terra natal”.⁷⁴

Uma cidade do interior do país que em meados da década de 1920 pudesse contar com a sua usina elétrica, mesmo que por algumas horas; um

⁷³ C. J. Choniqueta. *Jornal das Moças*, Caicó, 20 de junho de 1926, p. 02.

⁷⁴ C. J. Choniqueta. *Jornal das Moças*, Caicó, 20 de junho de 1926, p. 02.

hospital estabelecido num moderno prédio para atender à população da cidade e da região, e alguma infra-estrutura escolar, poderia ser vista como uma cidade avançada. Quanto a esta última questão, podemos elencar alguns espaços voltados para a educação dos habitantes de Caicó e circunvizinhança: o grupo escolar *Senador Brito Guerra*, que era considerado um modelo no âmbito estadual; o Colégio Santa Terezinha, de propriedade particular e uma instituição tradicional na cidade que preparava as moças para um bom casamento, ensinando-lhes economia doméstica, religião, entre outras atividades.

Todo o mapeamento adverbial dos benefícios existentes na cidade, apontados pelo ausente cronista, forneceu um interessante quadro que nos permitiu perceber as mudanças no espaço citadino, beneficiado com elementos que mudaram a vida das pessoas na cidade, mesmo que essa mudança não fosse percebida de modo tão significativo. Por este ângulo, podemos afirmar que o projeto de modernização para a cidade de Caicó, defendido pela elite que escrevia nas folhas do *Jornal das Moças*, era evidenciado a partir das enunciações postas através das crônicas no jornal. Portanto, tomou-se esse espaço como um lugar de investimentos e crenças de sentidos diversos, uma vez que “qualquer espaço é fruto de sucessivos extratos constituídos por nomes, símbolos, ícones, textos, mapas, ditos e formas de ver e fazer”.⁷⁵

Além de elencar os benefícios modernos existentes em Caicó, o *Jornal das Moças* também demonstra nas crônicas outras preocupações, principalmente com a crítica ao comportamento de alguns indivíduos em relação à arborização da cidade. Neste sentido, aponta o pseudônimo Flor de Liz:

Causa-nos muita lastima esse péssimo costume dos meninos bem dignos da mais severa providencia dos senhores pais de família, é verdade, porem hoje, queremos falar que há também adultos que ajudam ou completam a danificação das cajaraneiras da Avenida!

Não se compreende muito bem como pessoas de maioridade procedam assim e não poderão negar o seu acto digno de punição na cadeia quando com profunda vergonha, com verdadeira indignação, com sincera revolta temos presenciado tantas vezes por

⁷⁵ ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *Zonas de Encrenca: Algumas percepções sobre poder e espaços*. p. 04. Disponível em <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/durval>. Acesso em: 20/04/2007.

aqueles que deviam zelar as indefesas arvores, balsamo das nossas horas de abrasado calor, encanto adorável das nossas praças publicas e maravilhoso enleio das nossas ruas sem calçamento.⁷⁶

A crítica feita por Flor de Liz na crônica acima realça o repúdio ao comportamento destruidor das pessoas em relação às árvores, que além de enfeitar a cidade, ofereciam à população a sua “função clorofiliana”, tornando-a purificada. Na argumentação, a autora prossegue indignada com as atitudes descritas, pois adultos também participavam da danificação das árvores. Ao contrário, a eles caberia educar e chamar a atenção dos menores sobre a importância das plantas na avenida da cidade. A indignação é grande, pois é a partir do exemplo que os comportamentos são instituídos, ou seja, os adultos deveriam orientar os mais jovens e não juntar-se a eles num comportamento digno de “bárbaros”. “As preocupações da Ciência Médica com a salubridade, com a saúde física e mental, as reformas urbanas [...] se refletem fortemente no Brasil no período republicano”.⁷⁷ Os jornais eram tomados por crônicas que refletiam sobre mudanças desses comportamentos, a preocupação era que as novas sensibilidades fossem incorporadas no cotidiano da cidade.

Na imagem abaixo, a Rua Coronel Martiniano evidencia-se, além dos curiosos que pousavam para o fotógrafo, pelo conjunto de árvores.

⁷⁶ Flor de Liz. Notas. *Jornal das Moças*, Caicó, 23 de maio de 1926, p. 02.

⁷⁷ ARRAIS, Raimundo. *Recife, culturas e confrontos*. Natal: EDUFRRN, 1998. p. 56.



Vista Parcial da Rua Coronel Martiniano - [s.d].

Fotografia nº. 03

FONTE: Fotografia de Zé Ezelino no *Álbum Fotográfico Caicó: ontem e hoje*, 1994.

Para tanto se fez necessária a intervenção do Estado, governando a ação dos indivíduos que desrespeitassem a ordem pública (o passeio público repleto de árvores deveria ser respeitado) sujeitos a punições que deveriam ir desde multas até prisões. Essa crônica já tinha sido motivo de discussão num outro jornal, o *Seridoense*, citado pelo *Jornal das Moças*, que também se posicionava contra a ação da meninada que apedrejava as cajaraneiras da cidade, mas o assunto tomou uma dimensão maior quando se deram conta de que adultos também partilhavam de tais atitudes.

Notamos que a narrativa a respeito da natureza aparece humanizada no artigo. Sugere-se uma intimidade quando se fala das árvores, um romantismo, uma dimensão mítica, “pelo seu poder evocativo, por inspirar emoções e sentimentos”. Assim sendo, a possibilidade de ressignificar o contato com o mundo natural faz com que se distinguisse certa racionalidade e funcionalidade no contato com este mundo. A crônica ainda ressalta as funções de sombreiro das indefesas árvores, que as dotando de qualidades femininas e delicadas, possibilita-nos concluir que o usufruto

da natureza tornou-se produto de uma construção do social, de significados que são atribuídos pelos próprios homens.

Essa crítica à conduta das pessoas em relação às árvores expressa no *Jornal das Moças* converge com o código de posturas do município, que estabelecia regras e comportamentos ao tratamento que as pessoas destinavam às árvores:

Art. 45 – Os que destruírem ou damnificarem as arvores ou cercados em que estiverem plantados, ou nellas amarrarem animaes, ficam sujeitos a multa de 10\$ a 15\$000.⁷⁸

Essa postura mostrou a preocupação do município em organizar a vida da cidade de forma a mostrar que as autoridades não estavam alheias às atitudes de alguns indivíduos de péssimos hábitos. “A nova *urbe* deveria afigurar-se como moderna, racional, construída em linhas e ângulos retos, com largas avenidas, parques e praças e uma ampla arborização”.⁷⁹ Esta mesma preocupação belo-horizontina aplicava-se também à Caicó.

Dessa forma, o *Código de Posturas* se inseria nesse espaço como um regulador de práticas cotidianas, impondo multas caso houvesse algum desvio de conduta por parte das pessoas. Como um regulador de práticas, o código determinava leis sobre a organização do território municipal, a edificação do patrimônio, a higiene e salubridade pública dentre outros, tentando controlar o crescimento desgovernado da cidade.⁸⁰

Entretanto, estabelecido desde a crônica anterior não se situava apenas na elaboração de punições em relação àquelas atitudes, mas sim algo que está relacionado ao cotidiano, ou seja, essa relação estabelecida de danificação em relação às árvores mostra que boa parte das pessoas estava à margem das discussões que refletiam sobre as trocas gasosas, a renovação do ar, ou mesmo o arrefecimento do clima a partir da preservação das árvores. Isto quer dizer que demorou algum tempo para que o debate em torno da medicalização e preservação

⁷⁸ *Código de Posturas*, Intendência Municipal de Caicó, Lei nº 78, de 18 de janeiro de 1928.

⁷⁹ DUARTE, Regina Horta. *História e Natureza*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

⁸⁰ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato Em Branco E Preto: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 48.

das árvores fizesse parte do cotidiano da cidade. Poderíamos afirmar que o hábito de depredar as árvores na cidade, mesmo tendo como apoio as chamadas posturas que pressionavam os indivíduos a mudarem suas atitudes, levou algum tempo para ser incorporado.

O historiador Keith Thomas demonstrou que o interesse pelo ambiente natural e as preocupações com a relação entre o homem e as outras espécies são vistos como fenômenos recentes. Apesar de seu trabalho enfatizar fundamentalmente as percepções, os raciocínios e os sentimentos dos ingleses no início da época moderna frente aos animais, aos vegetais e à paisagem física, o autor nos fornece uma interessante problemática que permeou não apenas aquele mundo em particular (o dos ingleses), mas todo e qualquer outro que estabelecesse relações com o mundo natural: o que as pessoas pensavam no passado sobre as plantas e os animais não se diferenciava daquilo que elas pensavam sobre si mesmas. Isso quer dizer que em grande medida herdamos toda uma tradição de comportamentos em relação ao mundo animal e vegetal.

Durante muito tempo, a tendência de tratar com brutalidade animais e vegetais, por serem tidos como seres que ocupavam um lugar inferior ao do ser humano, foi prática corrente na maioria das sociedades (pelo menos no Ocidente). Apesar do trabalho de Thomas se restringir à experiência inglesa, o predomínio sobre o mundo animal e vegetal foi e é, afinal de contas, uma condição básica da história humana.⁸¹

Ainda segundo Keith Thomas, a desumanização de animais, vegetais, e até mesmo seres humanos, foi um pré-requisito necessário aos maus-tratos, da mesma forma a humanização foi outro pré-requisito necessário para que, no caso das árvores e dos vegetais de forma geral, as sensibilidades em relação ao seu tratamento mudassem. Em grande medida, precisamos entender que são concepções culturais que vigoraram nas sociedades e que possuíram sua historicidade, isto é, durante o passar do tempo, várias dessas concepções sobre a natureza foram sendo ressignificadas e redefinidas, ora tendo pouca importância ora fazendo parte das preocupações com os projetos urbanos.

⁸¹ THOMAS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p 21- 49.

Na cidade de Caicó dos anos 1920 estimulava-se o amor às árvores simultaneamente aos ensinamentos de patriotismo, o respeito à família e seus valores. Isso nos forneceu uma percepção significativa na mudança dos comportamentos das pessoas, pois os tempos modernos trariam novas sensibilidades com projetos que incluiriam não apenas o embelezamento da cidade, os ajardinamentos, mas a recriação de espaços naturais onde as árvores não apenas aformoseariam os logradouros, como o que está indicado no *Código de Postura* da cidade.

De acordo com Gilmar Arruda, o sertão se tornaria civilizado mediante à inserção técnica. O investimento técnico no interior, com a construção de auto-estradas, da instalação de linhas telegráficas, da construção de estradas de ferro bem como o mapeamento da região seriam o apanágio para inserir o interior ou sertão no processo civilizatório.⁸²

Os artigos escritos no *Jornal da Moças* evocavam a idéia de que aquela sociedade também tentava se inserir na lógica da modernização, do progresso e da civilidade, preocupando-se com o comportamento das pessoas em relação às árvores que embelezavam, mas que também serviam para proteger os transeuntes do sol. O “Capítulo VIII” do *Código de Posturas* de Caicó indicava que,

[...] para arborização da cidade e das povoações serão preferidas as árvores: - o ficus benjamim, o eucalyptus e a mangueira.⁸³

O papel desses artigos do *Código* era educar a população e esclarecer sobre a importância das árvores plantadas no meio e ao largo das ruas, além de terem elas sido selecionadas por suas resistências ao ambiente quente e seco da região do Seridó. Afirma José Augusto, em seu livro *Seridó*, que os projetos de rearborização para esse espaço estampavam sua preocupação num “reflorestamento da maior área possível da zona seca do Nordeste, principalmente das circunjacências dos açudes”,

⁸² ARRUDA, Gilmar. *Cidades e Sertões: entre a história e a memória*. Bauru: EDUSC, 2000. p. 99-128.

⁸³ Capítulo VIII, Da Arborização. *Código de Posturas de Caicó*, 1928. p. 13.

É irrecusável, porém, que, além das secas, o passo humano e o machado, de que falou Bilac, têm concorrido poderosamente para devastar, sem que se cuide de substituir, as espécies vegetais que existiam nas suas caatingas e nas várzeas dos seus riachos e rios secos e que as condições agrológicas permitem reflorestar. Cumpre restaurá-las e protegê-las. Não se trata de *reflorestamento*, pois florestas não existiram, mas de rearborização. Nesse sentido foi benemerita a ação do Sr. José Américo de Almeida, como Ministro da Viação, instituindo o Serviço de Reflorestamento da Inspetoria de Secas [...]⁸⁴

Esse projeto atingiu as camadas mais altas. Provavelmente as insistentes reflexões sobre a arborização advinham do projeto maior em âmbito estadual, principalmente no exercício do governo de José Augusto. Reflorestar as áreas quentes significaria diminuir o calor e a aridez, particularmente de um solo como o da região seridoense. É importante levar em consideração que concomitante à necessidade surgida de se ter nas cidades praças e outros lugares ornados com árvores sombreadas, se refazia uma idéia de natureza em conformidade com o que se queria dela. Esta atitude também se justificava pelo orgulho que a sociedade possuía de suas paisagens, o que acabaria levando à recriação da natureza e à construção dos parques nacionais.⁸⁵

A temática da arborização prevalecia como preocupação constante do editorial do *Jornal das Moças*:

Michel Levy celebre higienista francez, estudando a physiologia dos habitantes dos paizes quentes, demonstra, de uma maneira assaz interessante e com fundamentos scientificos, a influencia perniciosa do clima equatorial sobre a constituição dos indivíduos. No parecer unânime dos higienistas é por meio da arborisação principalmente que este problema se resolve de modo fácil. O que seja á arvore e quais seus beneficios são coisas que até as creanças não ignoravam. Contudo, diante do atrevido procedimento de certas pessoas que, alem de danificarem a arborisação publica por que tanto se tem empenhado a nossa Municipalidade, criticam

⁸⁴ MEDEIROS, José Augusto Bezerra de. *Seridó*. Brasília: Gráfica do Senado, 1980. p. 53.

⁸⁵ Conferir esta discussão em DUARTE, Regina Horta. *História e Natureza*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. Para saber mais sobre esta discussão, ver também SEGAWA, Hugo. *Ao Amor do Público: jardins no Brasil*. São Paulo: FAPESP, 1996.

desfavoravelmente os que cuidam de plantar árvores na cidade, cumpre nos citar concluindo, num apelo aos caicóenses para intensificarem a nossa arborização, as palavras do mais iminente higienista americano “há mais saúde numa choupana rodeada de árvores do que num palácio sumptuoso onde não se veja plantas”.⁸⁶

Munindo-se de leituras científicas, a argumentação da crônica prosseguia procurando mostrar a importância da preservação das árvores e a relação imediata com o abrandamento do calor de cidades quentes, como no caso de Caicó. Na tentativa de justificar as atitudes das pessoas que danificavam a arborização da cidade, o autor se referiu às teorias deterministas que refletiam sobre a influência do clima equatorial na formação do caráter do indivíduo, pois segundo essas teorias, havia uma tendência de desvio no caráter dos indivíduos em virtude do calor excessivo próximo à linha do Equador.

Ressalta-se ainda, na crônica transcrita acima, a importância da vegetação para o abrandamento do calor. De acordo com Hugo Segawa, o significado da vegetação e das árvores para a salubridade das cidades continuava a ser um tema polêmico. Apenas no final do século XIX e início do século XX, possuir árvores nas ruas das cidades ou nos parques públicos deixava de ter significado apenas de salubridade e adquiria um suposto caráter cívico. “A árvore se tornava um símbolo de civilidade, de cultura, de patriotismo”, sendo Belo Horizonte, no caso brasileiro, uma das primeiras cidades a consolidar uma política mais ampla sobre o papel da vegetação na qualidade do ambiente.⁸⁷

O autor da crônica “Pelos Árvores”, abordada acima, utilizou-se da ironia como recurso lingüístico quando lembrou que as próprias crianças sabiam da importância das árvores plantadas numa zona de muito calor e lança uma crítica aqueles que, por desconhecimento ou por não, tornaram-se um empecilho à administração da cidade pelo fato de contribuírem com os trabalhos urbanos da municipalidade.

Outra crônica, dessa vez publicada no *Jornal do Seridó*, reflete sobre a

⁸⁶ (Sem autoria). Pelas Árvores. *Jornal das Moças*, Caicó, 27 de julho de 1926, p. 01.

⁸⁷ SEGAWA, Hugo. *Ao Amor do Público: jardins no Brasil*. São Paulo: FAPESP, 1996. p. 67-71.

venda de mercadorias expostas sob o chão, chamando a atenção dos feirantes para que esse hábito fosse revisto, pois se constituía uma séria ameaça à saúde pública:

Medida de Higiene

O nosso Código de Posturas vigente, decretado ultimamente em substituição ao antigo, cuja reforma já se fazia necessária proíbe terminantemente a venda de mercadorias expostas no chão, a granel, recommendando o seu acondicionamento em caixões, sacos, cestos ou taboleiros e prescrevendo aos infractores a pena de 10 \$ a 20 \$ de multa, a 1 a 2 dias de prisão.(...)

O povo não tem ainda noção de que as grandes coisas nascem das pequenas.

Não se lembra que o micróbio tem sido e será o flagello da humanidade, entretanto é elle tão pequeno que so com o auxilio do microscopio podemos observa-lo.(...)

Temos visto nas feiras desta cidade laranjas, abacaxis, batatas, gerimúns e outras mercadorias expostas à venda sem observância daquela prescripção legal.

Precisamos nos convencer que esta facto constitue um crime contra a saúde publica por que e falta da falta da hygiene que emanam as grandes epidemias.⁸⁸

O autor da crônica enfatizou o hábito dos feirantes de comercializar frutas e verduras expostas ao chão, expondo a falta de higiene no acondicionamento dos produtos, consistindo, segundo as novas descobertas da medicina, em um perigo à saúde humana. Por isso, o cronista demonstra a intenção de divulgar e pôr em pauta junto à sociedade caicoense esses velhos hábitos. A ênfase era posta na idéia de que muitas doenças e epidemias eram provocadas por organismos minúsculos, os micróbios, e, portanto, havia a necessidade de educar a população no sentido de se disseminarem hábitos mais salutaes no manusear, expor e acondicionar os produtos que eram comercializados.

Atendendo a essas novas necessidades, a questão da saúde pública foi incluída no novo *Código de Posturas* da cidade de Caicó, que determinava a forma mais adequada para venda dos alimentos em feiras livres:

⁸⁸ (Sem autoria). Medida de Higiene. *Jornal do Seridó*, Caicó, 03 de novembro de 1928.

Art. 77, parágrafo XII – Colocar os gêneros e mercadorias, conforme as suas diversas espécies em logares diferentes dos que forem determinados pelo fiscal ou pelo zelador ou administrador.⁸⁹

Os que estavam à frente da administração da cidade tinham contato com as teorias higienistas e com os profissionais da engenharia sanitária que estavam preocupados em conhecer e eliminar os miasmas, os micróbios; e eles eram, portanto, os responsáveis pela divulgação e pela subjetivação dos preceitos de limpeza. Dessa maneira, ficar em sintonia com os discursos de salubridade era uma forma de difundir as medidas eugênicas e combater as chamadas práticas tradicionais.

As administrações começaram então a emitir um discurso centrado na preocupação com a higiene, que era dirigido não só ao cuidado com o corpo social, mas também com o ambiente em que esse “corpo” habitava, trabalhava e circulava, visando criar normas gerais para os cidadãos. A dificuldade seria suplantando alguns hábitos tradicionais em prol de outros mais salutar.

Entretanto, podemos lançar a interrogação: quais das pessoas que trabalhavam na feira tinham acesso ao jornal, saberiam ler e entenderiam a proposta para mudança dos seus hábitos? Na verdade, não era só uma questão de impor a mudança e esperar que houvesse uma incorporação automática, mas era antes de tudo perceber a forma como as pessoas estavam habituadas a essas práticas no cotidiano, dificultavam a mudança dos hábitos. Muitos dos feirantes eram agricultores pobres que possuíam produção pequena, vendiam suas mercadorias na feira sem preocupação com a higiene.

Por isso, a solução encontrada pela administração pública foi o estabelecimento de “posturas” em relação à venda de mercadorias, frutas, verduras, carnes, além dos pesos utilizados. Era uma tentativa de uniformizar a feira e suas práticas em consonância com os novos tempos, enfatizando a noção de cuidado com os produtos vendidos em espaços abertos. Dava-se assim, toda a importância aos debates científicos que apontavam para proliferação dos micróbios nos ambientes sem cuidados higiênicos.

⁸⁹ Capítulo VIV. *Código de Posturas de Caicó*, 1928. p. 14.

Portanto, pensamos que enquanto não houvesse uma subjetivação das novas idéias não haveria mudança nos hábitos comportamentais e seria necessário impor pela força da lei (no caso o *Código de Posturas*) novas atitudes. A noção de higiene pública, juntamente com a técnica de controle e de modificação dos elementos materiais do espaço citadino, que eram susceptíveis a favorecer ou a prejudicar a saúde, foram os principais pontos de reflexão de muitas das crônicas escritas em Caicó nos anos 1920.

Como fazer, contudo, a população agregar novos hábitos às suas vidas? Note-se que nas propagandas e crônicas dos jornais havia um apelo à instituição familiar como aporte para incutir no seu cotidiano as mudanças buscadas pela modernidade. Nessa medida, a busca e o apelo à instituição familiar foi o aporte utilizado em algumas nas crônicas. Segundo Herschmann e Pereira,

A integração familiar à ordem urbana foi um dos objetivos mais arduamente perseguidos pela medicina higienista. Neste sentido, elaborou uma política de saúde que cuidava de mudar os hábitos e os valores nocivos da tradição, de estabelecer uma nova ética das relações afetivas que orientasse o comportamento dos indivíduos em todas as circunstâncias da vida privada e social.⁹⁰

Podemos assim repensar os lugares ocupados pelos médicos, engenheiros e educadores como articuladores de novos modelos de condutas no privado e no público. Pois além de civilizar, era preciso uma política de práticas para que a sociedade incorporasse novos hábitos, realizando uma normatização intensa, muitas vezes, autoritária e sem fronteiras. Era preciso, portanto, disciplinar a sociedade, incutir valores, e desse modo destruir, os “vícios” e as “perversões” que tanto ameaçavam os centros urbanos.

Dessa forma, uma cidade que se queria civilizada deveria contar com os signos do progresso, como luz elétrica, escolas, hospitais, telégrafos. Contando com

⁹⁰ MURICY, Katia. *A Razão Cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 14 *apud* HERSCHMANN, M. Micael; PEREIRA, C. A. M. (orgs.). *A Invenção do Brasil Moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20 e 30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 27.

um ou outro signo da vida moderna – seja relacionado ao higienismo e/ou aos novos meios de comunicação e transporte, dentre outros – constituiria uma espécie de termômetro para avaliar qual cidade seria mais ou menos civilizada. Assim, nesse primeiro capítulo a prioridade foi pensar Caicó não pelo plano que se configurava nos cenários urbanos de agitação frenética e de *rush* característico, mas pela associação da modernidade anexada às conquistas materiais que passam ao imaginário urbano como símbolos do moderno.

CAPÍTULO II

Caicó: novas práticas de consumos

[...] os bens são algo mais além de um mero sinal diacrítico da cultura. Fazem mais do que apenas exibi-la. Eles são, de fato, muito semelhantes a um anúncio. Buscam não somente descrever, mas também persuadir. Quando a cultura transparece nos objetos, busca se fazer aparentar inevitável, surgindo como os únicos termos nos quais qualquer um pode constituir seu mundo. A cultura usa os objetos para convencer.

Grant McCracken⁹¹

Entre fins da década de 1920 e início de 1930, a cidade de Caicó, assim como outras cidades brasileiras, passou a dar visibilidade aos anseios de modernidade utilizando-se da imprensa como principal meio de difusão. Naquela cidade, além do *Jornal das Moças* e d'*O Binóculo*, outros como o *Jornal do Seridó*, *Jornal de Caicó* e *O Seridoense*⁹² apresentaram-se como veículos difusores do espetáculo da modernidade.

Como um conceito socioeconômico, a modernidade designa uma grande quantidade de mudanças tecnológicas e sociais que tomaram forma nos últimos dois séculos e alcançaram um volume crítico perto do fim do século XIX: industrialização, urbanização e crescimento populacional rápidos; proliferação de novas tecnologias e meios de transporte; explosão de uma cultura de consumo e assim por diante.⁹³

De acordo com Nicolau Sevcenko,

A moderna sociedade de massas só se tornou possível, operacionável, graças aos recursos das novas tecnologias. E que essas tecnologias atuam para muito além dos limites da escola, da força e da percepção humanas.⁹⁴

⁹¹ McCracken, Grant. *Cultura e Consumo. Novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003. p. 166.

⁹² Cabe ressaltar que, excetuando-se o *Jornal das Moças* e *O Binóculo*, o que foi preservado dos demais periódicos consistiu de fragmentos anexados aos processos-crime pesquisados no Laboratório de Documentação Histórica (LABORDOC).

⁹³ HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos – O breve século XX (1914-1991)*. 2ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁹⁴ SEVCENKO, Nicolau. O Prelúdio Republicano, Astúcias da Ordem e Ilusões do Progresso; A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: *A História da Vida Privada no Brasil. República: da Belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 582.

Grant McCracken, em seu estudo sobre cultura e consumo, demonstrou que o mercado consumidor que se iniciou no século XVI se expandiu no século XVIII e tornou-se, por volta do século XIX, um fato social permanente. O trabalho do autor, investigando essa relação, nos forneceu alguns subsídios para avaliarmos como a expansão dos bens culturais na modernidade afetou o cotidiano das pessoas em Caicó, ou seja, a relação entre consumo e alterações do seu universo cultural.

Entretanto, em grande medida, notamos que o ato de consumir as mercadorias, seja pela própria compra do bem, ou através da relação estabelecida nas leituras dos anúncios publicitários dos jornais, por exemplo, possibilitou pensarmos na relação entre consumo e status, considerando-se que os bens materiais constituem elementos informadores dos papéis sociais dos indivíduos. Portanto, como afirma McCracken, temos na cultura material a habilidade de carregar mensagens de status.⁹⁵ Essa problemática também é discutida por Jean Baudrillard quando desmistifica a ideologia de consumo como comportamento utilitarista de um sujeito individual, finalizado pelo gozo e satisfação dos desejos e aponta na direção do consumo uma estrutura social de segregação e de estratificação.⁹⁶

Segundo Antônio Paulo Rezende, um vasto império de seduções vai transformando o panorama da sociedade moderna de modo avassalador, na medida em que a ciência e a técnica aliam-se às ambições do capital e transformam o espaço citadino por excelência no espaço do efêmero.⁹⁷ Neste sentido, a emergência de uma sociedade de consumo tem como espaço privilegiado a cidade que é bombardeada por uma miríade de propagandas nos jornais.

Essas propagandas buscavam criar e internalizar novos comportamentos e práticas de consumo associadas às idéias que se tinha de progresso. Sendo um conceito polissêmico e histórico, torna-se interessante perceber como esse conceito

⁹⁵ McCracken, Grant. *Cultura e Consumo. Novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003. p. 40-43.

⁹⁶ LIPOVETSKY, Gilles. *O Império do Efêmero: A moda e seu destino nas sociedades modernas*. 9ª Reimpressão, São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 170-171.

⁹⁷ REZENDE, Antonio Paulo. *(Des) encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: FUNDARPE, 1997.

de progresso era nomeado pela sociedade e destacadamente pelos cronistas caicoenses. Eles enxergavam a cidade como o espaço privilegiado para as novas práticas com a onda modernizadora e avanços do capitalismo: invenção e difusão da eletricidade; do telégrafo; da fotografia; do cinema; do automóvel; das vacinas e remédios, etc. Enfim, um grande progresso técnico que transformou a vida das pessoas e gerou um crescimento do mercado consumidor.

Neste sentido, a problemática do consumo na sociedade contemporânea, analisada por Gilles Lipovetsky, pareceu-nos inspiradora por permitir entender como se expandiu um mercado consumidor nas primeiras décadas do século XX, marcados pela inserção da idéia de “economia moda” ou “forma moda” das mercadorias.⁹⁸ Isto quer dizer que a volatibilidade da moda foi inspiradora para os produtores industriais inserirem, na produção de suas mercadorias, uma lógica permanentemente inovadora e renovadora.

Em meados da década de 1920 o processo de renovação das mercadorias ficou mais intenso com o crescente e exigente mercado de consumo, ou seja, tratava-se de substituir a unicidade pela diversidade, “[...] a similitude pelas nuances e pequenas variantes, compatível com a individualização crescente dos gostos.”⁹⁹ A estética das mercadorias passou ser um ponto importante, pois o mundo dos objetos estava sob o julgo do estilismo e das aparências que buscavam aguçar os sentidos dos prováveis consumidores.

Os produtores industriais descobriram o valor do aspecto externo dos bens de consumo. As modificações empregadas na estética dos objetos são um correlato do novo lugar atribuído à sedução das mercadorias. Nessa medida, vale ressaltar o cenário das exposições universais com seu caráter de celebração das efemérides nacionais ou internacionais. No Brasil, as exposições nacionais, que vinham sendo realizadas desde meados do século XIX, possibilitaram, da mesma forma que em outros países, um esboço do panorama extenso da produção de mercadorias, das relações técnicas e do trabalho no país.¹⁰⁰

⁹⁸ LIPOVETSKY, Gilles. *op. cit.*.

⁹⁹ *Idem*, *ibidem*, p. 162.

¹⁰⁰ HARDMAN, Francisco Foot. *Trem Fantasma: A ferrovia Madeira – Mamoré e a modernidade na selva*. 2ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2005. Cf. Caps. II e III.

Em meados dos anos de 1920, o número de novidades trazidas pela moderna indústria transformou o cotidiano das cidades brasileiras e começou a influir diretamente no comportamento das pessoas. Em Caicó, as propagandas dos jornais abordaram esse progresso técnico e material e demonstraram a preocupação com uma cidade “sintonizada” com os novos tempos.

Fazendo uma cartografia espacial da cidade, que na época possuía um centro comercial localizado ao longo da Avenida Seridó, e nas suas proximidades o Mercado Central, as autoras Marta Maria Araújo e Maria das Dores Medeiros traçam um panorama da cidade de Caicó:

A paisagem urbana apresentava um conjunto de casarios com calçadas altas, antigos sobrados, praças ajardinadas, alinhadas vivendas e elegantes edifícios públicos de linhas arquitetônicas modernas. Dentre os prédios públicos, destaque para a prefeitura Municipal (1890), o Mercado Público (1918), o Grupo Escolar Senador Guerra (1925), a Mesa de Rendas (1925) e o Hospital do Seridó (1926). As ruas avançavam em novas direções espaciais alargando a área urbana da cidade.¹⁰¹

Junto a estes referenciais de espaço, foi possível ampliar, através da pesquisa nos fragmentos dos jornais *Caicó* e *Seridó*, a cartografia da cidade a partir do universo das propagandas. Além de uma área urbana em expansão, Caicó possuía um comércio bem desenvolvido, composto por lojas de tecidos, miudezas como *A Loja Avenida de E. Gurgel de Araújo na Avenida Seridó, nº. 69*; ou *A loja de Fazendas de Pedro Militão, completo sortimento de fazendas grossas e finas, chapéus, meias, toalhas, colchas, redes, etc.*; papelarias como a *Casa Lebarre, livraria e papelaria*; farmácias como a *Pharmacia e Drogaria Gurgel, na Avenida Seridó nº. 17 e 61*; casas de ferragens como *J. Severiano & Filhos, grande sortimento de Ferragens, Estivas e Miudezas*; e, hotéis e hospedarias como o *Hotel Avenida: um grande e confortável hotel situado a Avenida Seridó, nº. 80*; cafés, cigarros, bares, etc. que propunham facilitar a vida das pessoas que buscavam o

¹⁰¹ ARAÚJO, Marta Maria de, MEDEIROS, Maria das Dores. As Celebrações da Festa da Gloriosa Senhora Sant' Ana de 1930. Caicó–RN. In: DANTAS, Eugênia Maria; MORAIS, Grinaura Medeiros de (orgs.) *Livro de Memórias*. João Pessoa: Idéia, 2006. p. 134.

comércio de Caicó.¹⁰²

Na cidade de Caicó destacam-se, também, as instituições e órgãos culturais que atuavam como agentes educativos e de lazer. Dentre eles podemos citar a Escola Estadual Senador Brito Guerra; o Colégio Santa Terezinha do Menino Jesus; a Biblioteca Olegário Vale, que em 1919 possuía um acervo de quase 2.000 volumes; a Banda de Música Recreio Caicoense, criada em 1909; o cinema Avenida, em 1925; o Teatro Avenida, em 1925, os dois últimos tendo um papel fundamental na vida da sociedade.¹⁰³

Portanto, como pudemos perceber nas referências acima, os signos da modernidade em Caicó não ficaram circunscritos às tímidas reformas e políticas de infra-estruturas urbanas, pois a emergência de novas sensibilidades perpassa o plano material e circunscreveram-se no plano mais íntimo de cada um. Por isso, devemos pensar como o consumo de diversas mercadorias esteve relacionado à idéia de progresso e adiantamento e serviu como um redefinidor de comportamentos da sociedade.

De acordo com Antônio Paulo Rezende, a fonte jornalística permite ao historiador, além dos discursos informativos, trabalhar com os anúncios de produtos publicados que buscam seduzir e encantar os leitores.¹⁰⁴ Em nosso eixo problemático, a veiculação desses anúncios nos jornais na cidade de Caicó nas décadas 1920-1930 enuncia novas lógicas de percepção e investimentos econômicos.

2.1. Tempo e consumo

Os “fragmentos de memória”, parafraseando Michel de Certeau¹⁰⁵, permitem a análise das diferentes concepções de tempo, memória e história a partir

¹⁰² ARAÚJO, Marta Maria de; MEDEIROS, Maria das Dores. *op. cit.* p. 134.

¹⁰³ Idem, *ibidem.* p.134.

¹⁰⁴ REZENDE, Antônio Paulo. *(Des) encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte.* Recife: FUNDARPE, 1997. p. 62.

¹⁰⁵ CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano – artes de fazer.* 6ª edição, Petrópolis: Vozes, 2001.

das questões que permeiam os lugares de enunciação do conhecimento produzidos pelo historiador. Ao recompor esses “fragmentos” por meio das matérias impressas nos jornais, intentamos construir uma escrita sobre a problemática do tempo perante às velhas e novas experiências vivenciadas pela sociedade caicoense no início do século XX.

O tempo é inserido no novo ciclo de mudanças e passa por um longo processo de dessacralização na modernidade. Em Caicó, uma das questões debatidas pelas crônicas girava em torno da adaptação do cotidiano da cidade ao horário do relógio mecânico - o horário oficial, e que fosse deixado de lado o horário externalizado pelas badaladas do sino da igreja.

Dessa forma, na crônica de 31 de outubro de 1926, publicada no *Jornal das Moças*, Flor de Liz, pseudônimo do farmacêutico José Gurgel de Araújo, conclamava a população da cidade o ajuste dos relógios à hora oficial:

Há por toda cidade natal um vivo desejo de levarmos os nossos relógios para a hora official. Ninguém mais ignora que o “carrilhão” da Matriz, ao meio dia nos manda as suas doze badaladas, desprezando a hora solar, isto é, com quarenta minutos de diferença. O nosso “Senador Guerra”, importante templo de educação da infância e da mocidade da nossa terra; o Telegrapho Nacional; a Igreja Matriz; diversas residências familiares e algumas casas commerciaes já adoptaram a hora official e por que todos não accertam os seus relógios a fim de termos uma hora certa? ¹⁰⁶

De acordo com o ilustre cronista, alguns espaços já haviam adotado o horário oficial, mais exato e adequado aos novos tempos. Por isso, Flor Liz reforça o seu pedido:

Procuremos, portanto, dar aos nossos agradáveis companheiros de existência de hoje em diante a verdadeira expressão de sua significação, isto é, marcar as horas com a exaptidao determinada por uma commissao especial que estudou o assumpto com a competência scientificamente exigida. ¹⁰⁷

¹⁰⁶ Flor de Liz . A Nota. *Jornal das Moças*, Caicó, 31 de outubro de 1926. p. 01.

¹⁰⁷ Idem, ibidem.

Nessa crônica, Flor de Liz evocou a hora oficial devidamente estudada pelos métodos científicos, que deveria substituir as badaladas do sino da Igreja que no carrilhão da matriz da Igreja de Santana ainda insistentemente regiam o tempo e o cotidiano dos caicoenses. As famílias, as casas comerciais e outros locais deveriam abandonar em definitivo as horas dadas pelas badaladas do sino da Igreja.

A hora oficial passou a ser adotada pelos principais estabelecimentos da cidade. Faltava apenas os seus habitantes se colocarem em reciprocidade com a exatidão da hora oficial, pois aquela era respaldada por estudos científicos. O tempo da igreja, excetuando-se a dimensão religiosa (principalmente em momentos ritualísticos), já havia passado e os indivíduos precisavam se sintonizar com um novo tempo onde o cotidiano fosse regido pelo horário mecânico.

De acordo com Anthony Giddens, a reelaboração da concepção de tempo pautado pelo relógio mecânico remonta-nos a um longo processo cujo aceleração se deu no século XIX:

A invenção do relógio mecânico e sua difusão virtualmente entre todos os membros da população (um fenômeno que data em seus primórdios do final do século XVIII) foram de significação - chave na separação entre o tempo e o espaço.¹⁰⁸

A separação entre o tempo e espaço foi fundamental para os estudos da modernidade. O tempo se acelerava a cada dia, impulsionado por novas criações tecnológicas, novas normas e desafios cujos discursos convergiam para uma hegemonia dos discursos técnicos e da confiança no progresso. O espaço encolhe, as horas encurtam, uma atmosfera de pressa envolvia as pessoas. O novo tempo exigia um ritmo incessante das atividades e atingia os hábitos arraigados da sociabilidade cotidiana da sociedade.

A adaptação a este novo tempo tornou-se uma questão importante. Para o cronista, o relógio da Igreja Matriz tinha os seus dias contados e só deveria tocar novamente para anunciar as comemorações e festividades da Festa de Sant'Ana,

¹⁰⁸ GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1999. p. 26.

ocorrida anualmente na última semana do mês de julho.

Esse novo tempo trouxe consigo o consumo de novidades e os jornais foram os instrumentos utilizados para comunicar a consonância com os novos símbolos de uma vida confortável. Eram os sonhos de uma elite letrada que ganhava espaço através das propagandas.

O advento da publicidade moderna trouxe consigo uma nova forma de inserir o consumo no cotidiano do indivíduo, ao associar jornal e anúncio. Essa nova definição de publicidade fez com que nomes de produtos fossem associados à idéia de satisfação humana, dirigindo-se diretamente à imaginação e à sensação de bem-estar.

A associação entre consumo e propaganda se estendeu à saúde, higiene, medicina, remédios, moda, educação, etc. A veiculação dessas propagandas nos jornais tornava o público leitor atualizado com a emergência de novas sensibilidades e dos bens materiais trazidos com o desenvolvimento da moderna indústria. Além disso, era um meio de alterar a base comportamental de uma sociedade, estimulando os indivíduos ao consumo através de inúmeras promessas de satisfação. Os anúncios passaram a ser sugestão; dirigiam-se aos sentimentos.¹⁰⁹

Nas propagandas, notamos que os anúncios das mercadorias estavam associados diretamente à satisfação dos desejos ou à resolução dos problemas cotidianos dos indivíduos. De acordo com Antônio Paulo Rezende,

O fetiche da mercadoria presente nas sociedades modernas transforma a dimensão dos objetos, redefine ou esconde o seu valor de uso. A sociedade vai tornando-se um vasto império de seduções, avassalador na medida em que a ciência e a técnica alinham-se à ambições quase incontroláveis do capital. A sociedade de consumo pede passagem ao sonho e ao desejo na grande moradia dos homens.¹¹⁰

Numa sociedade de consumo, os bens materiais estão associados à idéia de fetiche. No caso dos jornais, os anúncios atribuíam um poder superdimensionado

¹⁰⁹ Essa discussão encontra-se em: ORTIZ, Renato. *Cultura e Modernidade: a França do século XIX*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1991. p. 176.

¹¹⁰ REZENDE, Antônio Paulo. *op. cit.* p. 62.

à mercadoria; um valor que não era palpável, mas que estava destilado nas frases de efeito que prometiam a solução dos problemas ou a sensação de bem-estar quando da aquisição de determinado produto.

Segundo Peter Stallybrass¹¹¹, a idéia de mercadoria fetichizada é muito criticada por Marx no *Capital*, pois este concebia a associação entre mercadoria e fetiche como uma dupla negativa que retirava do produto seu valor de uso e de troca, tornando-o um produto transcendental, um objeto descartável.

Distanciando-se dessa idéia de Marx, assumimos o risco de associar as mercadorias anunciadas nos jornais à idéia de fetiche e de sedução surgidas nos primeiros trinta anos do século XX. Empiricamente, a sociedade de consumo pode ser caracterizada por diferentes traços: elevação do nível de vida, abundância das mercadorias e dos serviços, culto dos objetos e dos lazeres, moral hedonista e materialista. Como afirma Gilles Lipovetsky, a sociedade centrada na expansão das necessidades é, antes de tudo, aquela que reordena a produção e o consumo de massa sob a lei da obsolescência, da sedução e da diversificação.¹¹²

Os jornais, com suas propagandas, assemelhavam-se aos catálogos de vendas por correspondência, incorporando as mercadorias a um sistema de representação de dupla face. Por um lado, as propagandas significavam a mercadoria ausente, mantendo o desejo por meio da representação do objeto. Por outro, os anúncios funcionavam como literatura e entretenimento que permitia uma atualização permanente por parte dos leitores; estes eram inicialmente construídos como espectadores, depois se tornavam consumidores. Em grande medida, “Os anunciantes profissionais já confiavam na força persuasiva do “apelo visual”.”¹¹³

Nessa medida, encontramos nos jornais de Caicó anúncios de alfaiatarias, ferragens, fábrica de móveis, lojas de miudezas onde se anunciavam chapéus, calçados, chitas, *zephyrs*, algodões e tecidos, fotógrafos experientes oferecendo seus trabalhos, carros a venda da marca Ford com a promessa de conforto e

¹¹¹ STALLYBRAS, Peter. *O Casaco de Marx. Roupas, memória, dor*. Belo Horizonte: Autêntica: 2004. p. 53-63.

¹¹² LIPOVETSKY, Gilles. *O Império do Efêmero - a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.159.

¹¹³ CHARNEY, Leo e SCHWARTZ, R. Vanessa. *O Cinema e a Invenção da Vida Moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001. p. 195.

encurtamento das distâncias, tabacarias, cinema juntamente com sua programação, livrarias que anunciavam um grande sortimento de obras, dicionários, guias para futuras mães, papelarias, farmácias e inúmeros anúncios de remédios que curariam crises de nervos, saúde da mulher, dores de cabeça, dentre muitos outros males.

Essas propagandas traziam um universo em ebulição, num momento marcado pelo que David Harvey chama de compressão do espaço e tempo, caracterizado pela emergência de novas tecnologias que facilitaram a vida das pessoas. Conforme sucedia num grande centro como Recife, segundo escreve Antônio Paulo Rezende,

Nada como anúncios de propaganda para revelar o poder do consumo. Há um cuidado especial em produzi-los, em envolver os leitores com as vantagens das novas invenções ou mesmo a tradição garantida de tantas outras. Nas revistas e jornais, é bastante expressiva a quantidade de anúncios. Eles aparecem e tentam seduzir com os possíveis encantos de seus produtos, usando não só palavras, mas também ilustrações interessantes. A imprensa reserva parte significativa de suas páginas para destacá-los, mostrando como são importantes para o financiamento de suas atividades.¹¹⁴

O autor enfatiza o poder que a propaganda possuía no universo imagético das pessoas. Ao focar o debate sobre a modernidade e suas conseqüências na cidade do Recife dos anos de 1920, Rezende discute como a cidade é o espaço por excelência das novidades advindas do progresso material e das novas tecnologias: é o que ele chama de “Império das Seduções”, ou seja, as novidades reconfiguravam o cotidiano dos que estavam ligados às notícias da modernidade, dando importância aos veículos de comunicação em massa como jornais e revistas, que em suas páginas representavam uma nova economia de massa estruturada no consumo desses gêneros.

Na paisagem da cidade, vários objetos desses novos tempos foram incorporados ao cotidiano das pessoas: uns provocando o fascínio e outros, a recusa. Um desses signos, o automóvel, chegou à cidade de Caicó em 1919, trazido

¹¹⁴ REZENDE, Antonio Paulo. *(Des) encantos Modernos: historias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: FUNDARPE, 1997. p. 62.

por Coriolano de Medeiros, e segundo Valério Alfredo Mesquita provocou espanto nas pessoas que apelidaram o auto de “Pé Duro”.¹¹⁵ Os moradores de Caicó saíam de suas casas para ver os “olhos acesos” do “Pé Duro” e muitos o temiam; pensavam ser a besta fera.

Em 1927, no *Jornal do Seridó*, as propagandas eram responsáveis por diversos assuntos, dentre eles destacam-se os de vendas de automóveis, que prometiam rapidez e economia no transporte das pessoas, principalmente de negociantes, de corretores, enfim, daqueles para quem o tempo era dinheiro. Para ser mais incisivo e enfático, o anúncio do carro apelava diretamente para os encantos sedutores da imagem, juntamente com a marca do carro à venda, um *Ford*, e um texto que dava ênfase aos seus componentes: “arranco automatico e pneus balão”¹¹⁶, apontando as inúmeras vantagens de se possuir um bem como aquele; além desse, também encontramos anúncios de pneus e câmaras de ar da “afamada marca *Goodyear*” que prometiam ser os mais resistentes e duradouros, assim como o *Kerosene Estrella e a gazolina 400 – Productos da Texas Company*; também oficinas para carros que anunciavam serviços de vulcanização e pneumático de câmara de ar para os donos de carros e *chauffeurs*, um outro segmento que tinha no automóvel seu meio de trabalho e um público a quem interessava esse tipo de anúncio.

Apesar do espanto inicial, o carro foi sendo incorporado ao cotidiano das pessoas, pois prometia perfazer distâncias em tempos menores. Observamos que na década de 1920 os automóveis ganham as páginas dos jornais de Caicó e anunciando seus benefícios para quem os adquirisse. Contudo, aquele produto ainda era pouco consumido pelas pessoas em virtude do baixíssimo poder aquisitivo da maioria.

¹¹⁵ *Caicó: história de seu município*. Natal: Fundação José Augusto Centro de Pesquisas “Juvenal Lamartine”, 1982. p. 179.

¹¹⁶ *Jornal do Seridó*, Caicó, 2 de novembro de 1929, [s.p.].



Anúncio de carro em Caicó - [s.d.]

Fotografia nº. 04

FONTE: *Jornal do Seridó*

Na figura acima, a relação entre imagem e discurso compõem o universo representativo sobre o qual estamos refletindo. A associação de palavras como rapidez, tempo, dinheiro e progresso era utilizada como fetiche que seduzia o consumidor, mais pela imaterialidade do bem material que anunciavam.

Como se tratava de um equipamento capaz de deslocar uma estrutura pesada de ferro a uma velocidade inédita no espaço urbano, o carro tornou-se um instrumento de poder e de terror, pois os autos começaram a afluir para as cidades do interior, a exemplo de Caicó, antes da existência de uma organização estrutural viária que permitisse a sua adequada locomoção, com sinalização e códigos de trânsito. Essas limitações geraram situações calamitosas, agravadas pelos atropelamentos, alguns seguidos de morte das vítimas.

De acordo com Richard Sennet, a velocidade exprime uma experiência frenética; o cidadão urbano, homem ou mulher, vive apressado, quase histérico. “Realmente, no século XIX, a rapidez assumiu uma característica diferente em

virtude das inovações técnicas introduzidas nos transportes, a fim de dar maior conforto ao viajante.”¹¹⁷ Os efeitos da velocidade sobre a percepção espaço-temporal, o deslocamento rápido propiciado pela força do mecanismo, alteram a visão da paisagem e dos passantes...

Além dos carros de passeio, os caminhões foram adotados para trabalho de transporte de víveres alimentícios, de pessoas, material de construção, etc. e tiveram uma presença marcante na construção do Açude Itans e no escoamento da produção algodoeira para cidades como Campina Grande e Natal. Neste sentido, as fontes, de acordo com seu lugar de produção, permitem diferentes leituras a respeito do impacto daquele meio de transporte no cotidiano caicoense: no discurso jornalístico enfocavam-se um conjunto de benesses propiciadas pelo automóvel, já nos processos-crime, podemos encontrar os transtornos advindos com o uso do carro, como alguns casos de atropelamentos seguidos de morte.

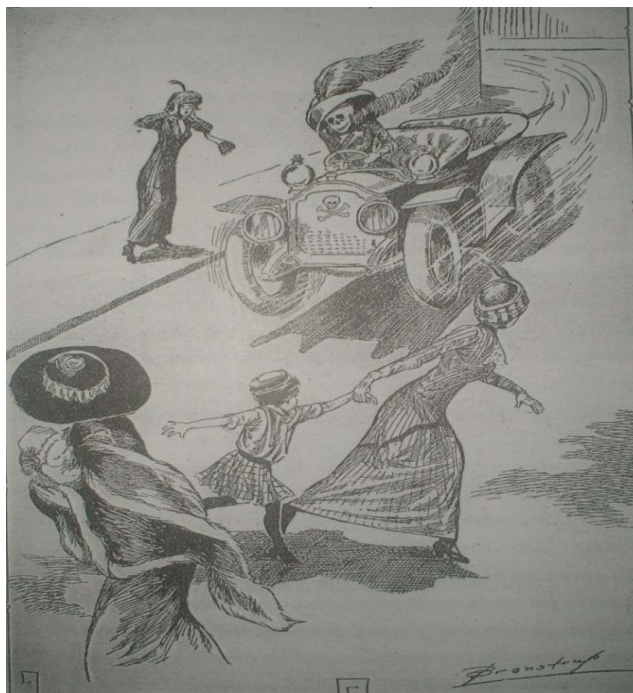
No dia 05 de março de 1935, um processo-crime registrou um acidente grave nos arredores de Caicó:

[...] um caso ocorrido no lugar “Açude Itans”, deste município, que ocasionou a morte de Moacy Chagas de vinte anos de idade vítima de atropelamento por um caminhão que transportava barro no Açude Itans. Foi constatado por exame pericial no transporte, que este faltava freio [...].¹¹⁸

Eram freqüentes casos de atropelamentos e desastres de rua em Caicó. Eram os prejuízos trazidos pela nova civilização que reunia uma dupla sedutora e perigosa: o progresso e a morte. Assim, com o advento dessas novas tecnologias, deu-se um aumento no número de mortes e acidentes, devido ao fator velocidade.

¹¹⁷ SENNET, Richard. Individualismo Urbano. In: *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record. 2003. p. 273.

¹¹⁸ Processo-crime, *Fundo da Comarca de Caicó* (LABORDOC-CERES-UFRN), março de 1935. Réu: Pedro Guedes (Chauffeur).



Quando motoristas sem habilitação estão à solta, Cartoons 1913.

Fotografia nº. 05

FONTE: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, R. Vanessa. *O Cinema e a Invenção da Vida Moderna*, p. 129.

A imagem ilustra uma crítica à modernidade fazendo uma denúncia aos perigos do tráfego de automóveis, elementos constituidores de uma nova trama urbana: o trânsito adquiriu paulatinamente uma alta periculosidade à medida que as frotas de carros e a velocidade foram aumentando; houve uma diminuição do uso da força animal como meio de transporte. Enfim, os autos simbolizavam os tipos de choques e sobressaltos nervosos aos quais os indivíduos estavam expostos a uma hipervulnerabilidade física no ambiente moderno.

Percebemos ainda que as novas tecnologias, a exemplo dos automóveis, influíram diretamente na concepção de tempo e de espaço que as pessoas tinham quando submetidas às alterações do seu cotidiano. A demora em ir de Caicó à Natal, quando o único meio de transporte era o lombo do cavalo, foi reduzida de vários para um único dia com “as sopas”.¹¹⁹

No espaço da publicidade, outro segmento poderoso na indústria

¹¹⁹ “Sopas” era a nomeação dada pela população ao ônibus que fazia o percurso Caicó-Natal.

publicitária eram os freqüentes anúncios de remédios que prometiam melhorar a saúde dos leitores. A saúde, nesse sentido, também era uma mercadoria amplamente comercializada nos anúncios jornalísticos, imprimindo uma conotação de auto-estima, autoconfiança e combatividade às doenças. Desta forma, eram comuns anúncios de emulsões, elixires, vacinas e xaropes com o intuito de curar doenças, numa associação entre saúde e mercadoria. A saúde assume, portanto, ares de produto que pode ser vendido e comprado e os remédios um seguro contra as fraquezas e vulnerabilidade do corpo.

Os farmacêuticos, dentistas e profissionais da saúde, bem como os remédios, apareciam nas propagandas como item de consumo. A propaganda daquele item funcionava como um discurso de educação dos sentidos, para a domesticação e a pedagogização sanitaria do povo.¹²⁰

Abaixo um anúncio de um novo remédio para combate de várias doenças,

DESITIN

Uma extraordinária maravilha Allemã

Licenciado pelo Departamento Nacional da Saúde Pública, sob o nº... e aconselhado por notabilidade medicas.

É o unguento infallivel na cura de feridas em geral, mesmo as cancerosas, cortes, queimaduras de qualquer gráo, rachaduras, assaduras de creanças e pessoas gordas, frieiras seccas ou humidas, fissuras annaes, hemorroidas agudas ou chronicas, assim como na cicatrizaçã de espinhos e tumores abertos, bem como essencial na cura de azemas, empingens (cobreiros)... humidos e especialmente para fechar immediatamente o cancro mole.

É o remedio que toda pessoa deve ter em casa e que esta ao alcance de toda bolsa.¹²¹

Os novos tempos colocam em voga o consumo de todas as novidades,

¹²⁰ OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. Fora da Higiene não há Salvação: a disciplinarização do corpo pelo discurso médico no Brasil Republicano. In: *MNEME – Revista de Humanidades*. v.4, n. 7, Caicó: UFRN/CERES, 2003. Disponível em: <http://www.seol.com.br/mneme/>. Acesso em: 16/11/2005. p.9.

¹²¹ *Jornal do Seridó*, Caicó, 27 de agosto de 1927, p. 2.

dentre elas os remédios que eram anunciados em propagandas de jornais prometendo a cura desejada. As propagandas nos jornais passaram a ser as mais variadas, não se restringiam apenas aos objetos. Também focalizavam os serviços de saúde através das farmácias, que passaram a oferecer ao público remédios produzidos industrialmente em larga escala, diagnóstico e receituário médico. A saúde ou a doença começaram a receber tratamento privilegiado e especializado, com diversidade de produtos farmacêuticos que visavam atender a um público cada vez mais amplo e que podia consumir essas mercadorias.

Estas novas dinâmicas da saúde passaram a exigir pessoas credenciadas pelo saber médico, implicando num processo de marginalização das práticas populares de cura. Com o advento da medicina e da figura do médico como detentor de um saber-poder sobre o corpo e suas doenças. Portanto, foram marginalizando-se os tradicionais métodos de cura, como as ervas e infusões, sendo essas práticas condenadas pela sociedade que via com maus olhos quem as praticava e quem as consumia, obrigando as pessoas que viviam dessa “arte” a trabalhar na clandestinidade.

O almanaque *A Saude da Mulher*, publicação que circulava em Caicó também nas décadas de 1920 e 1930, é outro exemplo de propagandas que prometiam a cura aos males femininos.



Propaganda sobre *A Saúde da Mulher*.

Fotografia nº. 06.

FONTE: *Jornal do Seridó*, 1931.

No anúncio notamos a presença de relatos de senhoras que utilizaram o medicamento e ficaram curadas de seu mal. Numa dessas propagandas, a mãe de uma usuária deu um depoimento afirmando que sua filha havia se curado graças ao uso do remédio anunciado em *A Saude da Mulher*. O depoimento foi utilizado para impulsionar suas vendas.

Outras propagandas estimulavam o uso regular de remédios que combatiam a cansaço, a dor de cabeça, como o *xarope São João*, que curaria a tosse e poderia fazer passar a dor no peito,



Gripes e resfriados curados com o *Xarope São João*

Fotografia nº. 07

FONTE: *Jornal do Seridó*, 1931.

Nessa imagem acima, o anúncio do *Xarope São João* seria um tônico libertador. O rosto sofrido e a mordida na boca do senhor indicam o sofrimento pelo qual ele estava passando. Um dos pontos que mais nos chamaram atenção são a ilustração e o texto que acompanham a propaganda: a função deles foi dar ênfase aos efeitos de cura e alívio a partir de seu consumo. Isso não nos surpreende, uma vez que a imprensa tinha nítido interesse em retratar o mundo com um tom drástico.¹²²

O *Xarope São João* prometia os seguintes benefícios: 1- *A tosse cessa rapidamente*; 2 – *As gripes, constipações ou defluxos cedem e com elles as dores do peito e das costas*; 3 – *Alliviam-se promptamente as crises (aflições) dos [...] e os acessos da coqueluche tornando-se mais ampla e suave a respiração*; 4 – *As*

¹²² CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, R. Vanessa. *O Cinema e a Invenção da Vida Moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001. p. 133.

*bronchites cedem suavemente, assim como as inflamações na garganta; 5- A febre e os suores noturnos desaparecem e 6 – Acentuam-se as forças e normalisam-se as funções dos órgãos respiratórios.*¹²³

À medida que as propagandas enfatizavam o consumo de mais remédios, como o *Elixir de Nogueira*, grande depurativo; o *Vinho Creosato*, poderoso fortificante, um reconstituente de primeira ordem; *Tifobil*, vacina preventiva contra a febre tífica em comprimidos, vinha acompanhado do texto que dizia que era melhor prevenir do que curar, evitando-se grandes despesas quando a doença já estava instalada.

Os anúncios e as propagandas eram elaborados para atingir um público grande: todos os gêneros e idades. Quem morava nas cidades ia sendo inserido na lógica que consistia em procurar o profissional da medicina com o intuito de resolver seus problemas de saúde. Estas pessoas começavam a deixar de lado as práticas tradicionais de cura. O desenvolvimento dos laboratórios químicos e farmácias vieram dar conta da nova situação, produzindo remédios em maior volume e com maior eficácia. Nas cidades que estavam em pleno processo de urbanização, muitas pessoas que procuravam melhoria de vida na mudança do campo para a cidade iam deixando de lado a cadeia de transmissão do conhecimento de ervas, dos tratamentos e processos tradicionais de curas.

Portanto, além do dinamismo cultural representado pelas modernas revistas ilustradas, jornais, cinemas e a introdução do país nos novos padrões de comportamento e consumo, instigaram uma nascente e já agressiva onda publicitária, contribuíram para o cotidiano da sociedade brasileira um *boom* no mercado consumidor.

A avalanche propagandística tem uma função que aparentemente pode se apresentar neutra, mas indubitavelmente, sorratamente vai mudando o perfil do consumidor a partir do apelo ao que é mais volátil no ser humano: o ego. A divulgação propagandística e o consumo exaltam idéias e inserem os indivíduos em uma nova trama urbana. Fumar cigarros fazia parte do cultivo de hábitos modernos:

¹²³ *Jornal do Seridó*, Caicó, 27 de agosto de 1927, [s.p.].

*FUMEM CIGARROS DA LAFAYETTE*¹²⁴, o anúncio ainda informava o representante do cigarro na cidade. Os cigarros ou charutos eram presenças recentes na vida urbana e se distinguiam dos hábitos de fumar ou mascar fumo, sobretudo relacionados ao ambiente rural. O ato de fumar era entendido como um laço de sociabilidade e os cigarros ainda possuíam uma conotação europeizada.¹²⁵

Passamos a entender a cidade como um projeto sonhado por aqueles que a compunham, seja nas linhas de jornais, nas reformas urbanas ou na remodelação de hábitos sociais. Os *clubs*, os carros, a arquitetura e a higiene eram novos desejos de uma cidade que estava sintonizada com os discursos de progresso, seguindo o caminho de tantas outras, mas que, para tanto, precisa lidar com tantos outros dilemas.

2.2. O Cinema e a Festa de Sant'Ana: vitrines do progresso

O estoque de novidades alterou significativamente o cotidiano das cidades. Desses emblemas da modernidade, nenhum personificou e ao mesmo tempo transcendeu esse período inicial com mais sucesso que o cinema. Este surge como parte de uma cultura emergente do consumo e do espetáculo. Portanto, enquanto fato específico da modernidade, o cinema trouxe para a sociedade uma nova tecnologia de percepção, reprodução e representação.¹²⁶ Os primeiros cinematógrafos se apresentaram como um equipamento mágico que capturava imagens e as reproduzia numa temporalidade diferente.

O cinema surge como parte de uma cultura emergente do consumo e do espetáculo, que varia de exposições mundiais e lojas de departamentos [...] uma cultura marcada por uma proliferação em ritmo muito veloz – e, por consequência, também marcada por uma efemeridade e obsolescência aceleradas – de sensações,

¹²⁴ *Idem. ibidem.*

¹²⁵ SEVCENKO, Nicolau. O Prelúdio Republicano, Astúcias da Ordem e Ilusões do Progresso; A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.) *A História da Vida Privada no Brasil. República: da Belle Époque à era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 528-529.

¹²⁶ CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. *O Cinema e a Invenção da Vida Moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001. p. 497-515.

tendências e estilos.¹²⁷

Em Caicó, o cinema passou a fazer parte do cotidiano das pessoas, propiciando entretenimento e funcionando como um espaço de sociabilidade, pois foi o lugar dos encontros, dos flertes e namoricos, das apresentações teatrais na cidade. No *Jornal das Moças*, no espaço das notícias sociais, ganharam atenção especial as programações do cinema:

Será deslizado e focado na tela do teatro Avenida, o sensacional film, Sem Patria, da afamada fabrica NORDISK, em 5 arrebatadoras partes de Arte, Luxo e Belleza! Para complemento: ARREPENDIMENTO DO TRAHIDOR: Drama de Far- West em duas partes, por Laura La Plante.¹²⁸

No aviso aos leitores do Jornal, a programação do cinema e teatro Avenida, havia um pequeno comentário a respeito da fita que seria exibida no telão. Diferentemente de hoje, o filme não era exibido integralmente, mas era dividido em partes, de modo a garantir a presença do público em sessões posteriores. Também podemos crer que comprar uma fita de cinema demandava um alto investimento e havia o imperativo do retorno financeiro que permitisse manter a casa funcionando.

O deslumbramento pelo moderno e pela novidade, o desenvolvimento das tecnologias de lazer, bem como os novos ritmos urbanos emergentes, contribuíram para que o cinema fosse visto como corolário da modernidade, ou seja, como encarnação do futuro. Ele conseguia aliar todos os ingredientes que caracterizaram esse novo tempo que se distanciava cada vez mais das visões do passado. No *Jornal das Moças*, Eunico Monteiro forneceu um depoimento esclarecedor nesse sentido:

Em numero 18 do corrente deste jornal fui interpellado em dizer o que e o cinema.

Na minha opinião é o passa tempo mais instrutivo do seculo XX. Nos paizes cultos e nas cidades mais civilizadas o Cinema constitue um

¹²⁷ Idem, ibidem, p. 498.

¹²⁸ (Sem autoria). *Jornal das Moças*, Caicó, Notas Sociais, 21 de fevereiro de 1926, p. 03.

grande progresso, chegando ate mesmo, a fazer parte das nossas obrigações. Ir ao Cinema é o mesmo que ir a escola, por que nelle podemos ver e conhecer tudo quanto desejamos.¹²⁹

Um cinema na cidade funcionava como um espaço de sociabilidade e trocas culturais. Era um passatempo instrutivo que indicava que a cidade estava sintonizada com as novidades do progresso. Mais do que um laço de sociabilidade o cinema era, nas palavras de Eunico Monteiro, comparado ao hábito de ir à escola, um lugar onde as pessoas podiam ser instruídas e conhecer melhor o mundo. O cinema se constituía em um espaço feérico, maravilhoso e mágico que trazia para o cotidiano os sonhos de uma sociedade.

Vários foram os gêneros exibidos no cinema Avenida: foi o *far-west*, dramas como *A PROPRIEDADE DE BILL BRENNEU*, ou *NOVIDADES INTERNACIONAIS Nº 4 UM SENSACIONAL NUMERO DE REVISTAS DE ACONTECIMENTOS MUNDIAES*. A programação era anunciada no *Jornal das Moças* com os respectivos comentários das fitas exibidas, a exemplo do filme *AMOR DE MÃE*, um drama que o jornal indicava aos leitores, pois tinha o poder de sensibilizar as pessoas, “pelo enredo tocante e pelo desempenho magistral, tornando-se assim digno de nossa selecta platéia”.¹³⁰

No *Jornal de Caicó* de 06 de Junho de 1931, o cinema Avenida continuava anunciando suas sessões; o filme exibido era *O HOMEM DE MARMORE*, com interpretação do renomado artista George Bancroft; no *Jornal do Seridó* de 2 de maio de 1927, Quinta, Sexta e Sábado com as seguintes exhibições: *O PHANTASMA VERDE E MOCIDADE AGUERRIDA*.¹³¹

Entretanto, percebemos que o cinema em Caicó teve seus momentos de declínio, pois em outro anúncio de exhibição de filmes,

CINEMA AVENIDA - Está inaugurada a nova temporada do cinema entre nós. Após “um longo e tenebroso inverno” que veio trazer ao

¹²⁹ Matéria publicada em 03 de maio de 1926, resposta à enquete circulada sobre a opinião que algumas pessoas tinham sobre o Cinema. Eunico Monteiro, que respondeu à questão, era o dono do Cine Teatro Avenida em Caicó.

¹³⁰ (Sem autoria). Notas Socais. *Jornal das Moças*, Caicó, 07 de março de 1926, p. 03.

¹³¹ *Jornal do Seridó*, Caicó, 27 de agosto de 1927, p. 02.

nosso sertão toda a felicidade que necessitava. O illustre moço, Sr. Eunico Monteiro, não deve recear qualquer prejuizo na sua empresa que esta garantida pela melhor sympathia da sociedade da nossa cidade procurando mesmo trazer film mais caro e mais ao gosto de nossa platéa. Caicó não é mais aquelle pobre lugar de vinte annos atraz que difficilmente sustentava uma escola particular, não. A nossa terra já mantém uma estação telegraphica com admirável movimento, uma empresa electrica no valor de quase duzentos contos de reis, um grupo escolar com cinco professores, diversas escolas particulares e constroe um hospital que será a maior obra do Seridó pelos seus beneficios serviços.¹³²

O “longo e tenebroso inverno” referido no texto significou um intervalo nas exhibições das sessões do *Cine Avenida*. No intuito de satisfazer seus consumidores, o dono da sala de exhibição foi advertido de que precisava apresentar filmes mais ao gosto da platéia caicoense. Na mesma reflexão, o cronista enumerou o porquê da afirmativa acima: no espaço tempo de vinte anos, Caicó tinha refinado seus gostos, tinha progredido material, intelectual e socialmente, os seus habitantes não se contentavam com histórias que não despertassem reflexões. Haviam, portanto, refinado suas sensibilidades.

Em relação ao cinema em Caicó, outro ponto mereceu destaque no estudo: em algumas outras matérias, os autores mostravam-se aborrecidos quando as pessoas não valorizavam os esforços do Sr. Eunico Monteiro, dono do cinema, que investia em fitas interessantes para promover o adiantamento intelectual da sociedade: “É de lamentar, porem que nossa plateia não tenha comprehendido este grande desejo do [...] conterraneo [...] com sua terra com sua casa de diversão na altura do desenvolvimento actual”.¹³³

Segundo Mônica Velloso, tratando das primeiras décadas do século XX, “é notório o esforço dos letrados para criarem uma identidade que os distinga da ralé”.¹³⁴ O fato de algumas pessoas trocarem às sessões de cinema pela diversão do carrossel, considerado um divertimento tipicamente plebeu, era criticado pelos cronistas. Tais pessoas, segundo as crônicas, viravam as costas para o progresso.

¹³² (Sem autoria). Notas Sociais. *Jornal das Moças*, Caicó, 20 de Junho de 1926, p. 04.

¹³³ Stenio. Pelos Cinemas. *Jornal das Moças*, 27 de julho de 1926, p. 01.

¹³⁴ VELLOSO, Mônica Pimenta. *As Tradições Populares na Belle Époque Carioca*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1988. p. 24.

Contudo, o que se omite na crítica, é que nem sempre as pessoas mais simples tinham dinheiro para comprar o bilhete e assistir à sessão do cinema.

Ainda de acordo com Mônica Velloso, as elites da cidade do Rio de Janeiro na *Belle Époque* autonomearam-se representantes da civilização e mandatárias de uma missão: civilizar o povo.¹³⁵ Os intelectuais vivenciaram orgulhosamente o sentimento de casta, agrupando-se em grêmios de letras, rodas literárias etc., construindo uma idéia sectária de práticas elitistas e populares. E nesse caminho, tanto o *Jornal das Moças* como *O Binóculo*, jornalzinho literário publicado em 1927, são representantes dessa idéia. Nas suas tiragens circulam, além de notícias opiniões acerca de fatos e acontecimentos sobre a cidade, poemas, cartas e reflexões anônimas.

O cinema passou a ser um divertimento emocionante que mexeu com o público através da magia produzida pelas imagens do cinematógrafo.¹³⁶ Ele vai aos poucos tomando dianteira nos hábitos de divertimento da população. Na década de 1920, o cinema tornou-se uma diversão que exigia cada vez mais espaço de divulgação e crítica especializada. As imagens começaram a ser as aliadas primordiais de um novo mundo que se organizava segundo outros parâmetros, em que as diversões transformar-se-iam em grandes e sofisticados espetáculos públicos. Para tanto, uma das críticas feitas em relação ao cinema Avenida era a orquestra que não acompanhava os enredos dos novos filmes.

Segundo Rezende, “Os enredos dos filmes consagravam os valores tradicionais da sociedade e tinham uma visão de mundo maniqueísta, enquadravam-se no universo social da época”.¹³⁷ Apesar de sua distância dos grandes centros brasileiros, a cidade de Caicó possuía o seu cinema, fundado em 1925, freqüentado por uma elite social que exigia filmes condizentes com os gostos refinados. Em torno das sessões de cinema circulavam também as pessoas que escreviam para os jornais, que por sua vez também estavam envolvidas com a organização das

¹³⁵ Sobre esta questão ver: PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque – reforma urbana e controle social (1860-1930)*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

¹³⁶ O jornalista Orris Barbosa afirmou que no início dos anos 1920 muitas cidades do interior brasileiro possuíam um cinematógrafo.

¹³⁷ REZENDE, Antônio Paulo. *(Des) encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: FUNDARPE, 1997. p. 88.

festividades de Sant'Ana.

A festa de Sant' Anna, ícone tradicional da sociedade caicoense desde meados do século XVIII, transformou-se num espaço de tradição em Caicó. A festa de Sant'Ana se convertia no momento de apresentar aos visitantes uma excelente impressão sobre a cidade. Tradicionalmente, todos os anos muitas pessoas que estavam fora da cidade, por motivos diversos, voltavam na época da festa. Era a oportunidade de rever amigos e parentes. No *Jornal das Moças*, a preocupação das elites era que os visitantes pudessem ter uma ótima impressão da cidade.

Essa preocupação manifestou-se em várias passagens dos números do *Jornal* publicados no período da festa. A Festa de Sant'Ana, realizada tradicionalmente a cada mês de julho, comporta dentro de si muitas outras festividades. Segundo Araújo e Medeiros, a festa sempre se caracterizou como uma dimensão da vida social do caicoense:

A festa se expressa em vivências sociais de apropriação, de criação e de permanência as quais se aglutinam em torno de vários componentes culturais, como por exemplo o religioso, o educativo, o estético, o lúdico e o social.¹³⁸

Por esta razão, as crônicas do *Jornal das Moças* se apresentam como momento oportuno para a cidade de Caicó expor as incorporações dos signos da modernidade, legitimando assim a sua inserção nos novos tempos, não sendo mais “aquele pobre lugar que a vinte anos atrás que dificilmente não sustentava nem uma escola particular”.¹³⁹ Portanto, estes clamores que se apresentam no *Jornal das Moças* também compõem um conjunto de discursos e práticas na medida em que os seus autores se envolvem em diversas atividades para ajudar a cidade neste processo de transformação.

A tradicional festa de Sant'Anna traria a representação máxima da preocupação de que os que viessem à festa obtivessem uma boa imagem da

¹³⁸ ARAÚJO, Marta Maria de; MEDEIROS, Maria das Dores. As Celebrações da Gloriosa Senhora Sant'Anna. In: DANTAS, Eugênia; MORAIS, Grinaura Medeiros de. *Livro de Memórias*. João Pessoa: Idéia, 2006. p.140.

¹³⁹ C. J. Choniqueta. *Jornal das Moças*, Caicó, 20 de julho de 1926, p. 02.

cidade. Além da habitual tiragem do *Jornal das Moças* aos domingos, três edições extras cobririam as notícias e os burburinhos da festa:

[...] esperam-se para o fim da semana varias festas chics, entre as quaes a Kermesse annual em beneficio dos serviços da nossa Igreja Matriz.

Segundo já foi anunciado pelo nosso confrade “O Seridoense”, esta constará de tres barracas - Fé, Esperança e Caridade – cada qual com seus protectores e gentis auxiliares, que serão as senhoritas da nossa alta sociedade.

Conforme autorização do cel. Joel Damasceno, querido e prestigioso chefe do Executivo Municipal, nos últimos dias da festa teremos illuminação electrica até as quatro horas da manhã. É uma medida intelligente, justa e que causará magnífica impressão aos nossos visitantes.

Os que vêem a Caicó neste período de festa ficariam decepcionados se vissem que só temos luz até meia noite. Isto queria dizer que aqui não havia vida nocturna. E, no entanto justiça seja feita, poucas cidades do interior teem vida nocturna como esta nossa velha e querida cidade do Príncipe.¹⁴⁰

A festa era considerada o momento máximo da aparição da cidade em meio público. Sempre visitada por muitos nesse período, duas semanas alterariam substancialmente o cotidiano da cidade. A grande preocupação do momento era que as pessoas que estivessem em visita à cidade tivessem a melhor impressão da festa e da cidade. Passada a parte religiosa, a última semana das comemorações de Sant’ Ana traria as festas *chics*, onde circulariam pessoas importantes, *Kermesses* organizadas por senhorinhas da sociedade, que emprestariam sua formosura na tarefa de ajudar a angariar donativos para a igreja. Por isso, a preocupação do jornal em circular três edições extras com notícias sobre a sociedade *chic*.

O *Jornal das Moças* funcionava com suas colunas sociais deixavam todos a par das novidades e fofocas da festa. Para tanto, era cobrado da municipalidade, que a energia elétrica na cidade fosse além da meia noite. Caicó deveria apresentar para seus visitantes uma cidade que possuía vida noturna características das *high societies*.

¹⁴⁰ Myosótis. Chronica da Festa. *Jornal das Moças*, 27 de julho de 1926, p. 01.



Moças na Festa de Sant'Ana [s.d].

Fotografia nº 08

FONTE: Fotografia de Zé Ezelino em ROCHA NETO, Manoel Pereira da. *Jornal das Moças (1926-1932): educadoras em manchete*. 2002.

O momento mais esperado por todos era o baile da festa, que acontecia no Salão Nobre da Prefeitura Municipal. Esse evento de sociabilidade era fechado ao público em geral só tendo acesso a elite. Em grande medida, nessa festa se confirmavam namoros, noivados, flertes e também era o momento em que as moças e os rapazes da cidade apareciam com figurinos e visual irretocável, exibindo as últimas novidades da moda feminina e masculina. Fundamentalmente, o vestir-se bem correspondia ao desejo de distinção social.

Podemos considerar que a inserção da eletricidade nas cidades alterou substancialmente o cotidiano das pessoas. O espanto e as reservas provocadas por essa nova tecnologia ficou no passado. Como afirma Nicolau Sevckenko, “de vilã

sinistra, a eletricidade se tornou logo a vedete cobiçada do espetáculo urbano”.¹⁴¹ A eletricidade não significou apenas desenvolvimento técnico, ela também foi conforto. Por exemplo, na época da festa as pessoas passaram a consumir a vida noturna, a festa podia ir até mais tarde sem o empecilho da escuridão.

A preocupação era que durante os acontecimentos da festa a energia não fosse desligada. Mesmo sendo algo inovador, a eletricidade funcionou durante algum tempo por meio de motores que eram desativados em determinada hora. A falta de energia na cidade poderia provocar má impressão nos seus visitantes, e significaria que esta não teria vida noturna: continuaria como uma cidade pequena do interior em que seus habitantes dormiam logo cedo.

A existência de energia elétrica por mais tempo implicaria na possibilidade de vida noturna na cidade e isso, como afirma Roncayolo¹⁴², era um aspecto a considerar como determinante para as mudanças na vida urbana com a implementação da energia elétrica, e a conseqüente produção do uso contínuo da luz artificial, representou uma mudança significativa na imagem da cidade à noite.

Esse equipamento moderno prolongaria certos ritmos da atividade humana para além da hora do crepúsculo, além de contribuir para a adoção de novos ritmos de trabalho bem como o estabelecimento de novos ritmos lúdicos.¹⁴³

Assim, o cinema e a festa de Sant’Ana se constituíam em dois importantes espaços onde a distinta sociedade de Caicó expunha seus desejos de se mostrar progressista. Contudo, no início da década de 1930, outras questões e desafios tomaram o foco e deram visibilidade a problemas e fragilidades da pretensa “Capital do Seridó”.

¹⁴¹ SEVCENKO, Nicolau. *op. cit.* p. 548.

¹⁴² RONCAYOLO, Marcel. Cidade. In: ROMANO, Ruggiero (Dir.). *Enciclopédia Einaudi*. Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1986. p.397-487 (Volume VIII - Região).

¹⁴³ ARANHA, Gervásio Batista. *op. cit.* p. 79-132.

Capítulo III

Caicó: da sedução à tragédia

Passa certo dia, à sua porta, a primeira turma de 'retirantes'. Vê-a, assombrado, atravessar o terreiro, miseranda, desaparecendo adiante, numa nuvem de poeira, na curva do caminho... No outro dia, outra. É o sertão que se esvazia.

Euclides da Cunha¹⁴⁴

A cidade de Caicó, nos últimos anos da década de 1920, mostrou uma grande preocupação em alinhar-se à idéia de modernidade e inovação como contrapontos ao velho. Esses desafios ganharam novos contornos nos primeiros anos da década de 1930. A cidade que era sonhada e sedutora nas crônicas do *Jornal das Moças*, de 1926, passou a ser vista sob novas páginas com as secas que se prolongaram entre 1931 e 1933, e que trouxeram à tona os dilemas entre a sedução dos novos projetos e a recusa das tragédias históricas.

Chamou-nos a atenção uma cidade que nos anos de 1920 vivenciou uma busca frenética pela modernização, e que no início dos anos de 1930 foi o espaço de sedução que atraiu para seu perímetro milhares de andarilhos que fugiam da seca que arrasou a região do Seridó potiguar, um dos muitos espaços na geografia do semi-árido atingidos pelo fenômeno climático.

Se antes se tinha como foco de análise a cidade como palco de representação, ou melhor, como um lugar das representações e do acúmulo de bens culturais de uma elite que projetava nas folhas dos jornais da cidade uma sintonia com os tempos modernos, agora se concebe a cidade como palco de outra representação, sendo o centro de análise a tragédia da seca.

Três pontos nos levaram a pensar esse capítulo: os flagelados em direção à cidade; a intervenção técnica no espaço sertanejo modificando a paisagem com a construção de açudes e estradas; e o flagelado como corpo entendido a partir da desordem, pontos que possibilitaram a composição do cenário que se segue.

¹⁴⁴ CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

3.1. O Anúncio de uma tragédia

Caicó, 1932. Os primeiros sinais do ano não eram os mais favoráveis para o homem sertanejo que projetava sua expectativa no Dia de São José, 19 de março, cujo resultado consolidou as primeiras impressões de mais uma temporada de seca. As chuvas rarearam e continuou o período de estiagem iniciado em 1930.

Segundo Muirakytan Kennedy de Macedo, as várias experiências com as sucessivas secas nessa região favoreceram o desenvolvimento de uma sabedoria sobre a seca, ou seja: entre os que habitavam essa terra hostil forjou-se uma acumulação de experiência que possibilitava uma previsão dos anos de seca.¹⁴⁵

Caicó foi o ponto de apoio para muitas pessoas que sofreram os tormentos da seca, principalmente no ano de 1932. A análise dessa experiência histórica, a seca, permitiu algumas suposições: de um lado, os administradores da cidade, do outro, a população pobre caicoense e os forasteiros que se dirigiam para aquela cidade, ambos dependendo da assistência pública, marcando presença nos espaços públicos. Por outro lado, percebemos que as imagens que foram produzidas dessa experiência pelos discursos escritos em documentação oficial acabaram por produzir um ambiente de medo.

As ruas de Caicó se transformaram no ponto de encontro de vários grupos de retirantes, que percorreram os núcleos urbanos da micro-região do Seridó potiguar em busca de emprego, comida e água. A situação se tornou caótica à medida que o período de estiagem se prolongou, requerendo, da parte do Estado, ações com o intuito de atender às demandas e evitar o caos que ameaçava a ordem pública.¹⁴⁶

Uma das primeiras providências tomadas pelo então Interventor Federal no Rio Grande do Norte, o Comandante Herculino Cascardo, segundo o jornal *A República*, foi a abertura de um crédito de vinte e cinco mil contos destinados à

¹⁴⁵ MACEDO, Muirakytan Kennedy de. *A Penúltima Versão do Seridó*. Natal: Sebo Vermelho, 2005. p. 100.

¹⁴⁶ As correspondências da Prefeitura de Caicó (cartas, telegramas e ofícios) nos permitiram perceber o caos enfrentado pela cidade quando os flagelados adentraram seu espaço em grande número.

aquisição de sementes para distribuição gratuita.¹⁴⁷

Em 1932, o Estado do Rio Grande do Norte era um dos cinco Estados do Nordeste atingidos pela estiagem que começou no ano de 1930. Apesar de essa região ter um histórico de estiagens, em termos de ações preventivas não havia uma política sistemática para tentar minimizar os seus primeiros efeitos. E mais uma vez, com a chegada da seca, levas de andarilhos abandonavam suas terras tomando conta das estradas do estado em busca de sobrevivência.

O Brasil no pós-30 estava sob julgo do Governo Provisório de Getúlio Vargas, sendo os Estados administrados por meio de juntas provisórias ou interventórias, que faziam parte do tipo de governo que no início dos anos trinta se instalou no Brasil por meio do golpe militar. Uma das características que se destacaram naquele governo, em grande medida, foi a necessidade urgente de uma revisão básica no sistema político do país. Os principais articuladores do movimento de 1930 eram os jovens tenentes oficiais que desejavam forçar o surgimento do Brasil como uma nação moderna, havendo já ensaiado uma série de revoltas abortadas entre 1922 e 1924, principalmente no Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul.¹⁴⁸

A concentração de poder desse governo possibilitava um controle acerca dos fatos e acontecimentos no país e nos Estados. O regime adotou procedimentos sistemáticos de gestão que se traduziram pelo controle. No caso norte-riograndense, percebemos que esse controle se exercia prioritariamente por meio de correspondências trocadas entre as prefeituras, os interventores ao nível estadual e o chefe do regime provisório. Utilizamo-nos desses questionários, dados estatísticos, educacionais e higiênicos para melhor visibilizar a administração governamental. Com muito desses dados conseguimos obter um pouco da dimensão do que foi a seca de 1932 e de suas conseqüências nos equipamentos urbanos de uma pequena cidade do interior que não estava preparada para tal evento.

A seca de 1932 foi mais uma estiagem que se repetiu no chamado “Polígono das Secas”, que englobava estados da região nordeste e parte sul do

¹⁴⁷ Jornal *A República*, Natal, 06 de janeiro de 1932. p. 01.

¹⁴⁸ SKIDMORE, Thomas. Era de Vargas. In: *Brasil: De Getúlio a Castelo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p. 21-71. .

estado de Minas Gerais. Desde 1877, quando esse fenômeno climático passou a ser visto e entendido como um ponto de preocupação governamental e como oportunidade de barganha para as elites locais, as sucessivas estiagens passaram a ser a perpetuação constante de um acontecimento que trazia a miséria e pobreza.

Segundo Ângela Ferreira, essa seca marcou a emergência de um novo sujeito coletivo – os retirantes. A seca foi vivenciada no “imaginário coletivo” da Região Nordeste como um fenômeno que devastou a vida das pessoas que viviam no chamado Polígono das Secas, que corresponde a uma extensa região de quase 1.000.000 km², englobando oito dos nove estados da região Nordeste do Brasil, além do norte de Minas Gerais, na região Sudeste, parte que constantemente convive com a estiagem.¹⁴⁹

De acordo com Albuquerque Jr., a seca enquanto fenômeno social complexo teve como marco a grande seca de 1877-1879, assumindo, a partir de então, características de um problema nacional.¹⁵⁰

Diferentemente das anteriores¹⁵¹, a seca no ano de 1932 além de ser concebida como uma questão nacional esteve ligada à problemática da segurança e aos impasses da modernização do país. Alguns artigos e pesquisas mostraram que no início do século XX as medidas tomadas no combates aos efeitos das secas seguiram duas premissas: primeiro, os saberes técnicos estavam vinculados às estruturas políticas locais e aos seus interesses eleitorais; e segundo, a falta de uma política perene, de uma ação continuada que garantisse o uso racional dos recursos. O lema estabelecido pelo governo do Ministério da Viação foi enfrentar com organização os problemas que emergiram nos estados atingidos com a estiagem.

Segundo o jornalista Orris Barbosa¹⁵², o Governo Provisório abandonou

¹⁴⁹ FERREIRA, Angela Lúcia; DANTAS, George. *Surge et Ambula: A construção de uma cidade moderna. Natal, 1890-1940*. Natal: EDUFRN, 2006. p. 45-68.

¹⁵⁰ ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. Recife; São Paulo: Massangana;Cortez, 1998.

¹⁵¹ Sobre esta discussão: Os indesejáveis na Cidade: As representações sobre o retirante da seca (Natal, 1890-1930). FERREIRA, Angela Lúcia; DANTAS, George. In: *Surge et Ambula: A construção de uma cidade moderna. Natal, 1890-1940*. Natal: EDUFRN, 2006. p. 45-68; BARBOSA, Orris. *Secca de 32: Impressões sobre a crise nordestina*. Rio de Janeiro: Adersen, 1935; LAMARTINE, Oswaldo. *Sertões do Seridó*. Brasília: Senado Federal, 1980. p. 23-56. NEVES, Frederico de Castro. *A Multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, ver Capítulos I e II.

¹⁵² BARBOSA, Orris. *op. cit.*

a atitude costumeira que norteou a linha neutra do Estado, que se equilibrava no liberalismo econômico e intervinha de forma diferente no problema da seca. Dessa maneira, o Governo Federal (Ministério da Viação e Inspetoria Federal de Obras contra as Secas - IFOCS) e, no âmbito municipal, o Departamento das Secas sendo criado por ocasião daquela estiagem, foram congregados para combater as conseqüências do problema da estiagem no Estado do Rio Grande do Norte.

O Ministério da Viação do período, tendo à frente José Américo de Almeida¹⁵³, antecipou-se aos efeitos provocados por uma estiagem longa. Para tanto, o Ministério tomou como base as experiências pretéritas. Sua principal meta foi evitar ao máximo as migrações e as conseqüências dessas mobilizações, a saber, as relacionadas com “a moral e os bons costumes”, que segundo relatório do Ministro, os locais de acolhimento para flagelados foram apontados como existindo uma permissividade exacerbada no convívio entre as pessoas. No olhar de José Américo, acompanhando o projeto do Governo Federal, eram fatos que deveriam ser evitados a todo custo. Pois, não só a questão moral estava em jogo, como economicamente esses acampamentos de flagelados que perduravam por algum tempo, mesmo depois de passada a estiagem, representavam um custo a mais para o Governo Federal.

Ainda no seu relatório, José Américo de Almeida revelou ser um crítico das condições do funcionalismo público e buscou a colaboração da imprensa para divulgar e legitimar as novas ações que a concebiam como sua “missão” junto ao ministério.¹⁵⁴ Ele se afirmava assim: “sou amigo dos meus amigos, mas, sou amigo, sobretudo, do interesse público”¹⁵⁵, expondo sua atividade pessoal e empenho no cuidado para com os desvalidos,

Mas, é puro equívoco ou pérfida injustiça pensar que eu, com a minha sensibilidade de espectador das tragédias da sêca, de

¹⁵³ José Américo de Almeida foi um dos líderes da Aliança Liberal de 1930 e porta voz das medidas governamentais nos dois primeiros anos após a Revolução de 30. Ver: SKIDMORE, Thomas. A Era Vargas. In: *De Getúlio a Castelo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p. 45.

¹⁵⁴ Conforme informações do seu relatório, Almeida trabalhou durante 14 anos no Superior Tribunal de Justiça da Paraíba e fez parte do governo paraibano de João Pessoa. In: ALMEIDA, José Américo de. *O Ciclo Revolucionário do Ministério da Viação*. Rio de Janeiro: Editora Nacional, 1934.

¹⁵⁵ ALMEIDA, José Américo de. *op. cit.* p. 33.

testemunha atormentada das terras sofredoras do Brasil, não fizesse o bem só pelo amor de fazer o mal.

Tenho me constituído, ao contrário, o mais sensível patrono dos humildes e deshedados, dominado pelo constante sentimento da necessidade de correção das iniquidades que dependem dos homens, por não serem contingências da própria condição humana.¹⁵⁶

Portanto, mesmo tendo preocupações com a Central do Brasil, com *Correios e Telegráfos* e o *Lloyd brasileiro*, seu governo não se legitimaria caso não demonstrasse uma preocupação administrativa com o Norte do país, pautando-se, também, por “atitudes de solidariedade humana”. Neste sentido, destaca-se, sobretudo, “a assistência às crises da sêca” invocando sempre o seu papel pessoal,

E, se de fato, eu fosse o responsável por uma verdadeira devastação em outros meios, bastaria, para me redimir dessa exagerada noção do interesse público, visando obras e não homens, evocar a assistência pessoal que prestei às maiores vítimas das nossas calamidades.

Já tive ocasião de dizer que, se houvesse morrido algum flagelado de fome, teria tanto remorso a contubar-me, como se me coubesse a culpa dessa morte. Logo irrompeu a mais violenta e destruidora sêca do nordeste, assumi tôda a responsabilidade dos desastres humanos que não pudesse evitar, por uma intervenção solícita e abnegada. Há, no Rio de Janeiro, cearenses, riograndenses do norte, paraibanos, homens de todo o norte, em suma, que podem testemunhar, pelo consenso geral, como cumprí essa tarefa de humanidade, sertões a dentro, organizando os socorros, em pessoa, dando do meu, que era pouco, mas, para mim era muito, porque era todo meu, sem as achegas das representações e ajudas de custo, de que jamais me utilizei, em três longas inspeções.¹⁵⁷

Esta nova seca recebeu um tratamento especial do Governo Provisório, constituindo-se num desafio às suas políticas. Que ações encaminhar e como supervisionar tais providências?

Nunca há de esquecer, quando nada, o socorro público, de cuja organização diligente e minuciosa não há memória em nenhuma

¹⁵⁶ Idem, ibidem. p. 33-34.

¹⁵⁷ Idem. p. 35-36.

outra sêca, bem como a assistência sanitária que constituiu verdadeira benemerência de enfermeiras e médicos de um devotamento exemplar.

O coração que fez isso, adoçado a desgraça de dois milhões de mártires, não podia ser indiferente a outros clamores. Não poderia levar a fome a nenhum lar quem chegou a sacrificar a própria vida, em vôos temerários e afrontando os focos pestilenciais das concentrações de trabalho para matar a fome de outros lares.¹⁵⁸

O Governo Provisório utilizou os recursos disponíveis da Inspetoria das Secas para auxiliar as populações afetadas e avançar no projeto de integração do país através da malha rodoviária, ferroviária e construção de açudes. O relatório de José Américo de Almeida afirmava que “o governo provisório realizou, no Norte, dentro de dois anos, com as verbas da Inspetoria das Secas, um plano de construções rodoviárias de maior extensão que a obra de todas as administrações federais, em 40 anos de Republica”. Conforme consta dos relatórios,

até fins de 1930 havia 2.255 kms. de estradas de rodagem e 5.917 de carroçáveis [...]. A obra rodoviária, realizada pela Inspetoria de Sêcas no triênio 1931-1933, compreende 1.810 kms. de estradas-tronco e 652 de ramais, num total de 2.462 kms. de rodovias de primeira ordem, nas classes correspondentes, com 2.112 boeiros e 441 pontes e pontilhões, atingindo as obras de arte especiais uma extensão total de 4.565 ms. 50. Foram construídos ainda 180 kms. de boas carroçáveis.¹⁵⁹

Só em 1932 a Inspetoria de Sêcas tinha em trabalho 222.000 operários que, computada a média de quatro pessoas por família, representavam 880.000 pessoas, sem contar outros tantos empregados em construções ferroviárias, açudes particulares em cooperação com o Govêrno, prédios para correios e telégrafos, colônias agrícolas ou recolhidos aos campos de concentração.

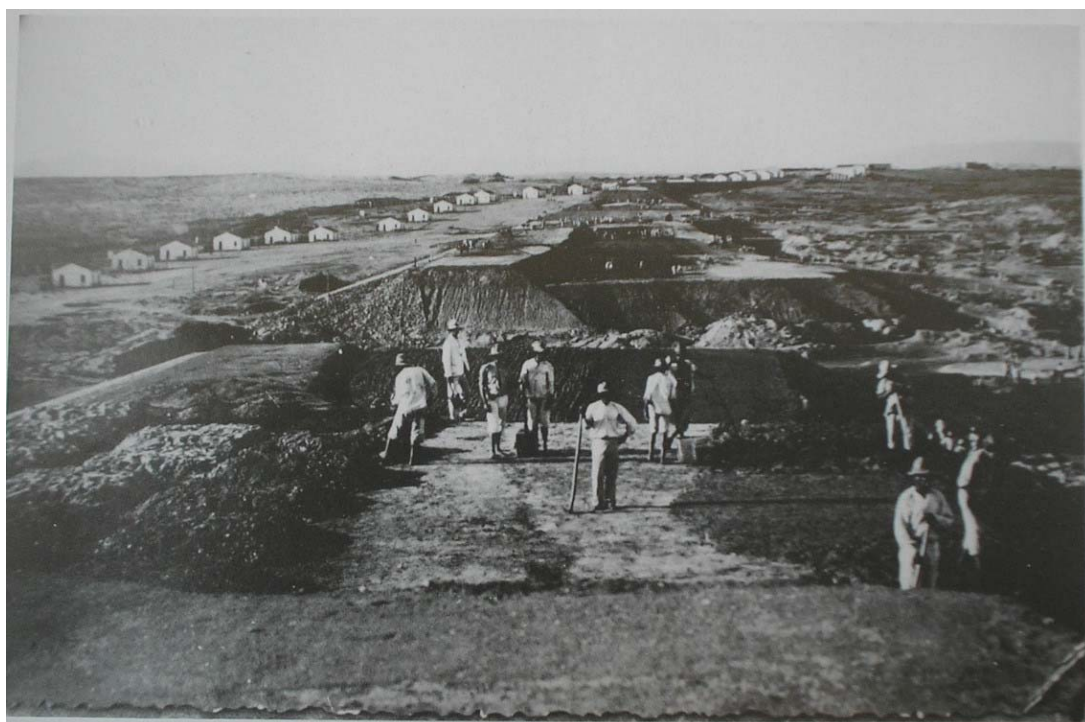
O emprego desses avultados recursos justificar-se-ia, apenas, pelo capital humano escapo à calamidade. Seria uma nonada para cada pessoa salva. Foi amparada uma população em pêso, desde os famintos a todas as classes que viviam, indiretamente, desses socorros públicos. Essa devastação, sem precedentes históricos, por sua violência e generalidade, abrangeu no ciclo mortal que vão do Piauí e parte do Maranhão, até os vales do Vasabarris e Itapicurú, na Baía, sem poder ser atenuada por obras anteriores, que não tiveram

¹⁵⁸ *Idem.* p. 36.

¹⁵⁹ *Idem.* p. 99.

intervenção compensadora na redução dos seus efeitos desastrosos.¹⁶⁰

A construção de ferrovias, açudes e rodovias foi o substrato para assegurar às camadas pobres que vagueavam pelos sertões secos o seu sustento, ao mesmo tempo em que representava a introdução da técnica no sertão, isso quer dizer que podemos acompanhar a reestruturação das cidades no Brasil, em especial na região Nordeste, adentrando pelos recônditos sertanejos. Como o retirante foi considerado um dos principais entraves à modernização dos estados nordestinos, e, conseqüentemente, ao processo de reformas dos centros urbanos, sobretudo nas capitais, levava-se em consideração a fixação dos retirantes fora das zonas urbanas, colocando-os em trabalhos que estivessem fora dos domínios do espaço citadino.



Início da Construção do Açude Itans – [1932].

Fotografia nº. 09

Fonte: Fotografia de Zé Ezelino no *Álbum Fotográfico Caicó: ontem e hoje*, 1994.

¹⁶⁰ ALMEIDA, José Américo de. *O Ciclo Revolucionário do Ministério da Viação*. Rio de Janeiro: Nacional, 1934. p. 161.

Podemos observar que ao redor da obra, construção do Açude Itans, como disse Orris Barbosa, “um embrião de cidade começava a surgir”.¹⁶¹ Eram as obras do açude Itans, iniciadas com a escavação de sua base. Vemos que muitos flagelados/retirantes chegados à cidade de Caicó já estavam inseridos no trabalho que ocorreu a partir de abril de 1932.

A aglomeração humana em Caicó causava uma desestabilização no que diz respeito ao controle e à organização dos espaços públicos. O caos imperava na cidade. A construção do Açude Itans terminou por piorar a situação caótica, com a presença de muitos flagelados em busca de trabalho. O início da convocação de pessoas para trabalhar nas obras trouxe muita gente à cidade. A população de operários contou no total com quase cinco mil pessoas, morando em barracos ao redor da construção e vivendo da comida comprada nos barracões instalados perto da sede do açude. O intuito do governo era que o trabalho servisse como um antídoto à criminalidade.

Um testemunho daquela época foi o senhor Francisco de Medeiros Vale que, quando menino, já ouvia falar das chamadas obras emergenciais ligadas à construção de açudes. Quando jovem, foi integrado à massa de trabalhadores do açude Itans, sobre a qual, em fins do século XX, teceu suas memórias. Marceneiro que forneceu uma imagem do processo confuso que cercava esse espaço. Logo que o início da construção do açude Itans foi notícia na região,

[...] começaram os comerciantes dos municípios vizinhos, Jardim do Seridó, Jardim de Piranhas, Ouro Branco, São José do Seridó e outros, a prestar compromissos para uma instalação de novos barracões, que atingiram uma dezena. Os proprietários dos barracões foram se instalando à medida que preparavam as acomodações, de forma a atender as necessidades de alimentação de tanta gente que se aglomerou em pouco mais de um mês. (...) O alistamento do pessoal para os trabalhos da construção admitiu, todo tipo de operário, como barraqueiros e barraqueiras, cavadores de terras, ferreiros, muito requisitados, administradores de trechos, tropeiros, com seus jumentos, feitores encarregados de turmas, apontadores de operários, auxiliares de escritório, carpinteiros,

¹⁶¹ BARBOSA, Orris. *op. cit.* p. 163.

cavouqueiros, mestre-de-obras e outros que foram úteis.¹⁶²

Mediante tal situação, como tentar perceber o espaço citadino dentro dessa tragédia, a tragédia da seca? Como estão relatados esses fenômenos na documentação oficial e na documentação jornalística, nas memórias de quem sobreviveu para narrá-la? O espaço da sedução se transforma agora no espaço da tragédia.

Francisco de Medeiros Vale, em *História do Açude Itans: Município de Caicó-RN* (1994), escreveu sobre a construção do açude Itans, fornecendo muitos detalhes que nos ajudaram a recompor uma versão daquela história. Medeiros Vale foi um marceneiro que se destacou entre os demais por saber escrever e calcular. Entretanto, a grande maioria dos trabalhadores se compunha de pobres andrajosos que vinham em busca de trabalho e de socorro para suas famílias, e que ocupavam os lugares de cavouqueiros, cavando e tirando terra no que viria a ser a base do açude. Segundo Oswaldo Lamartine,

[...] os primeiros trabalhadores chegaram ao açude Itans de macas nas costas (tudo o que tinham traziam enrolados em panos, redes) e os tropeiros. Tropas de 4, 8, 10 e até 15 ou vinte jumentos. O dono da tropa com seus teréns, mulher, menino e algumas vezes um trabalhador parente ou aderente daquela família” ai era cuidar em fazer o seu rancho, o mais perto do trabalho e das precisões[...]¹⁶³

Sendo elaborada uma política de combate aos efeitos da seca, inicialmente de forma improvisada, em contrapartida o ministro José Américo de Almeida continuava a receber os apelos “mais angustiosos que contavam o ineditismo de tão grave crise de pauperismo”.¹⁶⁴ Ajudas foram solicitadas pelos municípios, através de ofícios e cartas circulares que eram remetidas aos Estados e, em seqüência, desses para a instância Federal, no sentido de informar a situação caótica que enfrentavam seus administradores. As ajudas solicitadas vinham em

¹⁶² VALE, Francisco de Medeiros. *História do Açude Itans: Município de Caicó*. Brasília: SE, 1994. p. 16.

¹⁶³ LAMARTINE, Oswaldo. *Sertões do Seridó*. Brasília: Gráfica do Senado, 1980. p. 33.

¹⁶⁴ BARBOSA, Orris. *op. cit.* p. 80.

dinheiro, doações alimentares, passagens para os flagelados, despesas com médicos e remédios, respondendo aos pedidos dos prefeitos das cidades atingidas pela seca. Nas palavras de Orris Barbosa,

[...] não era raro o desfile, pelas ruas de muitas cidades do Ceará, Parahyba, Rio Grande do Norte e Pernambuco, de andrajósos que, formando um exército silencioso de caquéticos, com a moral abatida pelos estômagos vazios, iam dispostos à prática de todos os actos de desatino, sem terras, sem água, sem pão [...]¹⁶⁵

O Ministro Américo de Almeida deu impulso a um recurso já utilizado por governos anteriores, como o do ex-presidente Epitácio Pessoa, que fomentou obras contra as secas na década de 1920, aproveitando a mão-de-obra do “camponês nordestino” de diferentes formas: na construção de estradas de rodagem, para permitir melhores meios de comunicação, facilitando a introdução dos automóveis, permitindo acesso ao interior e escoamento da produção de açúcar e algodão, culturas que sustentavam muitas famílias; na construção de açudes e de barragens - com vistas a manter, pelo período mais longo possível, o armazenamento de água para o homem e para o gado; na eletrificação, centrada tanto na parte urbana quanto no campo, com o intuito de modernizar o espaço citadino e seus arredores atendendo à complexificação dos novos tempos.¹⁶⁶

A técnica e o progresso adentravam no sertão por meio da construção de açudes e estradas. Essa política de ajuda aos flagelados da seca, em grande medida, fomentou o alargamento dessas obras pelo sertão. Portanto, a figura do engenheiro foi uma das mais importantes na elaboração de um saber técnico sobre as obras. Segundo Gilmar Arruda, “os engenheiros assumiram uma importância como um tipo de profissional específico que, associando ciência e técnica, tornou-se

¹⁶⁵ BARBOSA, Orris. *op. cit.* p. 81.

¹⁶⁶ Segundo palavras do próprio Américo de Almeida, “O emprêgo dêsse avultados recursos justificar-se-ia, apenas, pelo capital humano escapo a calamidade. Seria uma nonada para cada pessoa salva. Foi amparada uma população em pêso, desde os famintos a todas as classes que viviam, indiretamente, dêsse socorros públicos. Essa devastação, sem precedentes históricos, por sua violência e generalidade, abrangeu no ciclo mortal as terras que vão do Piauí a parte do Maranhão [...]. In: *O Ciclo Revolucionário do Ministério da Viação*. Rio de Janeiro: Nacional, 1934. p. 161.

um desbravador de sertões.”¹⁶⁷

Segundo o jornalista Orris Barbosa, no início dos anos 1920 o Nordeste brasileiro viveu três anos de intensa prosperidade. Abriam-se estradas de rodagem para o tráfego de mercadorias, construíram-se vários caminhos de ferro, grandes obras de açudagem foram fomentadas, a eletricidade beneficiou muitas cidades:

Tanto é que é rara a cidade do Nordeste que não tenha, mantida mesmo com sacrifício do erário público, a sua pequena usina de eletricidade, e, até, o típico cinema do interior, que é outro notável modificador de costumes e insulflador de inquietações novas na alma popular.¹⁶⁸

Além das questões apontadas acima, é interessante realçar que o trabalho passou a ter uma função pedagógica, pois o interesse foi manter o grande contingente que se deslocava pelas estradas do estado em controle através de atividades físicas, sob os auspícios do Estado, a despeito da má remuneração recebida pelos trabalhadores.

Segundo matéria publicada no jornal oficioso *A Republica*, tomando os discursos do Ministro da Viação e Obras, José Américo de Almeida, deviam-se aproveitar as condições favoráveis que a região permitia no tocante à mão-de-obra excedente para ocupar as atividades de construção de açudes, de estradas, de ferrovias e de plantação do algodão. Quanto a esta última atividade, já uma prática tradicional que remonta aos indígenas; favorecia o seu desenvolvimento o excedente de mão-de-obra, o terreno, e preencheria com uma ocupação os flagelados durante o período de longas estiagens.¹⁶⁹

Assim, uma das preocupações constantes nos discursos oficiais era encontrar uma forma de sobrevivência do homem sertanejo, para que ele não ficasse na dependência das políticas públicas emergenciais em épocas de secas.

¹⁶⁷ ARRUDA, Gilmar. *op. cit.* p. 106.

¹⁶⁸ BARBOSA, Orris. *op. cit.* p. 24.

¹⁶⁹ Importantes declarações do ministro José Américo do “Jornal” do Rio de Janeiro, *A República*, Natal, 22 de junho de 1932, p. 01.

Havia também outra preocupação: passado o tempo da seca, o homem empregado nos chamados serviços emergenciais aprenderia um ofício para sua vida.

Segundo Américo de Almeida, combater a ociosidade era a principal meta a ser perseguida em virtude de dois fatores: inicialmente, controlar o contingente humano que se punha na estrada à procura de trabalho, pois uma multidão descontrolada nas estradas do Estado poderia provocar muitas confusões. Em seguida, via o trabalho como uma ferramenta moralizante, pois a caridade, por si só, poderia levar à resignação e ao ócio, ao fazer o indivíduo receber alimentos e outros benefícios sem contribuir com o esforço de seu trabalho para com a sociedade que lhe sustentava neste momento de crise.

Numa entrevista concedida ao jornalista Nelson Lustosa, Américo de Almeida afirmou que,

A solução que mais convem ao problema da seca, é a estabilização do sertanejo em sua gleba, o que só conseguirá com a irrigação sistemática. Tenho me oposto, sistematicamente, às subscrições populares, tão em voga em todas as secas. Penso a assistência à calamidade publica cumpre aos governos, pela propria determinação da constituição. Demais, por maior que seja a generosidade particular nada representam essas contribuições na varagem da fome do Nordeste.¹⁷⁰

Estabilizar o homem sertanejo na sua terra era o discurso de muitos autores. A estratégia da construção de reservatórios como açudes e o posterior uso da água na irrigação sistemática pareceu uma tentativa de uma nova lógica de aproveitamento dos recursos hídricos, pautando-se por um discurso modernizador. Embora o Seridó potiguar tenha sido uma das áreas mais beneficiadas do Norte/Nordeste através da construção de açudes, desde a criação do Instituto de Obras Contrás as Secas, em 1911, analisamos que a partir deste novo governo articular-se-ia uma política de desenvolvimento em que novas técnicas permitissem ao homem do campo uma vida melhor, evitando os sucessivos flagelos e dispêndios

¹⁷⁰ Entrevista concedida por José Américo de Almeida ao *Jornal* do Rio de Janeiro. O *Jornal A República* publicou a matéria em 22 de junho de 1932, p. 01. nº 477, Ano XLIII.

do erário público, nem sempre bem utilizados pelos governantes. Portanto, para o ministro José Américo de Almeida, a solução para o problema da estiagem passava pela estabilização do agricultor em sua terra.

Durante muito tempo a construção do Açude Itans foi tomada como a maior obra do Estado do Rio Grande do Norte. O açude foi edificado com o dinheiro da Inspetoria de Obras Contra as Secas, sendo sua construção administrada sucessivamente pelos engenheiros Carlos de Freitas, João Izidoro Magalhães Drumont, Roberto Miller e René Becker¹⁷¹, há seis quilômetros do núcleo urbano de Caicó.

A proposta de construção desse açude era antiga, como mostrou o ex-trabalhador Francisco de Medeiros Valle em suas memórias. O ministro José Américo de Almeida chegou a Caicó em abril de 1932 e pediu para falar com o prefeito da cidade sobre a construção do Açude Itans. Viera pessoalmente angariar ajudas para iniciar a obra contando com o apoio dos moradores e comerciantes da cidade.

A simples expectativa da organização de uma obra pública já se tornava um pólo importante de atração para os retirantes à procura de assistência. Portanto, a pequena cidade de Caicó tornou-se o alvo das pessoas que saíam de suas terras em busca de auxílio no núcleo urbano e nas obras dos seus arredores. O espaço citadino vê-se transformado por uma nova ordem, “A cidade de casas branquinhas e ruas arrumadas”, citado por Orris Barbosa quando escreveu *Secca de 32*, tem sua ordem posta fora do lugar.

3.2. A Cidade Invasa

De acordo com os documentos analisados, os “flagelados” chegavam pedindo ajuda e apelando para solidariedade da população local. Conforme afirma o jornalista Orris Barbosa: “Grandes lévas de famintos, invadindo várias cidades sertanejas, assaltavam casas de comércio ou investiam, inopinadamente, contra os

¹⁷¹ VALE, Francisco de Medeiros. *op. cit.*

feirantes, estabelecendo uma atmosfera de pânico em todo o Nordeste”.¹⁷² Tal fato transformava as cidades num espaço primordial e canalizador da constante presença dos famintos em suas ruas.

Ainda no primeiro trimestre do ano de 1932, o prefeito da cidade de Caicó, Dinarte de Medeiros Mariz, enviou à cidade de Natal um telegrama urgente pedindo ajuda, pois na cidade chegavam cada vez mais flagelados à procura de abrigo e proteção. No telegrama de 4 de abril de 1932, afirmava o prefeito,

Situação populações pobres deste município indescritível. Cidade invadida hoje cerca quinhentos flagelados, homens, mulheres, crianças, vindas diversos lugares reclamando trabalho. Nesta data telegrafei prefeito de Caraúbas solicitando conseguir colocação necessitados estrada Mossoró. Apélo Vossência para mandar novo auxilio afim de não suspendermos serviços com que se estão salvando centenas de pobres desamparados cujo ultimo recurso consistia nas vasantes que as cheias dos rios levaram.¹⁷³

No que tange à sua ação, enquanto membro administrador da cidade, Dinarte Mariz deixou evidente que realizou o que foi possível com as verbas de auxílio que foram destinadas a atender aos flagelados da seca. Contudo, aponta, em seu discurso, que havia a escassez de recursos com a eminente interrupção dos trabalhos. Apesar de todos os esforços, segundo afirma, empregando todos os retirantes na manutenção e construção de estradas, dentre outros serviços, Mariz temia que a situação ficasse insustentável.

Ainda no referido telegrama, o prefeito Mariz¹⁷⁴ demonstrou preocupação com o número demasiado alto de pessoas que chegavam à cidade de Caicó. Além do problema com a escassez de verbas, apresentava-se este outro, criando um ambiente de tensão e de eminente conflito. A multidão que se multiplicava naquele espaço, aos milhares, exercia uma pressão surda e de forma indireta; ela, por si só, era o suficiente para causar pânico entre os moradores e a administração pública,

¹⁷² BARBOSA, Orris. *op. cit.* p.75-76.

¹⁷³ Telegrama s/n enviado da prefeitura municipal para Interventor Federal do Estado do Rio Grande do Norte, no dia 4/3/1932, pelo prefeito Dinarte de Medeiros Mariz.

¹⁷⁴ Dinarte Mariz assume a prefeitura de Caicó por ter sido uma das figuras que apoiou a implantação do governo de Getúlio Vargas.

provocando com sua presença, segundo afirma Frederico de Castro Neves, um ar de desespero nas autoridades que não sabiam lidar com a aparente espontaneidade da multidão.¹⁷⁵

Uma das soluções encontradas por Dinarte Mariz foi criar possibilidades de trabalho na construção da estrada Caicó-Mossoró. Sobre esta questão, é interessante a análise de Castro Neves,

A aglomeração das pessoas à espera de solução é o principal argumento e, ao mesmo tempo, o mais poderoso meio de pressão que os retirantes trazem para o cenário da “negociação”; e a fome - ou a perspectiva de passar fome - é a motivação essencial.¹⁷⁶

Insatisfeito com a demanda do Governo Federal, Dinarte Mariz renuncia ao cargo de Prefeito e em 26 de março de 1932 envia um telegrama à interventoria Federal explicando seus motivos. De acordo com Ione Rodrigues Diniz Moraes, sua renúncia deu-se em função do rompimento da corrente liberal, da qual fazia parte, com o governo revolucionário por discordâncias quanto ao regime ditatorial.¹⁷⁷

A prefeitura de Caicó interinamente ficou a cargo do secretário da cidade, senhor Brito Guerra, que responderia momentaneamente pelas decisões tomadas em prol da cidade. Abaixo no gráfico o quadro de prefeitos de Caicó entre os anos de 1926 a 1934,

¹⁷⁵ NEVES, Frederico de Castro. *A Multidão e a História: Saques e outras ações de massas no Ceará*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.

¹⁷⁶ NEVES, Frederico de Castro. *op. cit.* p.10.

¹⁷⁷ MORAIS, Diniz Rodrigues Ione. *Desvendando a Cidade: Caicó em sua dinâmica espacial*. Natal: GS, 1991. p. 63-64.

Joel Damasceno	Eduardo Gurgel de Araújo	Dinarte de Medeiros Mariz	Joel Adonias Dantas	Manoel Umbelino de Brito Guerra
1924-1926/ 1927-1928	1929 – Deixou o cargo em outubro do mesmo ano	1930-1932	1932-1933	1933-1934

Prefeitos de Caicó nos anos de 1926 a 1934.

Gráfico 02.

FONTE: *Caicó*. Natal: Fundação José Augusto, 1982. p. 184.

A criação de postos de trabalho fez parte das soluções elaboradas pelo Instituto Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS) e pelo Departamento de Secas, e consistia em permitir que aquelas pessoas exercessem alguma atividade. Assim, as construções de estradas e açudes receberam um grande contingente de mão-de-obra. De acordo com Ângela Ferreira,

[...] até o início da década de 1930, a atuação da Inspetoria foi muito inconstante, de improviso, com “todos os vícios comuns [das] obras projetadas e realizadas atabalhoadamente”, sem recursos, programas ou planos de conjunto [...].¹⁷⁸

A colocação dos retirantes em trabalhos de obras públicas era considerada como “um antídoto à criminalidade e à mobilização indesejada, e acompanhará, a partir de então, todos os planos de assistência aos migrantes”.¹⁷⁹ Com a situação chegando a um nível desesperador e a população obrigada a retirar-se de suas terras, os governantes colocavam os retirantes nos chamados “serviços extraordinários”.

Em telegrama de 06 de abril 1932, o secretário da Prefeitura, o senhor Brito Guerra mostrou que,

¹⁷⁸ VIEIRA, 1938, p. 115. *apud* FERREIRA, Ângela; DANTAS, George. *Surge et Ambula – a construção de uma cidade moderna, Natal (1990-1940)*. Natal: EDUFRN, 2006. p.48.

¹⁷⁹ FERREIRA, Ângela; DANTAS, George. *op. cit.* p. 126.

Situação flagelados cada mês mais aflitiva. Convinha retirá-los daqui, onde não suporta tanta gente. Se Vossa Exelência já conseguiu passagens para São Paulo será bom mesmo resolver assunto, pois seguirão satisfeitos. Será menos dispendioso transportá-los com verba auxílio flagelados que [...] grandes serviços aqui, precisando para isto desenas de contos de reis. Despesa diária esta sendo um conto e quinhentos. Verba existente dará até dia 15 corrente, e caso venha faltar, será uma calamidade.¹⁸⁰

Deslocar os retirantes para outros espaços era a visto como a única solução possível. Por isso, o secretário e prefeito interino Brito Guerra solicitou à Interventoria Federal, em Natal, passagens para aqueles que quisessem ir para São Paulo e outras partes do país. A situação era tensa pelo fato da verba enviada para o auxílio dos retirantes não ser suficiente para suprir a demanda. Ainda de acordo com Castro Neves, a presença ostensiva de uma multidão na cidade, como aconteceu nos estados do Ceará e do Rio Grande do Norte, provocava uma pressão simbólica sobre a população local que tinha o número de habitantes duplicado, triplicado, quadruplicado¹⁸¹, etc. Isto é, o número de pessoas na cidade crescia exponencialmente, indicando que a densidade populacional aumentou pertinente ao grau de potência ao qual a população da cidade esteve elevada, ou em outras palavras, a população cresceu vertiginosamente num curto período de tempo, 10.000 sobre 4.000.

Entretanto, a cidade de Caicó não estava preparada para atender a esta recente demanda. A pressão exercida sobre os equipamentos urbanos e sobre toda a estrutura de sentimentos que a população local experienciou, em relação à pobreza, gerou um sentimento de repulsa e de temor. A única forma de tentar manter a ordem na cidade foi utilizar a verba federal que foi destinada aos flagelados para minimizar o problema. Daí ocorrerem os pedidos constantes de verbas às cidades interioranas atingidas pela estiagem prolongada.

A chegada de retirantes numa cidade “era além de um espetáculo contristador, um momento de preocupação”¹⁸², pois com eles vinham uma série de

¹⁸⁰ Telegrama nº 77 enviado por Brito Guerra da Prefeitura Municipal de Caicó no dia 06 de abril de 1932.

¹⁸¹ Relatório administrativo da Prefeitura de Caicó enviado por Joel Dantas em 4 de agosto de 1932.

¹⁸² NEVES, Frederico de Castro. *op. cit.* p.10.

outros problemas que alteravam o cotidiano da cidade: criminalidade, mendicância, roubos, etc. Em Caicó, os conflitos advindos com essa situação transformaram a cidade num espaço perigoso, como indica o telegrama de Tasso Dantas, à época tesoureiro da prefeitura:

Hoje pela manhã grupo cerca de dusetos flagellados chefiados chauffeur Vigário tentou assaltar comércio visando Banco. Pessoas do povo sustaram assalto chegando Delegado que prendeu chefe. Flagellados dispersaram em ordem continuando feira naturalmente. Até esta hora esta tudo calmo. Julgo indispensável aumento destacamento local.¹⁸³

O prefeito revelou uma grande inquietação: a ameaça dos flagelados à ordem pública. Temia-se que a qualquer momento um novo “assalto” pudesse acontecer e a situação ficasse sem controle. A solicitação de aumento do destacamento policial local fez-se urgente, pois o roubo ao *Banco* só foi abortado com o auxílio da população.

A visão dos pobres como criaturas à beira de um ataque de perversão e possuidoras de valores morais e éticos bastante frágeis, propensos a formas pouco confessáveis de ganhar a vida, os tornavam presas fáceis para aproveitadores de ocasiões. No telegrama acima há um fato merecedor de destaque: a multidão não agiu de forma espontânea, já que teria sido influenciada pelo *chauffeur* Vigário, preso e acusado como chefe do “bando”.

O banco da cidade foi o primeiro alvo, mas outros lugares também poderiam facilmente tornar-se objetos dessas ações. Assim, observamos que naquele momento de conturbação, algumas pessoas que estavam de fora da situação dos flagelados podiam se aproveitar e incitar ações de contravenção, utilizando-se, para isso, da multidão desesperada. A fome e a seca passavam a ser uma sinonímia, pois:

[...] compõem um quadro estrutural que as ações dos retirantes

¹⁸³ Telegrama de n. 76, do dia 02 de abril de 1932, passado por Tasso Dantas, tesoureiro da prefeitura de Caicó, solicitando reforços para cidade que se via invadida pelos retirantes que buscavam ajuda.

necessariamente devem refletir: a seca provoca a fome generalizada que leva os sertanejos a movimentarem-se em busca de alimentos e que, finalmente famintos e desesperados, atacam e invadem as cidades e armazéns [...]¹⁸⁴

Com os flagelados instigados a atitudes extremas, tornava-se inviável o controle da massa e o respeito às normas institucionalizadas. A partir da situação caótica de seca e de fome, alguns crimes foram cometidos e passaram a adquirir uma espécie de tolerância pela norma e pela ordem (jurídica e institucional), ou seja, “numa ação coletiva dificilmente se consegue identificar líderes, e, portanto não pode ser criminalizada”, pois como elemento estranho às normas jurídicas que penalizam o indivíduo, a multidão permaneceu à margem da legislação moderna.

Havia muitos pobres pedindo esmolas, perambulando pelas ruas e sem ocupação definida, tendo como espaços de uso apenas as áreas públicas onde se ritualizava o cenário da miséria. Perante isto, partiam dos populares mais abastecidos duas atitudes paradoxais: o despertar da caridade – uma prática que naquele espaço nos remonta ao final do século XIX, quando se organizava ajudas particulares a pequenos grupos – e, ao mesmo tempo, aumenta-se o desprezo pelo estado em que se encontravam os flagelados. As pessoas com melhores condições já estavam cansadas da recorrência dos corpos andrajosos e sujos pelas ruas.

As políticas públicas vieram a substituir a prática da caridade. A tentativa era fazer do problema uma questão nacional e não mais localizada e desprovida de assistência permanente do Governo. No governo provisório de Getúlio Vargas houve um incremento nestas políticas:

Especialmente, a partir de 1930 declina a criação de entidades beneficentes e aumenta a fundação de organismos, na maioria estatais, de apoio ou estímulo aos “trabalhadores”, “operários”, “agricultores” ou “pequenos produtores”, eufemismo para os pobres que pressionam periodicamente os equipamentos urbanos.¹⁸⁵

Assim, as políticas assistencialistas passaram por uma reelaboração. Os

¹⁸⁴ NEVES, Frederico de Castro. *op. cit.* p.15.

¹⁸⁵ Idem, *ibidem.* p. 86.

diversos grupos já estavam cansados das políticas assistencialistas ou emergenciais, que durante muitos anos apenas minimizaram os efeitos sócio-econômicos da estiagem, sem, contudo, propor um projeto mais elaborado de ação que mitigasse os efeitos das estiagens a curto e longo prazo.

Assim, a seca passou a ser apropriada como mote para estudo e reflexão de um povo e de um espaço, em sua condição de transeunte. De acordo com Castro Neves:

Entendida como um fenômeno natural, sobre o qual os homens apenas sofrem os efeitos, a escassez - ou melhor, a irregularidade - de chuvas, característica do semi-árido nordestino, transforma-se no pano de fundo básico que determina os movimentos dos sertanejos em busca de sobrevivência. A seca é, assim, entendida basicamente como um “momento para repensar a pobreza” como chave explicativa para todo o processo de conflitos sociais que movimentam o sertão.¹⁸⁶

Na cidade esses conflitos eram mais visíveis, pois ela se tornava o palco onde concatenavam indivíduos de vários espaços e experiências. Retomar essa temática significa, portanto, atentar para mudanças de sensibilidades e perceber como o espaço urbano foi tomado como testemunha dessa epopéia.

Durante a seca de 1877, as populações das cidades da porção nortista (posteriormente conhecida como Nordeste, por volta de 1910) presenciaram cenas que não faziam parte do ambiente urbano e civilizado com o qual se desejava conviver. Cidades como Fortaleza, Natal e Mossoró, que nesse momento passavam por uma reorganização do seu traçado urbano, influenciadas pelas grandes cidades do país, recebiam no seu espaço os retirantes que tomavam o espaço público.¹⁸⁷

¹⁸⁶ NEVES, Frederico de Castro. *op. cit.* p. 27. Segundo Castro Neves, “no Nordeste as catástrofes naturais periodicamente faziam inchar a população urbana, às vezes deixando resultados permanentes”. Tomando Rodolpho Theophilo como referência, em 1878 havia 114.000 retirantes que transformavam a paisagem citadina de Fortaleza. Outros centros enfrentavam o mesmo problema, entre eles Aracati, cidade de 5.000 habitantes que estavam comportando mais de 60.000 pessoas, Mossoró, no Rio Grande do Norte, com apenas 4.000 habitantes, atendeu a mais de 32.000 mil retirantes que chegavam pedindo ajuda.

¹⁸⁷ A seca de 1877-79 tornou-se um marco nas abordagens sobre o tema. Pela primeira vez, a seca tornou-se um problema nacional, servindo de suporte discursivo para os políticos. Ver: ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *Palavras Que Calcinam, Palavras Que Dominam: a invenção da seca do Nordeste*. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH Marco Zero, vol. 15. nº 28, 1998.

As secas que se seguiram nesse período não foram menos trágicas que a de 1877. No Rio Grande do Norte, os infindáveis deslocamentos da população pobre em busca de ajuda e abrigo foram a tônica que se repetiu durante todas as secas, principalmente no início da década de 1930. Essa migração interna provocou muitos distúrbios, e uma das soluções encontradas para resolver esse problema consistiu em retirar as pessoas de onde houvesse uma grande concentração e distribuí-las pelos Estados que possuíam “colônias” ou “abrigo de flagelados”: Amazonas, Maranhão, São Paulo ou mesmo Natal, a capital do Rio Grande do Norte.¹⁸⁸

Este deslocamento era pensado como uma saída planejada para desafogar as cidades menores desse grande contingente humano. Dessa forma, em telegrama enviado para a capital, o prefeito de Caicó solicitou as passagens para os flagelados que desejavam ir para outros estados,

Confiante solução vosso telegrama de 22 deste (vg) faculttando acolhimento mil caicoenses colônia Maranhão (vg) reitero vossencia pedido meu telegrama de 26 solicitando 30 passagens para aquelle Estado (vg) representadas por José Gregório de Azevedo. Já em Natal, bem como mais de 170 passagens referido Estado, das quaes 50 chefiadas por Francisco Soares já estão em Natal aguardando ordens (pt) Acresce ainda lembrar a Vossa Excelência que alludidas pessoas crentes em obterem passagens já sacrificaram seus pequenos objectos afim conseguirem despezas inadiáveis.¹⁸⁹

Esta correspondência nos mostra o nível que o problema atingia a cada dia. Com a chegada de um novo agrupamento humano na cidade, avaliava-se que, em virtude da escassez de recursos, não havia condições de o Estado absorvê-lo. A solução possível foi enviar parte dessas pessoas para outros estados, mantendo o controle dos deslocamentos dos retirantes e impedindo-os que circulassem livremente pelas cidades ou mesmo pelo território do Estado.

Sendo assim, procedeu-se da seguinte forma: foram distribuídas passagens com destino a outros Estados como forma de dispersar a enorme massa

¹⁸⁸ Em Natal existiam tanto Núcleos Agrícolas como um Abrigo para Flagelados. *Jornal A República*, 17 de setembro de 1932, p. 04, nº 548.

¹⁸⁹ Telegrama nº 118, Prefeitura Municipal de Caicó, 28 de maio de 1932, ao snr. Ministro da Viação, José Américo de Almeida, pelo Prefeito então Joel Dantas.

humana que dia-a-dia aumentava no interior dos Estados atingidos pela crise. Em relatório enviado à Interventoria Federal do Estado, o prefeito Joel Dantas mostrou os benefícios dos recursos encaminhados ao seu município,

[...] Apesar de ter sido relativamente pequena, a quantia enviada para esta Prefeitura, com o fim de socorrer aos flagellados da seca, contudo, veio trazer um beneficio extraordinario ao municipio que dirijo, dada a oportunidade de colocação em todos os serviços, ao número superior de 150 chefes de familia, na época mais calamitosa; principalmente quando ainda não havia sido atacada a construção do açude Itans, tempo em que o número de flagellados nesse município (em extrema necessidade) era superior aos dez mil e, com esse pequeno auxilio do governo federal, conseguimos minimisar os sofrimentos e diminuir o panico que até ontem reinava no espirito dessa população alarmada pelo flagello terrivel que tudo aniquila, deixando patente a legitima expressão de impiedade.¹⁹⁰

Em meio aos grupos de retirantes existiam alguns indivíduos que tentavam tirar proveito da situação. Prevendo isso, a Diretoria Geral das Secas, ligada ao Ministério de Viação e Obras, publicou uma nota no jornal *A República* com o seguinte alerta:

A diretoria Geral das Secas do Rio Grande do Norte faz público, para o conhecimento de todos, que só requisitará passagens para o interior do Estado, quando aqueles que necessitam das mesmas estiverem internados nos Núcleos Agrícolas ou no Abrigo dos Flagelados, nesta capital.¹⁹¹

O erário público não poderia ser comprometido com pessoas que se diziam retirantes. A internação nas colônias agrícolas passou a ser um item fundamental para as requisições de passagens para outros Estados. A experiência vivida com as secas anteriores permitiu detectar que existiam pessoas que se aproveitavam da situação.

As estiagens anteriores pareciam não ter conseguido fomentar nos governos de cada Estado afetado a elaboração de uma política de proteção contra

¹⁹⁰ Relatório administrativo da Prefeitura de Caicó, enviado por Joel Dantas em 4 de agosto de 1932.

¹⁹¹ *Diretoria Geral das Sêcas. A Republica*, Natal, 17 de setembro de 1932. p. 04.

as possíveis secas que por ventura voltassem a se repetir. Desde 1900 até 1919, as políticas públicas pensadas para minarem os efeitos das secas, apresentaram-se frágeis, pois observamos que em torno dessas ações existiam muitas trocas e favorecimentos políticos.

As massas anônimas que ocuparam a cidade, e que inscreveram trilhas diversas, se juntaram a outros indivíduos já presentes no espaço citadino, constituindo-o assim, um lugar de aglomeração, desregulação e desordem, com inúmeras pessoas sujeitas às necessidades de alimentação, aos cuidados médicos e, também, à morte.

Na cidade de Caicó, os equipamentos urbanos foram sobrecarregados por um grande número de pessoas que não tinham para onde ir e ficavam vagando pelas ruas da cidade que chegou a conter, no momento mais drástico, quase dez mil pessoas a mais que a população normal.

3.3. Caicó: corpos da fome, da doença e da morte

Os caminhos de um estudo sobre a história das cidades requerem também a busca da sua contramão, ou seja, perceber não apenas o que estrategicamente foi pensado, mas aquilo que se dissemina pela escrita dos jornalistas e poderes públicos. Em fontes como o jornal *A República* e nos telegramas enviados pela Prefeitura de Caicó à Interventoria Federal do Rio Grande do Norte, em Natal, foi possível traçar um retrato da miséria social que assolou aquela cidade interiorana.

Contudo, não intentamos recuperar as trilhas percorridas pelas massas anônimas que ocupavam o espaço citadino e arredores caicoenses, mas perceber como os retirantes são nomeados pelo jornal *A República* e pelos telegramas¹⁹², e como se processa, parafraseando Michel de Certeau, uma “economia escriturística” que repetidas vezes (re)corporifica a idéia do retirante e do flagelado.

¹⁹² Citamos, a título de exemplo, duas matérias: “missão da cruz vermelha: distribuição de gêneros aos flagelados da seca”; “pelos flagelados”; “Pró-flagelados.”

Atribuimos o conceito de maquinaria escriturística ao ato de nomear o outro. Essa nomeação, segundo Certeau¹⁹³, pode ser representada por uma panóplia de instrumentos que realizam essa tarefa individualmente ou de uso coletivo. São objetos que apertam, endireitam, cortam, abrem, escrevem, são ferros, aço, madeira, ou um texto que impresso remete a tudo aquilo que se imprime sobre o nosso corpo, marcando-o.

Segundo o historiador André Mota¹⁹⁴, a inquietação dos médicos e das instituições de saúde pública com as condições de higiene nas áreas interioranas e nas grandes cidades brasileiras, em início do século XX, era reveladora também da preocupação com os destinos da raça brasileira e os laços que integravam a Pátria. Foi nos sertões do Brasil que a fome, as doenças e a morte produziram o que chamaremos aqui de uma trilogia das catástrofes. Por mais fortes que fossem os filhos dos sertões, como concluiu Euclides da Cunha, eles sucumbiam diante do cataclismo das secas.

Portanto, dois pontos são importantes para refletirmos: as políticas higienistas e sanitaristas que não alcançavam o vasto território atingido pela seca e as doenças que levavam inúmeros adultos e crianças ao óbito. Essas duas questões passam necessariamente por uma reflexão sobre o corpo e sobre as doenças. Enquanto objeto de reflexão histórica o corpo ainda ocupa um lugar pouco referenciado na produção do conhecimento. Segundo Mary Del Priore, até pouco tempo o corpo como objeto da história estava confinado às margens, às fronteiras, às zonas de sombra, às alcovas e aos cantos.¹⁹⁵

Contudo, um pouco mais que o corpo, as doenças ora são objetos de estudo de biólogos, médicos, químicos, físicos e também dos historiadores, haja vista que “A doença pertence à história superficial dos progressos científicos e tecnológicos como também a história profunda dos saberes e das práticas ligadas às estruturas sociais, às instituições, as representações, às mentalidades”.¹⁹⁶

¹⁹³ CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano – artes de fazer*. 6ª edição, Petrópolis: Vozes, 2001. p. 221-243.

¹⁹⁴ MOTA, André. *Quem É Bom Já Nasce Feito: sanitarismo e eugenia no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

¹⁹⁵ DEL PRIORE, Mary Lucy Murray. A História do Corpo e a Nova História: uma autópsia. In: *Revista USP. Dossiê Nova História*. São Paulo, n. 23, p. 49-55, set./out./nov., 1994.

¹⁹⁶ LE GOFF, Jaques (org). *As Doenças Têm História*. Portugal: Terramar, 1985. p. 7-8.

Portanto, para além das reflexões em torno da busca de trabalho, dos usos do espaço urbano por esses indivíduos, buscamos também perceber esse espaço através da análise do corpo dos retirantes, das doenças e das políticas higienistas disseminadas por ocasião dessa seca.

Segundo André Mota, os médicos eram considerados os heróis da regeneração nacional,

Devido ao poder atribuído aos médicos e às suas instâncias normativas, às políticas públicas de saúde seriam inseridas no planejamento das cidades e das zonas rurais como forma de combate sistêmico as doenças, domínio e saúde do corpo social, incorporando a lógica médica outros campos do conhecimento, como a estatística, a geografia, a demografia e a história.¹⁹⁷

Partindo da documentação analisada, podemos afirmar que durante os anos de 1931, 1932 e 1933, a cidade de Caicó esteve moribunda. Esse momento coincidiu com a estiagem que levou à cidade muitos andarilhos em busca de ajuda, e revelou um quadro de precariedade das condições de vida que culminou em vários óbitos. De acordo com o Departamento de Saúde do Rio Grande do Norte, houve uma grande incidência de mortalidade infantil, no auge da seca de 1932, e quando se intensificou a aglomeração humana com o início da construção do Açude Itans.

Segundo reportagem do *Jornal de Caicó* feita por Francisco de Assis Medeiros, em 2004, entre fins de 1933 para 1934, um surto epidêmico de bexiga foi responsável por grande mortandade entre os trabalhadores do Itans.¹⁹⁸ Sabemos que onde houvesse alguma obra do Governo Federal, como um açude ou uma estrada, para lá corriam inúmeros trabalhadores em busca de emprego. O jornal *A República*, em 12 de abril de 1932, aborda a situação daqueles homens:

A nota publicada ontem nesta folha sobre a situação dos flagelados da sêca, que descem em grande numero a procura de recursos, para não morrerem de fome, plasma fielmente a angustiosa contingencia em que vem batendo a população do estado, aflagida pelo

¹⁹⁷ MOTA, André. *op. cit.* p. 21.

¹⁹⁸ MEDEIROS, Francisco de Assis. O Itans Monumental. *Jornal de Caicó*, Caicó, Geral, 20 de março de 2004, p. 08.

phenomeno climaterico que assola toda a região.¹⁹⁹

Os flagelados nada podiam fazer quando mais uma seca chegava. A soluçao encontrada era colocar-se na estrada com suas familias e poucos pertences que eram carregados consigo. Francisco de Medeiros Vale, que esteve entre os muitos recrutados para os servicos de construcao do Açude Itans, nas primeiras providencias do recrutamento para o inicio dos trabalhos, diz que “o povo faminto chegava de todos os municipios vizinhos”, aos montes, em busca de trabalho para saciar a fome. Certamente isso foi mais um componente que agravou o quadro de caos enfrentado na cidade. Um somatório de problemas que iam desde a organizacao do espaco adequado para acolher um grande numero de pessoas até a preocupacao com as doencas que emergiam com o aglomerado humano e a fome que dizimava parte desses individuos.

A seca contribuía para que no espaco citadino se desenvolvessem muitas doencas, pois a falta de viveres de qualidade, água potável e bons hábitos de higiene favoreciam o alastramento de um numero de doencas que atingiam adultos e crianças. A alimentacao desses individuos era limitada e deficiente em proteínas animais, produtos frescos e vitaminas essenciais. Mesmo as doencas comumente não-mortais como sarampo, gastroenterite e infeçoes parasitárias tornavam-se mortais, devido, em grande parte, à escassa e péssima alimentacao.

Os departamentos sanitários dos Estados²⁰⁰ atingidos pelas secas vinham fazendo uma vigilância profilática de emergencia sem no entanto conseguir conter o avanço das doencas. O Dr. J. Bonifacio P. Da Costa era, o cordenador da Comissão Médica da colaboracao a assistencia e profilaxia aos flagelados e juntamente ao Ministro José Américo, solicitaram do ministério da educao uma comissao de médicos do D. N. S. P.²⁰¹ e enfermeiras, convocadas da escola de enfremagem Ana Nery, para se deslocarem a região Nordeste, com a missao de combater as epidemias que se gestaram no período.²⁰²

¹⁹⁹ *Jornal A Republica*, Natal, Ano XLIII, nº. 140, 12 de abril de 1931, p. 01.

²⁰⁰ Rio Grande do Norte, Ceará e Paraíba.

²⁰¹ Departamento Nacional de Saúde Pública.

²⁰² BARBOSA, Orris. *op. cit.* p. 101-102.

O que observamos foi uma vasta campanha de socorros profiláticos com a colaboração dos departamentos de higiene dos Estados atingidos pela estiagem. Iniciou-se uma intensa luta contra as doenças entéricas ou a disenteria, a gastroenterite e a dispepsia, todas relacionadas com a contaminação da água por bactérias que exacerbavam as carências nutricionais daqueles indivíduos. Mais do que isso, essas doenças atingiam o aparelho digestivo (estômago e intestinos) abrindo caminho para doenças oportunistas.

Outras doenças também tiveram destaque no alargamento do quadro epidêmico de Caicó: febre tifóide, paratifo e febre tífica²⁰³, todas infecto-contagiosas, causadas por agentes bacteriológicos, agentes responsáveis pelo agravamento do quadro de doenças causadas pela falta de depositários dos dejetos humanos, que segundo o jornalista Orris Barbosa encontravam-se espalhados em torno dos barracos que se aglomeravam principalmente ao redor da construção do açude. Esse dado permite-nos pensar o seguinte: a despeito das políticas públicas de disseminação dos discursos médicos higienistas direcionados às mudanças de hábitos, a população, em sua maioria, não mudava seus velhos costumes.

Seis anos depois, a cidade de Caicó que era desejada pelos cronistas do *Jornal das Moças* mostrou uma outra faceta. Nos subúrbios da cidade, bairros afastados do centro, sítios adjacentes e abarracamentos em torno do espaço onde estava sendo construído o Açude Itans, a situação se tornou caótica. O medo de perder o controle se mostrou evidente quando analisamos os telegramas enviados pela prefeitura de Caicó para Interventoria Federal, em Natal, solicitando providências urgentes.

Em sua solicitação ao Interventor Federal, o prefeito Joel Dantas alerta:

Sr. Interventor Federal

Estão aparecendo novos casos para Thyfo serviço Itans e nesta cidade assim como alguns de dysenteria. Medico local aconselha maxima urgencia vaccinação para Thyfica toda população.²⁰⁴

²⁰³ Doença infecciosa produzida pelo bacilo de Eberth ou Eberthellatiphi. Ver: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1971.

²⁰⁴ Telegrama nº 107 enviado por Joel Dantas da Prefeitura Municipal de Caicó para Interventor Federal do Rio Grande do Norte.

A partir deste fragmento, percebemos que uma situação epidêmica estava em curso. As campanhas de saúde pública na década de 1920, iniciadas ainda no governo do presidente Epitácio Pessoa (1919-1922), inseriram-se num dito “processo civilizatório”.

A tônica das campanhas sanitárias do Governo Federal era erradicar as doenças, principalmente por meio da vacinação. Resultante do novo código sanitário proposto pelo cientista brasileiro Carlos Chagas, então diretor nacional de Saúde Pública, o Nordeste tornou-se o alvo principal das políticas de erradicação das doenças, com imensas campanhas contra a malária e a febre amarela, por vezes amparadas por fundações internacionais, como a Rockefeller, dos EUA.²⁰⁵

Sobre a Fundação Rockefeller, é salutar a referência que faz uma matéria publicada no *Jornal das Moças*, em 26 de setembro de 1926, expondo a importância de a população de Caicó permitir a entrada em suas casas do agente de saúde responsável pela campanha do mata-mosquito, convocando a população:

Procuremos amparar com a nossa franca solidariedade aos encarregados da fundação Rockefeller que tanto se interessam pelo bem da humanidade. [...] Portanto, tenhamos os nossos braços abertos para realizações dessa natureza que nos vem salvar dos maiores perigos, dos maiores sofrimentos e dos maiores dissabores.²⁰⁶

Como expoentes da luta médica e sanitária, a certeza de que a medicina, o sanitarismo e fundações como a Rockefeller diagnosticariam as mazelas brasileiras indicando os caminhos a serem trilhados, não apenas nas áreas de sua especialidades, mas em todo conjunto administrativo e social brasileiro. Amparados nessa premissa e nos setores organizados para moldar um novo Brasil, os médicos deveriam adentrar os sertões, desempenhando tarefas estranhas à medicina, às vezes até assumindo postos burocráticos, a exemplo do Dr. Leonardo Arcoverde,

²⁰⁵ É interessante ressaltar que para que a Fundação Rockefeller atuasse nos Estados era necessário solicitá-la por meio dos governos estaduais, os quais deveriam arcar com algumas despesas da fundação.

²⁰⁶ Flor de Liz. A Nota. *Jornal das Moças*, Caicó, 26 de setembro de 1926, p. 01.

diretor da Saúde Pública da Paraíba e chefe do 1º distrito de Secas.²⁰⁷

Nos anos de seca as ações preventivas eram intensificadas, já que a preocupação era com a erradicação de doenças. Por tal motivo foram instalados no interior do Estado “nucleos medicos para assistência aos flagelados”.²⁰⁸ Cada núcleo desses nas cidades da região do Seridó potiguar contaria com uma equipe formada por um médico, um farmacêutico e um enfermeiro. Em Caicó, esta equipe era formada pelo doutor José Medeiros, pelo farmacêutico José Gurgel de Araújo e pelo enfermeiro Alfredo Ferreira Filho, todos residentes naquela cidade.

A preocupação era que em cada localidade onde houvesse serviços federais em execução um posto de saúde desses fosse instalado para que os doentes se tratassem. Também tentava-se desenvolver várias políticas públicas de prevenção às doenças, fazendo-se propaganda sanitárias por meio de palestras, folhetos e cartazes, isolamento dos doentes contagiosos e vacinação em massa.

Podemos observar que há uma preocupação com os “problemas sanitários do Seridó” desde o governo de José Augusto, que privilegiou duas políticas públicas: a educacional e a sanitária. Nesse mesmo governo ocorreu a visita do célebre sanitário brasileiro Belizário Pena, que combatia endemias pelo Brasil, dentre elas a verminose e o paludismo. De acordo com José Augusto, “ficou ele espantado de haver encontrado no Brasil uma região em que não existiam as duas endemias”²⁰⁹, isso devidamente justificado pela região do Seridó ter uma baixa umidade.

Apesar da verminose e do paludismo não serem as doenças mais constantes na região (pois são doenças mais comuns em ambiente úmido), os óbitos oriundos de outras enfermidades, conforme registrou o Departamento de Saúde Pública do Rio Grande do Norte, nos anos de 1931, 1932, 1933 e 1936, permitiram-nos observar os altos índices de mortalidade.

Em questionário respondido pelo prefeito de Caicó, atendendo a um pedido do Interventor Estadual, os números de óbitos revelaram dados alarmantes e serviram de base para elaborarmos o gráfico a seguir:

²⁰⁷ BARBOSA, Orris. *op. cit.* p. 102.

²⁰⁸ GALVÃO, Joaquim Pontes de, diretor do Jornal *A República*, 13 de novembro de 1932.

²⁰⁹ MEDEIROS, José Augusto Bezerra de. *Seridó*. Brasília: G/S, 1980. p. 20.

789 Mortes - ADULTOS e CRIANÇAS	
155	Adultos
294	Crianças Feminino.
340	Crianças Masculino.

Tabela nº. 03: Número de óbitos em Caicó 1931- organização da autora
 FONTE: FCC/1CJ/caixas 19-20/diversos – Laboratório de Documentação Histórica

A tabela mostra o número de mortes de adultos e crianças no ano de 1931, quando o prefeito Dinarte Mariz remeteu o relatório anual da cidade para a interventoria do Estado. Esse primeiro gráfico expõe apenas o número de mortes do ano de 1931, sem, todavia, pormenorizar o quadro das enfermidades causadoras dos óbitos.

Pelo alto número de mortes entre crianças, a preocupação com a infância se tornou no período objeto do cuidados do governo. No gráfico, o número de óbitos feminino e masculino entre crianças chegou a 80,35% do total de mortes contra apenas 19,65% do total de adultos. Podemos concluir que as epidemias de febres desintéricas exacerbavam os óbitos entre os retirantes.

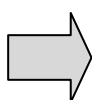
Os dados acima fazem parte dos atestados de óbitos emitidos pelo Departamento de Saúde do Rio Grande do Norte, nos anos de 1932 e 1933, juntamente com a idade, sexo, local da morte, data, doença etc. Segundo Orris Barbosa, os atestados de óbitos passaram a ser uma exigência do governo provisório, no sentido de controlar os surtos epidêmicos,

[...] do cataclysmo economico desencadeado pelas seccas periodicas, morrendo ás centenas durante as caminhadas ou em consequencia do convivio com multidões immundas e mal

alimentadas que, mettidas em imensos acampados de palhoças, são engrossadas, dia a dia, por lévas de miseraveis vindos dos pontos mais diversos.²¹⁰

Nutrição deficiente, assim como moradia insalubre e caminhadas extenuantes deixavam esses indivíduos suscetíveis à devastação da doença. As crianças pequenas sofriam com as enfermidades, especialmente aflições gastrointestinais, por ainda serem organismos muito jovens. Mais abaixo, os dados obtidos com as pesquisas feitas no período estudado mostraram que as crianças eram as maiores afetadas, e também possibilitou observar as principais doenças causadas pelas precárias condições de vida:

Dispepsia Aguda	138 óbitos
Gastro Enterite	95 óbitos
Disenteria Amebiana	70 óbitos
Sífilis	21 óbitos
Febre Tifóide*	18 óbitos
Meningite	8 óbitos



Doenças com alto índice de infecção bacteriológica e viral.

Gráfico 04: 1932-1933 – organização da autora

Obs: * A febre tifóide foi colocada junto com outras doenças como: Tifo e Febre Tífica²¹¹

FONTE: FCC/1CJ/caixas 19-20/diversos – Laboratório de Documentação Histórica

²¹⁰ BARBOSA, Orris. *op. cit.* p. 100.

²¹¹ Corresponderem à mesma doença, com pequenas variações.

Dispepsia Aguda	53 óbitos
Gastro Enterite	36 óbitos
Disenteria Amebiana	54 óbitos
Sífilis	25 óbitos
Febre Tifóide	7 óbitos
Sarampo	11 óbitos
Coração	8 óbitos

Caicó: Principais doenças que provocaram um alto índice de mortalidade infantil

Gráfico 05: 1933 – organização da autora.

FONTE: FCC/1CJ/caixas 19-20/diversos – Laboratório de Documentação Histórica

Dentre os adultos, as doenças mortais que atacavam homens e mulheres eram: a insuficiência cardíaca, febre tifóide, tuberculose e disenteria. Os dados estatísticos de mortos e doentes ajudavam a ter um controle melhor sobre as doenças nos acampamentos dos trabalhadores e nos arredores da cidade, bem como permitiam visualizar qual melhor estratégia empregar para combater as moléstias que se alastravam.

Os dezenove meses sequenciais que analisamos nos revelaram um mapa assustador, que nos permitiu visualizar altos índices de mortalidade infantil e adulta em todo perímetro da cidade de Caicó e adjacências. As duas tabelas com as principais doenças que causaram as maiores baixas entre crianças, a partir dos dados de óbitos elaborados pelo Departamento Nacional de Saúde dos anos de 1932 a 1936, enfocando principalmente os anos de 1932 e 1933, permitiram perceber que o que se vivia naquele momento era uma situação epidêmica que revelava as fragilidades dos programas profiláticos implantados no país.

Segundo Orris Barbosa, a partir de 1932, por ordem do Departamento Nacional de Saúde Pública, os óbitos deveriam ser registrados e os dados remetidos para Natal. Por mais organizadas que fossem as políticas preventivas de higiene, não eram suficientes para deter a contaminação que se alastrava pelos acampamentos dos trabalhadores. Nos quase dois anos, muitos óbitos infantis foram registrados, sem contar aqueles que passaram sem ser notificados. O sistema

imunológico desses indivíduos ficava comprometido devido ao deficit de alimentação e à precária situação de higiene na qual as crianças viviam. Grande parte desses óbitos eram de recém-nascidos que em vez de receber leite eram alimentados com feijão, carne-seca, alimentos velhos e destituídos de suas vitaminas, etc.

O policiamento sanitário feito pelos Estados afetados pela seca, dentre eles o Rio Grande do Norte, não dava conta da concentração humana e dos seus problemas. Além disso, os óbitos apontavam também para um surto epidêmico de outras infecções do grupo coli-typhico-desintérico²¹², provocadas pelo contato com lixo exposto e dejetos humanos. Esse quadro reunia condições ideais para a proliferação de enxames de moscas, propagando os germes causadores das doenças gastro-intestinais, sem mencionar os coliformes fecais presentes nas comidas e na água de beber. Orris Barbosa conclui sintetizando o drama com as seguintes palavras:

Nos locais das barragens e construções de rodovias, as obras de restauração da terra continuavam a ser executadas num ambiente eivado de contrastes impressionantes – notando-se na intensa movimentação das actividades das massas o rastejamento da morte por entre os casebres e barracas de operarios, dizimando, principalmente, a geração nova.²¹³

A preocupação do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) era que nesses aglomerados humanos, e nas construções de obras financiadas pelo Erário Federal, se diminuísse o número de óbitos, principalmente entre crianças. Em vista disso, o doutor Leonardo Arcoverde, diretor de Saúde Pública da Paraíba, comunicou:

[...] que o serviço de assistência medica aos operarios e populações concentradas, será feito em postos medicos em dois hospitais Regionais: um situado em Caicó e completamente aparelhado e que começará brevemente a receber doentes [...]²¹⁴

²¹² BARBOSA, Orris. *op. cit.*

²¹³ Idem, *ibidem*. p. 75-90.

²¹⁴ Ofício encaminhado ao Dr. Leonardo Arcoverde, anexado ao Jornal *A Republica*, Natal, em 11 de dezembro de 1932, p. 02-03.

Essa atitude possibilita-nos pensar a situação que enfrentavam aquelas pessoas, que ao mesmo tempo lutavam pela vida atravessavam o caminho da morte. Era uma dupla jornada e Caicó estava no meio dessa encruzilhada de vida e de morte. No espaço da cidade, a tragédia dá conta dessas vidas.

Os altos índices de mortalidade infantil preocupavam o governo do Estado, pois em todos os serviços públicos em execução, os distúrbios alimentares ocasionados por regimes defeituosos e insuficientes eram responsáveis por um exacerbado número de óbitos infantis. Tentando sanar tal problema, em cada posto de serviço foi disponibilizada a distribuição de leite aos latentes. O leite condensado foi usado como único recurso para alimentar as crianças.

O leite podera ser de vaca, empregando-se na distribuição do mesmo a tecnica das diluições, na falta de leite de vaca será distribuido, leite em pó ou leite condensado, para esse fim será destinado a verba de assistencia infantil.²¹⁵

Esses leite era manipulado pelas enfermeiras do DNSP e distribuídos as mães que ainda amamentavam crianças, porém havia uma exigência, era que,

[...] as mães attendidas em primeiro logar eram as que se apresentavam dentro das prescrições de hygiene e asseio determinadas pela commissão: cabelo cortado, pés calçados, unhas aparadas e com creanças bem limpas.²¹⁶

Com essas informações, um quadro de desespero na cidade se ergue perante nós. As doenças, também tomadas como objeto de observação, nos possibilitaram fazer uma cartografia do perímetro urbano e de suas adjacencias nesse período estudado. Essa ligação da doença com péssimas condições de vida e

²¹⁵ Ofício encaminhado ao Dr. Leonardo Arcoverde, anexado ao Jornal *A Republica*, Natal, em 11 de dezembro de 1932, p. 02-03.

²¹⁶ BARBOSA, Orris. *op. cit.* p. 109.

de trabalho, da miséria com a falta de higiene²¹⁷, produz um quadro grave de anomalia no que tange às políticas públicas voltadas para o combate de ambientes insalubres. Com efeito, fica claro a fragilidade dessas políticas quando eram, sobretudo, associadas a variações climáticas, como no caso da seca.

Retomamos, para conclusão deste capítulo, às observações do jornalista Orris Barbosa, em sua passagem pelas obras do Açude Itans e por Caicó. Ao serem interpelados pelo jornalista, os trabalhadores olhavam para o passado e lembravam das vidas que tinham deixado para trás, suas terras, suas casas. Orris Barbosa se impressionou com a cena do canteiro de obras, descrita com as seguintes palavras:

[...] um formigueiro humano iluminado pelo sol, em longas filas pacientemente acompanhando burricos com sacos de areia sob as costas, subindo e descendo em uma ciranda comovente, incansavelmente.²¹⁸

Barbosa repetia os discursos construídos por uma série de intelectuais, como Euclides da Cunha, que pensaram a identidade nortista (depois nordestina) ligada ao atraso, ao barbarismo, ao sofrimento. E não deixa de ser a sua interpretação um reforço desse olhar externo. Nessa medida, observamos que os discursos oficiais que escreveram acerca daquelas pessoas encerraram sua identidade através de um cognome que homogeniza os rostos: os flagelados.

Os discursos sobre os corpos flagelados no perímetro da cidade de Caicó encerram um discurso construído historicamente, que mostrou, sobretudo, o medo. Tomamos o cuidado de não tomar a documentação como a realidade, mas como um indício, um material construído com pormenores de homens, tempos e espaços históricos. Figuras das desventuras, que na cidade de Caicó, no início da década de 1930, construíram uma cartografia da recusa e da sedução e teceram suas histórias:

²¹⁷ BERTUCCI, Liane Maria. A Ameaça Iminente – As epidemias. Um Momento: Varíola – 1908. In: STELLA, Bresciani. (org). *Imagens da Cidade. Séculos XIX e XX*. São Paulo: Marco Zero/FAPESP, 1993. p. 77-93.

²¹⁸ BARBOSA, Orris. *op. cit.* p. 160.

A minha história é a de todos, sempre a mesma, sem tirar nem pôr: a chuva não veio, o gado emagreceu e morreu, tudo seccou e desapareceu, e a gente fugiu com medo de morrer de fome, como cachorro sem dono...²¹⁹

²¹⁹ *Idem. loc. cit.*

Considerações Finais

Ao tomarmos a cidade de Caicó como objeto de pesquisa intentamos realizar um exercício historiográfico que permitisse um alargamento dos estudos sobre cidades no âmbito do Estado do Rio Grande do Norte. Evidentemente, tal pesquisa não se resumiu ao conceito de cidade, tendo em vista que, para o período abordado, segunda metade da década de 1920 e primeira de 1930, respectivamente, exigiu-se o diálogo com uma miscelânea de temas. Este olhar aberto permitiu-nos corporificar textualmente a cidade enquanto um espaço histórico, polissêmico, tenso e constantemente repensado, e acima de tudo, marcado pela inquietação entre a recusa e a sedução.

Os meandros que compuseram essa história passaram por um diálogo com os “lugares de memória”, segundo concepção de Pierre Nora. O diálogo do historiador com as fontes é mediado por um conjunto de regras de produção, difusão e usos. Nesse sentido, diferentes acervos foram utilizados como suportes de um material a ser explorado. O nosso eixo problemático incidu numa curta temporalidade, sem contudo, ficar engessado, fazendo entrecruzamentos sempre que necessário.

A maioria das fontes exploradas nesse trabalho foram digitalizadas nos seguintes acervos: Laboratório de Documentação Histórica (LABORDOC), do Centro de Ensino Superior do Seridó; Arquivo Público da Câmara Municipal de Caicó; Arquivo Público da Prefeitura Municipal de Caicó; Biblioteca Municipal de Caicó e acervos particulares. Nessa fase da pesquisa, nos deparamos com um material como: historiografia regional; memórias; relatos de viagem; telegramas, cartas e ofícios da prefeitura de Caicó nos anos 1931, 1932, 1933 e 1934; o *Jornal das Moças* de 1926; fragmentos do *Jornal do Seridó* e *Jornal de Caicó* - infelizmente, em nenhum acervo foi encontrada a coleção desses jornais, para nossa sorte, alguns exemplares desses jornais foram acoplados a alguns processos-crime o que nos permitiu acompanhar os desejos e novidades advindas com a modernidade; fotografias de época; matérias no jornal oficioso *A Republica* a respeito das políticas públicas para os flagelados e das ações do Ministro José Américo, etc.

O entrecruzamento das fontes, leituras e questionamentos possibilitaram um aprofundamento sobre a problemática do espaço no âmbito de uma pesquisa histórica. Autores como Gilmar Arruda, Antonio Paulo Rezende, Raimundo Arrais,

Grant McCracken, Gilles Lipovetsky, Frederico de Castro Neves, dentre outros, nos ajudaram a perceber a cidade enquanto uma trama.

A cidade não se limita ao visível, este se for entendido por realidade, pois parafraseando Ítalo Calvino, a cidade congrega inúmeras “cidades invisíveis”.²²⁰ O desejo de um novo espaço, obtuso aos desígnios da modernidade, foi o marco inaugurador da desejada “Capital do Seridó”, como era nomeada e subentendida por alguns, a cidade de Caicó.

Inicialmente, o nosso campo de análise foi perceber as relações que a elite letrada de Caicó estabelecia com o espaço citadino, entendido como espaço de inscrição de comportamentos, de recusas em torno de atitudes não condizentes com a idéia que se tinha de civilidade. Para tanto, nas páginas dos jornais, principalmente no *Jornal das Moças*, as crônicas serviram de instrumentos para comunicar o debate em torno do ideal da cidade que se desejava. Se era a “Capital do Seridó”, então Caicó deveria ser o espaço onde se visibilizasse os ideais de progresso tanto em seu perímetro urbano como nas práticas cotidianas de seus habitantes.

Nas crônicas dos jornais a elite intelectual caicoense demonstrou-se seduzida pelo novo: a eletricidade, o cinema, a urbanização, o automóvel, os novos locais de sociabilidade, etc. Os espaços que permitiram esses “processos” estavam logicamente ligados à esfera econômica e política cujos “representantes da terra” souberam aproveitar astuciosa e estrategicamente.

Mas os desejos dessa cidade também são marcados por desafios que impõem sérios limites que demandam uma sinonimia entre discurso e prática. Na virada da década de 1920 para inícios de 1930 Caicó tornou-se palco da ambivalência entre o desejo e a recusa. Seduzidos pelas novidades do progresso, pelo mercado de consumo, recusava-se a seca, fome, morte, doenças. Busca-se reforçar discursos que naturalizam os problemas econômicos advindos com a longa estiagem.

Para tanto, percebemos como o espaço da escrita foi o lugar de reflexão dessas mudanças. Os jornais foram utilizados pelos cronistas para comunicar símbolos e projetos em consonância com o progresso, com a civilidade. Construir

²²⁰ CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1990.

uma cidade polida passava por uma pedagogização de seus habitantes. Portanto, seja na tímida reforma urbana; na implementação de novos hábitos e espaços sociais - como no insistente projeto de criação de um “club dansante”; na valorização do plantio de árvores com o intuito de abrandar o calor do espaço urbano, entre outros, tecia-se e dava-se visibilidade aos projetos que constituíam a urbe.

Em grande medida, analisamos como um pequeno grupo, a elite letrada, vivenciou os surtos do progresso representando em crônicas as suas impressões, os dilemas e impasses desse momento. Segundo Gervásio Batista Aranha²²¹, o impacto provocado por certas conquistas materiais passam ao imaginário urbano como símbolos do progresso. Em Caicó, o Telégrafo, instalado em 1917; a usina elétrica em 1925, substituindo a iluminação a gás; escolas públicas e particulares atendendo a demanda da cidade e da circunvizinhança; um hospital cuja construção iniciou-se em 1926, e aparelhado para suprir a demanda nos atendimentos a micro-região do Seridó; o Cinema Teatro Avenida (1925), eram símbolos que possibilitavam a população da cidade vivenciar os ares do progresso e de adiantamento.

Ainda segundo Aranha, a idéia de modernidade, de progresso se configura menos por cenários urbanos com seu ritmo frenético e mais por uma ou outra novidade vinda do estrangeiro, a exemplo das que remetem a idéia de conforto ou rapidez e que passam ao imaginário como símbolos do moderno.²²² Os ares de modernidade não foram consumidos apenas por cidades de porte como Rio de Janeiro, São Paulo ou Recife mas também por cidades menores que vivenciaram em seu cotidiano a chegada dos signos do progresso.

Em seguida analisamos como os bens culturais foram elementos que transformaram o cotidiano das pessoas pelo consumo das mercadorias anunciadas nos jornais da cidade de Caicó. O espaço destinado as propagandas no *Jornal do Seridó*, *Jornal de Caicó* e no *Jornal das Moças*, nos possibilitaram aceder ao universo das mercadorias anunciadas pelos jornais da cidade: lojas de vestuário,

²²¹ ARANHA, Gervásio Batista. Seduções do Moderno na Parahyba do Norte: Trem de Ferro, Luz Elétrica e Outras Conquistas Materiais e simbólicas (1880-1925). In: Ó, Alarcon Agra do et al. *A Paraíba no Império e na República: Estudos de História Social e Cultural*. João Pessoa: Idéia, 2003. p. 79.

²²² ARANHA, Gervásio Batista. *op. cit.* p. 87.

farmácias, dentistas, ferragens, livrarias, remédios, anúncios de carros, pneus, gasolina, hotel, etc.

Dois outros espaços reforçavam a representação de Caicó como uma cidade adiantada e consubstanciada com o progresso: o cinema e a festa de Sant'Ana. O cinema era reivindicado pela sua dimensão pedagógica e incorporado aos espaços de sociabilidade caicoense, visto, inclusive, como um espaço que deixava os cidadãos antenados com as novidades do mundo exterior. Já a festa de Sant'Ana se constituiu num espaço de reforço do que era tradicional, mas ao mesmo tempo, transformou-se numa vitrine onde os habitantes queriam exibir, tanto para os nativos quanto para os visitantes, uma cidade antenada com o progresso. De certa forma, esta compreensão e investimento na festa permanecem ainda em nossa contemporaneidade.

Paradoxalmente, a cidade desejada pela elite letrada ganhou outros personagens que emergem nessa trama de recusa e sedução, entre fins da década de 1920 e nos primeiros anos de 1930. Em 1932, por exemplo, o espaço de sedução da cidade de Caicó se tornou o espetáculo do drama advindo com a longa estiagem. Seu perímetro urbano foi invadido por inúmeros famélicos em busca de auxílio. Um ambiente de insegurança foi gestado pela presença insistente dessas pessoas que davam um outro aspecto à “Capital do Seridó”: da fome, da doença e da morte. Através do controle, da estatística e dos investimentos em projetos de mitigação dos efeitos sócio-econômicos advindos com as estiagens prolongadas, houve uma tentativa de racionalização e modernização da máquina pública: obras como o Açude Itans e a abertura de estradas foram criadas no intuito de aproveitar o excedente de mão-de-obra e ao mesmo tempo investir na modernização dos sertões.

Portanto, poderíamos afirmar, ao desfecho deste trabalho, que a cidade de Caicó vivenciou de forma intensa os ares da modernidade, mesmo que não tenha a dimensão dos grandes centros do país e do mundo. Da brecha aberta por aquelas idéias, inegavelmente também se reforçou culturalmente um espaço da tradição.²²³

²²³ Sobre esta discussão e os limites de uma modernidade no Seridó ver: ARAÚJO, Douglas. *A Morte do Sertão Antigo no Seridó: o desmoronamento das fazendas agropecuarísticas em Caicó e Florânia. (1970-90)*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2005.

Acervos e Fontes

Laboratório de Documentação Histórica (LABORDOC), Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Leis, Códigos e Processos-crime:

CÓDIGO DE POSTURAS DE CAICÓ – 1928. Documentação Avulsa – Laboratório de Documentação Histórica - CERES/UFRN.

PROCESSOS - CRIME – (1926- 1936). *Fundo da Comarca de Caicó – subfundo do 1º Cartório Judiciário* – Laboratório de Documentação Histórica – CERES/UFRN.

Jornais:

DAS MOÇAS – 1926. Fundo Joaquim Martiniano Neto – Laboratório de Documentação Histórica, CERES/UFRN, Caicó.

Matérias:

Flor de Liz. *Jornal das Moças*, Caicó, 07 de fevereiro de 1926. p. 01.

Birimbau. *Jornal das Moças*, Caicó, 07 de fevereiro de 1926, p. 02-06.

(Sem autoria). *Jornal das Moças*, Caicó, Notas sociais, 21 de fevereiro de 1926, p. 03.

(Sem autoria). Notas sociais. *Jornal das Moças*, Caicó, 07 de março de 1926, p. 03.

Flor de Liz. Notas. *Jornal das Moças*, 23 de maio de 1926, p. 02.

(Sem autoria). Capital do Seridó? *Jornal das Moças*, Caicó, 20 de junho de 1926, p. 02. (Sem autoria). Notas sociais. *Jornal das Moças*, Caicó, 20 de junho de 1926, p. 04.

(Sem autoria). *Jornal das Moças*, Caicó, 29 de junho de 1926, p. 01.

(Sem autoria). *Jornal das Moças*, Caicó, 05 de Julho de 1926, p. 05.

Renato Dantas. A Cura da Tristeza. *Jornal das Moças*, Caicó, 18 de julho de 1926, p. 01.

C. J. Chroniqueta. *Jornal das Moças*, Caicó, 20 de julho de 1926, p. 02.

(Sem autoria). Pelas arvores. *Jornal das Moças*, Caicó, 27 de julho de 1926, p. 01.

Myosotis. Chronica da Festa. *Jornal das Moças*, 27 de julho de 1926, p. 01.

(Sem autoria). Realizações. *Jornal das Moças*, Caicó, 07 de Agosto de 1926, p. 03.

C. J. Chroniqueta. *Jornal das Moças*, Caicó, 05 de Setembro de 1926, p. 01.

Flor de Liz. A nota. *Jornal das Moças*, Caicó, 26 de Setembro de 1926, p. 01.

Flor de Liz. A Nota. *Jornal das Moças*, Caicó, 31 de outubro de 1926, p. 01.

DE CAICÓ – 1931. Fundo da Comarca de Caicó – subfundo do 1º Cartório Judiciário – Laboratório de Documentação Histórica, CERES/UFRN, Caicó.

O SERIDOENSE – 1925. Fundo da Comarca de Caicó – subfundo do 1º Cartório Judiciário – Laboratório de Documentação Histórica, CERES/UFRN, Caicó.

DO SERIDÓ – 1931. Fundo da Comarca de Caicó – subfundo do 1º Cartório Judiciário – Laboratório de Documentação Histórica, CERES/UFRN, Caicó.

Biblioteca Municipal de Caicó

Jornal A REPUBLICA

Questionário d A Republica ás Prefeituras Municipais, Natal, 05/01/1932, p. 01.

Telegramas, Seca do Rio Grande do Norte, Natal, 06/01/1932, p. 01.

O Exemplo de Caicó, Natal, 06/01/1932, p. 01.

Jeferson Urbano, Pro-flagelados, Natal, 12/01/1932, p. 01.

O que vem conseguindo o comte. Cascardo em favor do RN, Natal, 26/02/1932, p. 01.

Missão da Cruz Vermelha, Natal, 27/02/1932, p. 04.

Chuvas, Natal, 28/02/1932, p. 01.

Pelos Flagelados, Natal, 12/04/1932, p. 01.

As medidas urgentes de socorro aos flagelados, Natal, 15/05/2006, p. 01-04.

A Lavoura Algodoeira em face da seca deste ano, Natal, 26/05/1932, p. 01-04.

Como os “Diários Associados ”apreciam a personalidade do ministro Jose Américo, Natal, 21/06/1932, p. 04.

Importantes declarações do ministro Jose Américo do “Jornal” do Rio de Janeiro,

Natal, 22/06/1932, p. 01.

Foi aberto um crédito de mil contos para Serviços de Açudagem, Ferroviário, Rodoviário, Destinados aos Flagelados do Nordeste, Natal, 26/06/1932, p. 01.

Governo Federal Decreto nº. 21 Modifica Provisoriamente o Regulamento da Inspeção de Obras Contra as Secas, Natal, 01/07/1932, p. 01.

Diretoria Geral das Secas, Natal, 17/09/1932, p. 04.

Pela Pecuária, Natal, 12/11/1932, p. 01.

Joaquim Pontes Galvão, Departamento de Saúde Pública, Natal, 13/11/1932, p. 01.

Notas sobre o congresso dos Prefeitos, Natal, 18/11/1932, p. 03.

Robinson Silva, Obras Contradas as Secas, Natal, 08/12/1932, p. 01.

Departamento de Saúde Pública (Ofício anexado ao Jornal A República), Natal, 11/12/1932, p. 02-03.

Obras Contra as Secas, Natal, 12/12/1932, p. 01.

Arquivos da Câmara Municipal de Caicó e da Prefeitura Municipal de Caicó:

TELEGRAMAS, CARTAS e OFÍCIOS da Prefeitura de Caicó nos anos de 1931 – 1934. Arquivo da Câmara Municipal de Caicó.

Literatura sobre Caicó no âmbito do período pesquisado:

ALBUM Fotográfico – Caicó, Ontem e Hoje. Caicó, 1994.

ALMEIDA, José Américo de. *O Ciclo Revolucionário do Ministério da Viação.* Rio de Janeiro: Nacional, 1934. p. 161.

ARAÚJO, Douglas. *A Morte do Sertão Antigo no Seridó: o desmoronamento das fazendas agropecuárias em Caicó e Florânia. (1970-90).* Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2005.

BARBOSA, Orris. *Seca de 32: impressões sobre a crise nordestina.* Rio de Janeiro:

ADERSEN – Editores, 1935.

CIRNE, Moacy. *A Invenção de Caicó*. Natal: Sebo Vermelho, 2004.

DANTAS, Eugenia Maria; MORAIS, Grinaura Medeiros de. *Livro de Memórias*. João Pessoa: Idéia, 2006.

FARIA, Oswaldo Lamartine. *Os Sertões do Seridó*. Brasília: Gráfica do Senado, 1980.

MACÊDO, Muirakytan Kennedy. *A Penúltima Versão do Seridó. Uma história do regionalismo seridoense*. Natal: Sebo Vermelho, 2005.

MARTINIANO NETO, Joaquim. *Fatos da História de Caicó*. Natal: COOJORNAT, 1987.

MEDEIROS, José Augusto Bezerra. *Seridó*. Brasília: G/S, 1980.

MEDEIROS, Patrícia. *Lendo o Masculino pelo Feminino*. 2003. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó

MONTEIRO, Pe. Eymard. L'E. *Caicó: Subsídios para a história completa do Município*. 2ª edição (1ª edição 1944), Natal: Sebo Vermelho, 1999. p. 80-84.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Desvendando a Cidade: Caicó em sua dinâmica espacial*. Natal: Editora do Senado, 1999.

ROCHA NETO, Manuel Pereira. *Jornal das Moças (1926-1936): educadoras em Manchete*. Natal: Dissertação de Mestrado, 2002.

VALLE, Francisco de Medeiros. *História do Açude Itans Município de Caicó – RN*. Brasília: S/E. -1994.

Referências

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. Recife/São Paulo: MASSANGANA/Cortez, 1998.

_____. *Zonas de Encrenca: algumas reflexões sobre poder e espaços*. Natal, 2005. p. 04. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/durval>. Acesso em: 2004/2007.

_____. *O teatro da história: os espaços entre cenas e cenários*. Natal, 2005. p. 04. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/durval>. Acesso em: 2004/2007.

_____. *As figuras do Sensível: história, cultura e espaço no Brasil do início do século XIX*. Natal, 2005. p. 04. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/durval>. Acesso em: 2004/2007.

ARANHA, Gervásio. *Seduções do Moderno na Parahyba do Norte: Trem de Ferro, Luz Elétrica e Outras conquistas Materiais e Simbólicas (1880-1925)*. In: Ó, Alarcon Agra do et al. *A Paraíba no Império e na República: Estudos de História Social e Cultural*. João Pessoa: Idéia, 2003.

ARRAIS, Raimundo. *Recife, culturas e confrontos*. Natal: EDUFRN, 1998.

_____. *O Pântano e o Riacho. A formação do espaço público no Recife do século XIX*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

_____. *A Capital da Saudade. Destruição e Reconstrução do Recife em Freyre, Bandeira, Cardozo e Austregésilo*. Recife: Bagaço, 2006.

ARRIÉS, Philippe; DUBY, Georges (org.). *Da Revolução à Grande Guerra*. In: *História da Vida Privada*. Lisboa: Afrontamento, 1990.

ARRUDA, Gilmar. *Cidades e Sertões: Entre a história e a memória*. Bauru, EDUSC, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BLOCH, Marc. *Introdução à História*. 6ª. Portugal: Europa América, 1976.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Portugal: Difel, 1989.

BURITI, Iranilson. “Fora da Higiene não há Salvação: a disciplinarização do corpo pelo discurso médico no Brasil Republicano”. In: *MNEME – Revista de Humanidades*. Caicó: UFRN/CERES, 2001. Disponível em: <http://www.seol.com.br/mneme/>. Acesso em 16/11/2005.

BRAUNSTEIN, Florence; PÉPIN, Jean-François. *O Lugar do Corpo na Cultura Ocidental*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

CALVINO, Italo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1990.

CANDIDO, Antonio *et al.* *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. Unicamp e Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CERTEAU, Michel. *Invenção do Cotidiano – artes de fazer*. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 2001.

CHARNEY, Leo ; SCWARTZ, R. Vanessa. *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: Cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural Entre Práticas e Representações*. Lisboa:

Difel, 1996.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

DANTAS, George; FERREIRA, Ângela Lúcia. (org.). *Surge et Ambula: A construção de uma cidade moderna, Natal: 1890-1940*. Natal: EDUFRRN, 2006.

DELEUZE, Gilles; E GUATARRI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo, Ed. 34, 1997.

DEL PRIORY, Mary Lucy Murray. A História do Corpo e a Nova História: uma autópsia. In: *Revista USP. Dossiê Nova História*, nº.23, São Paulo. Setembro/Outubro/Novembro, 1994.

DUARTE, Regina Horta. *História e Natureza*. Belo Horizonte, Autêntica, 2005.

ELIAS, Nibert. *O Processo Civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1971.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

GIDDENS, Anthony. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

GOMES, Renato Cordeiro. *A Crônica Moderna e o registro de representações sociais do RJ*. Disponível em: http://www.pacc.ufrj.br/literatura/polemica/renato_cordeiro_gomes.php Acesso em: 27.08.2006.

HARNER, June E. *Pobreza e Política: os pobres urbanos no Brasil – 1870 -1920*. Brasília: Ed. da UnB, 1993.

HARDMAN, Francisco Foot. *Trem Fantasma - a ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 2002.

HERSCHMANN, M. M.; PEREIRA, C. A. M. (org). *A Invenção do Brasil Moderno. medicina, educação e engenharia nos anos 20 e 30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos – O breve século XX (1914-1991)*. 2ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LE GOFF, Jaques (org). *As Doenças Têm História*. Lisboa: Terramar, 1985.

_____. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1994.

LIMA, Cunha Pessoa Daladier. *Noilde Ramalho: uma história de amor e educação*. Natal: Liga de ensino do Rio Grande do Norte, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. *O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MACÊDO e SILVA, Antonio Luiz. *Paisagens de consumo, Fortaleza no tempo da Segunda Grande Guerra*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002.

MCCRACKEN, Grant. *Cultura & Consumo. Novas atividades ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

MOTA, André. *Quem É Bom Já Nasce Feito: sanitarianismo e eugenia no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, p.07-28, dezembro/1993.

NEVES, Frederico. de Castro. *A multidão e a História: Saques e outras ações de massas no Ceará*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.

PAIVA, Eduardo França. *História e Imagens*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ORTIZ, Renato. *Cultura e Modernidade*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. *História e História Cultural*. Autêntica: Belo Horizonte, 2003.

_____. (org). *Escrita, Linguagem, Objetos. Leituras de História Cultural*. São Paulo: EDUSC, 2004.

_____. *O Imaginário da Cidade*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999, p. 156-231.

PIMENTEL, J. Os Muitos Tempos da Memória. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 17, p. 203-211, novembro/1998.

PINTO, Maria Inez Machado Borges. Cultura de massas e representações femininas na paulicéia dos anos 20. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 19, nº. 38, p. 139-163. 1999.

PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2001.

QUEIROZ, Raquel de. *O Quinze*. 62ª edição (1ª edição 1930). São Paulo: Siciliano,

1993.

RAMOS, Maria Bernadete. Ao Brasil dos meus sonhos: feminismo e modernismo na utopia de Adalzira Bittencourt. In: *Revista Estudos Feministas*. Cidade, vol., n, p. 2002,

REZENDE, Antônio Paulo. *(Des)encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: FUNDARPE, 1997.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato Em Branco E Preto: Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SCHORSKE, Carl E. *Pensando com a História: Indagações na passagem para o modernismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SEGAWA, Hugo. *Ao Amor do Público: jardins no Brasil*. São Paulo: FAPESP, 1996.

SENNET, Richard. *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro e São Paulo: Record, 2003

SKIDMORE, Thomas. *Era de Vargas*. In: *Brasil: De Getúlio a Castelo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p. 21-71.

SEVCENKO, Nicolau. O Prelúdio Republicano, Astúcias da Ordem e Ilusões do Progresso; A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau. (org.) *A História da Vida Privada no Brasil. República: da Belle Époque á era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 7-49; 513-621.

_____. *A Literatura Como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. *Cartografias e Imagens da Cidade: Campina Grande - 1920-1945*. 2001. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Campinas, Campinas. p. 27.

STALLYBRASS, Peter. *O Casaco de Marx. Roupas, Memória, Dor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

STELLA, Bresciani (org.). *Imagens da Cidade: Séculos XIX e XX*. São Paulo: Marco Zero, 1994.

THOMAS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *As Tradições Populares na Belle Époque Carioca*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1988.

VEYNE, Paul. *Como Se Escreve A História – Foucault revoluciona a História*. Brasília: EdUNb, 1998.